TIRADO Á PARTE DOS "ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, v. XI (1901)"

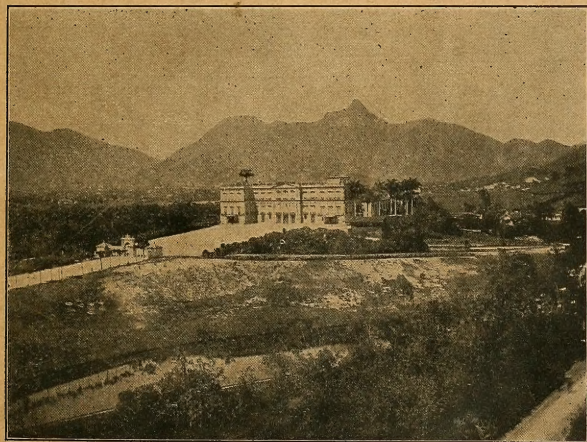
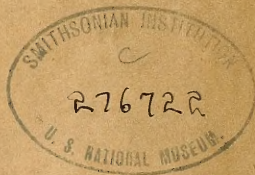
Contribuições para o conhecimento da Fauna Brazileira

CRUSTACEOS DO BRAZIL

THORACOSTRACEOS

POR

CARLOS MOREIRA

Assistente da Secção de Zoologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Dado á publicidade em 28 de Fevereiro de 1901.

A Miss Mary Rathbun.
Hommage de
Carlos Moreira
1-VII-1901.

CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA FAUNA BRAZILEIRA

CRUSTACEOS DO BRAZIL

POR

Carlos Moreira

ASSISTENTE DA SECÇÃO DE ZOOLOGIA DO MUSEU NACIONAL

A unica tentativa que tem sido feita até hoje, para reunir os elementos esparsos pelas diversas publicações scientificas, sobre a fauna carcinologica do Brazil, foi levada a effeito por Sidney J. Smith em 1869 *. O trabalho do carcinologo americano é, entretanto, mesmo para aquella epoca, bastante incompleto, impondo-se, portanto, a necessidade de refundil-o sobre bases mais amplas, com os novos elementos que têm sido dados á publicidade.

Ao proceder á determinação e organisação da collecção de Thoracostraceos do Museu Nacional, foi-nos facil verificar quaes as lacunas existentes no trabalho de Sidney Smith e julgar o valor de uma tentativa para o preenchimento dessas lacunas, quer para o conhecimento da fauna carcinologica do Brazil, até hoje estudada, quer como contribuição para a zoogeographia.

Quanto á nomenclatura procurámos cingir-nos aos trabalhos mais recentes de illustres carcinologos e ás leis da «Deutschen Zoologischen Gesellschaft», dictadas pela sabia intenção de pôr um termo á anarchia, que tendia a invadir a nomenclatura zoologica. Oxalá que todos os naturalistas, bem comprehendendo-as, a ellas se conformassem, com a

---

* Transactions of the Connecticut Academy v. II (1871-1873).

louvavel intenção com que foram promulgadas. Nenhuma disposição tendo sido tomada pela « Deutschen Zoologischen Gesellschaft » quanto ao grande numero de synonymos de muitas especies, que sobrecarregam o texto das obras de historia natural, julgamos que bem procediamos transferindo-os para as ultimas paginas e dando-lhe uma disposição que, crêmos, facilitará a consulta.

Julho de 1899.

Carlos Moreira.

NOTA — *As especies precedidas de um asterisco * não se acham representadas na collecção do Museu Nacional do Rio de Janeiro.*

ADDENDA

Pag. 61:

Lophactæa lobata (M. EDW., 1834).

Lophactæa lobata (M. Edw.), Miers, Challenger Brachyura, pag. 113, et synonyma.

Procedencia: Ilha Fernando de Noronha (Branner, 1876), ou Plataforma-Bahia (R. Rathbun, 1876).

Pag. 83:

Munida erinacea (A. M. Edw.), Henderson, Challenger, Anomura, etc.

Pag. 85:

Pagurus arrosor (Herbst.), A. M. Edw. et Bouvier, Camp. Scient., du Prince Albert. 1er de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 54 (1899).

Pag. 94:

Ethusina abyssicola (Smith), A. M. Edw. et Bouvier, Camp., Scient. du Prince Albert 1er de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 18 (1899).

Pag. 99:

Grapsus grapsus (L.), A. M. Edw. et Bouvier, Camp. Scient. du Prince Albert 1er de Monaco, fasc. XIII, Crust. Decap., pag. 37 (1899).

NOTA — Só muito tarde nos foi possivel consultar a « Revision of the Nomenclature of the Brachyura », publicada por M. Rathbun no v. XI dos Proceedings of the Biological Society of Washington e para isso foi preciso que a adquirissemos por compra, por não a ter recebido a bibliotheca do Museu. Por esta publicação vê-se que M. Rathbun propoz com uma differença de 42 dias a seu favor, contra Ortmann, a designação *Ucides* para o genero *Uca* de Latreille (9 de junho de 1897), tendo Ortmann, sómente em 20 de julho proposto a de *Oedipleura*.

Quanto á substituição de *Panopeus* por *Eurypanopeus*, por ser *Panopeus* um « nomen præoccupatum » (*Panopea*, Ménard, Ann. Mus., Paris, IX, 135 «1807»), não vemos nisso grande vantagem, pois que *Panopeus* não é propriamente o mesmo que *Panopea*, como Antonius não é o mesmo que Antonia e Marius que Maria e não se prestam á confusão.

O paragrapho das « Regeln für die Wissenschaftliche Benennung der Thiere, der Deutschen Zoologischen Gesellschaft » que autorisa taes mudanças, é bem claro:

§ 24. *Innerhalb des Thierreiches darf der gleiche Gattungsname nur eimal vorkommen. Unzulässig ist auch ein Gattungsname, der schon als Name einer Untergattung eingefuhrt ist.*

As especies descobertas pela expedição do Albatroz e estudadas por Miss Mary Rathbun (Proc. U. S. Nat. Museum, Washington, v. XXI, pag. 567 (1899), foram intercaladas neste trabalho, quando já estava em mão do impressor, por termos recebido muito tarde este volume, 3 de abril de 1900.

CRUSTACEOS

THORACOSTRACEOS

STOMATOPODES

SQUILLIDÆ:

Os Squillideos são vulgarmente conhecidos por: *Tamburutácas*.

Gonodactylus, Latreille, 1825.

* Gonodactylus falcatus (FORSKAEL, 1775).

Esta especie não se acha representada na collecção do Museu Nacional. Incluimol-a em o numero das especies de Crustaceos proprios da costa do Brazil, baseados na opinião de S. J. Smith, que, embora ponha em duvida a identidade dos exemplares colligidos pelo Prof. Hartt em Abrolhos e Caravellas — Estado da Bahia — com o *G. falcatus* do antigo continente, reconhece, entretanto, que não differem da especie propria das Antilhas e Florida, que B. Sharp considera como *G. falcatus* e, segundo este naturalista, vive em todos os mares. Payne Bigelow apenas nota pequenas differenças entre exemplares procedentes do Oceano Pacifico e da costa oriental da America, o que, em nossa opinião, apenas autorisariam a considerar os desta ultima procedencia como variedade e não como especie bem caracterisada.

Não tendo podido consultar a « Fauna orientalis » de Forskael, acceitamos como provada a reivindicação da preferencia que tem a designação especifica, baseando-nos na opinião de Benjamin Sharp.

Lysiosquilla, Dana, 1852.

Lysiosquilla scabricauda (LAMARCK, 1818).

Procedencia dos specimens existentes na collecção do Museu Nacional: Rio de Janeiro e S. Francisco (Estado de Santa Catharina).

Encontra-se esta especie nas costas americanas do Oceano Atlantico, desde Charleston (Gibbes), até S. Francisco, no Estado de Santa Catharina (Brazil); desta ultima localidade possue o Museu Nacional um bello exemplar do sexo masculino, de $0^{m},250$ de comprimento — do bordo anterior do casco á extremidade do telson.

Segundo Miers, a especie descripta por Herklots como *Squilla Hœveni* e procedente da costa occidental da Africa, é identica a esta, o que vem provar que sua área de dispersão estende-se a todas as costas americanas e africanas de iguaes latitudes, banhadas pelo Atlantico.

Claus dá a *Lysiosquilla scolopendra* (Latr.) *Coronis scolopendra* Latr, como do Brazil, (Grundzüger der Zoologie v. I, pag. 610 (1880); esta asserção é, entretanto, si não infundada, ao menos problematica, pois nem M. Edwards (Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 53, (1837), nem Miers (Ann. and Mag. of Nat. Hist. (5) V. v, pag. 9 (1880) garantem-lhe essa procedencia, inclinando-se antes a crer que Lalande a tenha obtido na ilha da Madeira e reunido a outros Crustaceos colleccionados no Brazil.

Squilla, Fabricius, 1798.

Squilla dubia MILNE EDWARDS, 1837.

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie no Oceano Atlantico, tomando-se como pontos de referencia as localidades extremas, ao Norte e ao Sul da costa oriental da America, em que foi encontrada, alcança ao Norte Charleston e ao Sul Rio de Janeiro.

O *habitat* desta especie não se acha circumscripto somente ao Oceano Atlantico; mas encontra-se tambem no Oceano Pacifico, como ficou provado pelo exemplar obtido pelo Dr. W. U. Jones, da marinha norte-americana, em Guayaquil, Equador, [1]

Os Snrs. E. J. Miers e Robert Payne Bigelow mantêm-se em duvida sobre a identidade da *S. dubia* de Milne Edwards com a *S. rubrolineata* de Dana; de facto, a diagnose de M. Edwards é insufficiente e já em 1872 von Martens fizera-o sentir, considerando-a, entretanto, provavelmente identica a *S. rubrolineata* de Dana.

O unico processo seguro para chegar-se a um resultado incontestavel; seria o da comparação de verdadeiros exemplares da *S. rubrolineata* com o typo da *S. dubia*, que deve existir no Museu de Paris; mas na falta deste podemos tambem chegar a uma conclusão logica, comparando attentamente os textos das diagnoses existentes da *S. scorpio* a que M. Edwards refere a sua diagnose da *S. dubia* com a desta e a da *S. rubrolineata*.

M. Edwards, descrevendo a *S. nepa* [2], compara-a á *S. mantis;* confrontando as diagnoses, vê-se que o caracter que este naturalista assignala como essencial da *S. mantis* é o seguinte : « abdomen s'elargissant vers le bout et presentant en dessus *huit rangées longitudinales de petites crêtes, saillantes* ». Descrevendo a *S. nepa*, diz: « espèce extrémement voisine de la précedente *(S. mantis)* » e mais,

[1] R. Payne Bigelow, Proceedings of the U. S. National Museum, vol. XVII, pag. 518 (1894.)

[2] Histoire naturelle des Crustacés, v. II, pags. 520 — 523 (1837).

« abdomen et pates cheliformes comme dans la S. *mantis* », e tomando como caracteres distinctivos da *S. nepa* os que o casco apresenta, diz : « son bord postérieur, garni d'une dent mediane dirigée en arrière et de forme triangulaire.»

Sobre a *S. scorpio* diz : « cette espèce très voisine de la précédente *(S. nepa) s'en distingue par la dispositon de l'abdomen* ; *les deux crêtes dorsales* (refere-se, evidentemente a duas das 8 que possue) *sont à peine marquées, le penultième anneau est garni en dessus de six eminences arrondies qui ressemblent à des gros tubercules allongés plutôt qu'à des crètes* (cristas sem aresta viva). La crête mediane du dernier segment est très grosse et obtuse ; *les six grosses dents marginales sont surmontées chacune d'un renflement piriforme et obtus, enfin il n'existe que quatre petites dentelures entre les grosses dents moyennes et trois ou quatre dentelures entre chacune de celles-ci et les suivantes* (caracter proprio da *S. rubrolineata)*. Il est aussi a noter que la portion mediane du bord postérieur de la carapace est droite et depourvue de dents et que les griffes ne sont armées que de cinq dents.»

Miers, á pag. 18 do vol. V da V serie, 1880, dos Annals and Magazine of Natural History, descrevendo a *S. scorpio,* observa o seguinte : In adult males the carinæ of the penultimate post abdominal segment and the median carina and marginal teeth of the terminal segment are considerably thickened. This peculiarity is not observable in a female (apparently adult) and two younger individuals in the Museum collection. Ficam, pois, *les eminences arrondies,* de Milne-Edwards, que v. Martens [1] tomou ao pé da letra, reduzidas a simples cristas (carinæ) grossas e obtusas e que parece não se apresentarem commummente sob esse aspecto nos individuos dos dous sexos.

Completando-se com estes elementos a deficiente diagnose de Milne-Edwards, vê-se que a *S. dubia* possue os seguintes caracteres essenciaes: Oito cristas na face dorsal de cada segmento post-abdominal, que, segundo Miers, prolongam-se posteriormente em pontas, as do 6º segmento e as do 5º, excepto as submedianas; as cristas são mais fortes do que as da *S. scorpio*; 4 dentes entre os grandes dentes submedianos e 3 ou 4 entre estes e os seguintes (este caracter constitue uma media do numero de dentes, commum á *S. scorpio* e á *S. dubia*; dactylos dos chelipedes providos de 6 dentes ; vê-se, pois, que estes caracteres correspondem perfeitamente aos da *S. rubrolineata.*

Sem hesitar, portanto, consideramos, seguindo o exemplo de B. Sharp, a *S. rubrolineata* de Dana synonymo da *S. dubia* de M. Edwards.

A *S. mantis* de Desmarest, que tem sido considerada synonymo da *S. rubrolineata,* não é mais do que a verdadeira *S. mantis* Rond., como passamos a provar.

Comparando as diagnoses de M. Edwards e Desmarest, [2] vê-se que este naturalista refere-se evidentemente á *S. mantis* Rond ; os caracteres que Desmarest dá são communs á *S. mantis* Rond. e M. Edwards e á *S. dubia.*

---

[1] Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 146 (1872).
[2] Desmarest, Consid. sur les Crust. pag. 250 (1825).

Tendo Desmarest deixado de mencionar os caracteres que distinguem as duas especies, só nos resta um recurso para verificarmos a qual o autor se refere e que vem a ser, a procedencia e o colorido.

Até hoje, só se tem obtido exemplares da *S. dubia* das costas orientaes da America e ultimamente um exemplar de Guayaquil (costa occidental da America do Sul), a procedencia que Desmarest dá para a *S. mantis*, que elle descreve, é o Mediterraneo, que tambem é a da *S. mantis* Rond.

O colorido que Desmarest assignala como proprio da *S. mantis* não é de modo algum o da *S. dubia;* mas sim o da *S. mantis* Rond., como se póde ver pela comparação do colorido das duas especies :

S. dubia M. EDWARDS » rubrolineata DANA	S. mantis DESMAREST
Colorido geral verde com tons amarellados produzidos pela combinação de um ponteado cerrado d'estas duas côres; cristas do casco e post-abdomen e as series de pontos que ladeam a crista central do telson carmesim; dactylo dos chelipedes, verde claro; propode azul na sua extremidade distal, côr que vai desmaiando até á sua extremidade proximal; orla dentada e crista central do telson azul violeta; cilios das palhetas terminaes dos appendices cephalicos, thoracicos e abdominaes laranjo; cornea parda; palhetas terminaes dos uropodes roseas.	De um branco nacarado com tons azulados e violeta; pernas verde mar, duas manchas azues violeta sobre o ultimo segmento abdominal (traducção).

O colorido dos exemplares da *S. dubia*, que temos podido observar (recentemente pescados), concorda perfeitamente com o da *S. rubrolineata*, dado por Dana, ao passo que o colorido da *S. mantis* de Desmarest refere-se evidentemente ao da *S. mantis* Rond. (vide M. Edwards Crust, in Cuvier, Régne Animal pl. LV. fig. 1)

Dando-se a hypothese provavel que a estampa do « Régne Animal » tenha sido feita por um exemplar em alcool, o resultado do parallelo é identico; nos exemplares em alcool da collecção do Museu não se nota vestigio algum das manchas do telson, que se acham bem definidas na estampa do « Régne Animal ».

Resta-nos, em ultima analyse, a estampa que acompanha a obra de Desmarest e representa a *S. mantis*. A' primeira vista, ella assemelha-se a exemplares da *S. dubia* que tenham permanecido pouco tempo em alcool, mas não póde este facto servir de argumento, porque o desenho, tendo sido executado de perfil, não nos faculta a contagem dos dentes terminaes do telson, que, seja dito de passagem,

foram desenhados muito exageradamente grossos e os processos lateraes dos tres primeiros segmentos thoracicos descobertos não representam os da *S. dubia*.

Baseando-nos no que acabamos de expor, deixamos de considerar a *S. mantis* de Desmarest como synonymo da *S. dubia*, M. Edwards.

Squilla prasinolineata DANNA, 1852.

Os exemplares da collecção do Museu Nacional são de Pernambuco, Bahia ou Rio de Janeiro. Não encontramos indicação alguma de localidade certa, mas presumimos que provenham de uma das localidades acima indicadas, por se acharem no mesmo bocal com crustaceos daquellas procedencias.

Os specimens do Museu Nacional, que são incontestavelmente da *S. prasinolineata* Dana, apresentam os caracteres da *S. dufresni* Leach (Miers) e aos da especie que Miers classifica com hesitação como *S. prasinolineata*; os tres segmentos thoracicos descobertos nos exemplares do Museu Nacional constituem um termo médio entre os da *S. dufresni* e da *S. prasinolineata*, comparados com os das estampas que acompanham a obra de Miers, o numero de dentes entre os dentes maiores submedianos do telson, parece muito variavel, como se dá com a *S. dubia*; em um dos exemplares existem cinco destes dentes e em outro quatro e a crista mediana do casco, tanto é bipartida posteriormente á sutura cervical, como na sua parte anterior (indistinctamente).

O Sr. Bigelow — Proc. of the Nat. Mus., Washington, pag. 521 (1894) diz que, segundo Ives, a especie que Miers descreveu como *S. prasinolineata* Dana?, deveria ser descripta sob outra designação. Não somos desta opinião; os caracteres que Miers dá como proprios da especie que elle descreveu não justificariam de modo algum consideral-a uma especie bem definida, differente da *S. prasinolineata* Dana: apontal-a como uma variedade é o mais que se poderia fazer.

Embora a designação de Leach seja anterior á de Dana, o direito á prioridade cabe incontestavelmente a este ultimo. Miers só veio a ter conhecimento da designação que Leach deu a esta especie por uma etiqueta collocada por este naturalista em um exemplar do Museu Britannico e a designação especifica da Leach ainda não tinha sido justificada por uma descripção ou figura, quando Dana descreveu e figurou esta especie.

Observação:— Já tinhamos escripto as notas sobre os Stomatopodes e Decapodes Brachyuros e Anomuros, quando tivemos occasião de consultar o trabalho, do Sr. E. Ives, publicado nos Proc. of the Acad. of Nat. Sc. of Philadelphia, de 1891; em alguns pontos chegamos ás mesmas conclusões que o Sr. Ives, embora muito posteriormente, e julgamos que não haveria conveniencia em alterar as nossas notas.

O Sr. Ives obteve um exemplar desta especie, de pequenas dimensões e do sexo feminino, do Porto de Silam no Yucatan.

PODOPHTHALMOS

SCHIZOPODES

MYSIDÆ:

* Macromysis gracilis DANA, 1852.

Rio de Janeiro (DANA)

* Rachitia spinalis DANA, 1852.

Oceano Atlantico, ao largo da Bahia do Rio de Janeiro (Dana)

DECAPODES

MACRUROS

SERGESTIDÆ:

Lucifer, J. V. Thompson, 1829.

*Lucifer acicularis DANA, 1852.

Bahia do Rio de Janeiro (DANA)

PENÆIDÆ:

Designação vulgar: *Camarão*

Penæus, Fabricius, 1798

Penæus braziliensis LATREILLE, 1817.

Procedencia: Pernambuco

Commum em toda a costa do Brazil, apparece no mercado do Rio de Janeiro em grande abundancia.

A sua zona de dispersão abrange na região atlantica a costa occidental da Africa e oriental da America de iguaes latitudes.

Penæus setiferus (LINNÆUS, 1766).

Procedencia: Pernambuco, Rio de Janeiro

Como a anterior, esta especie é muito commum em toda a costa do Brazil e apparece em grande quantidade no mercado do Rio de Janeiro.

A zona de dispersão desta especie, pelo que se póde deprehender das unicas localidades onde tem sido encontrada, limita-se á costa oriental da America desde Charleston até aos Estados do Sul do Brazil.

Admittindo-se como exacta a procedencia (côtes du departement de la Vendée Cons. Crust., pag. 225) que Desmarest dá para o *Penœus orbignyanus* Latr., que é synonymo desta especie, sua area de dispersão tenderia a ser identica á da especie anterior; mas, até ulteriores averiguações, mantemos a que acima assignalamos como propria do *Penœus setiferus* L.

* Penæus kröyeri HELLER, 1862.

Rio de Janeiro (Heller), Caravellas — Bahia — (S. Smith)

Benthesicymus, S. Bate, 1881

* Benthesicymus braziliensis S. BATE, 1881.

Oceano Pacifico e Atlantico, ao largo da costa do Brazil, á profundidade de 1100 a 2440 toezas (fathoms).

* Artemesia longinaris S. BATE, 1888.

Ilha Fernando de Noronha e Montevidéo (S. Bate); Republica Argentina, mar del Plata, Bahia Blanca (C. Berg.)

Sicyonia, Milne Edwards, 1830

Sicyonia carinata (OLIVIER, 1811).

Procedencia: Rio de Janeiro

O Sr. Walter Faxon (Memoirs of the Mus. of Comp. Zool. at Harward College, Cambridge, U. S. A. v. XVIII, pag. 179, 1895) adoptou definitivamente a classificação proposta pelo Sr. Miers *Sicyonia edwardsi* (Ann. and Mag. of Nat. Hist. (V), 8, pag. 367, 1881) em substituição á de Olivier — *Sicyonia carinata*, por já ter sido esta ultima designação applicada anteriormente por Olivi (Zoologia Adriatica) á especie que M. Edwards classificou de *S. sculpta*.

M. Edwards (Ann. des Sc. Nat. I ser. v. XIX, pag. 340), embora julgue provavel que o *Cancer carinatus* de Olivi seja identico á *Sicyonia sculpta*, preferiu descrevel-a e figural-a sob esta ultima designação pela simples razão que os caracteres que Olivi dá como proprios do *Cancer carinatus* (refere-se sómente á estampa) não correspondem aos que a *S. sculpta* apresenta. Miers tambem não dá como resolvida a perfeita identidade das duas especies, pois que, tratando desta questão, diz «*If as appears to be the case, Olivi's name. etc,*» e prefere continuar a adoptar a terminologia geralmente acceita.

Póde bem ser que a estampa da obra de Olivi, a que se refere M. Edwards, tenha sido mal executada, o que realmente dá-se com as de outras obras de autores seus contemporaneos; mas, como não temos em mão a Zoologia adriatica de Olivi, nada podemos dizer a respeito e prefirimos continuar a adoptar a classificação de Olivier (M. Edwards).

Gennadas, S. Bate 1881

* Gennadas parvus S. BATE, 1881.

Pernambuco, a 675 braças de profundidade (S. Bate).

ATYIDÆ:

Atyoida, Randall, 1839

Atyoida potimirim FRITZ MÜLLER, 1881.

Procedencia: Jacarépaguá (Rio de Janeiro) Iguape (S. Paulo).

A área de dispersão desta especie, a julgar-se pelas localidades onde foi encontrada, é ainda muito restricta; rio Itajahy (Estado de Santa Catharina), Fritz Müller; perto de S. Sebastião (Estado de S. Paulo) H. v. Ihering, Ortmann; pescamos exemplares desta especie em um riacho em Jacarépaguá, localidade não muito distante do Rio de Janeiro e o naturalista viajante do Museu Nacional, Santos Lahera pescou alguns exemplares em Iguape (S. Paulo), na fonte dos Marinheiros.

PANDALIDÆ:

Plesionika, S. Bate, 1888

* Plesionika uniproducta S. BATE, 1888

Pernambuco, Barra Grande, á profundidade de 350 braças (S. Bate).

Nothocaris, S. Bate, 1888

* Nothocaris geniculatus (A. M. EDWARDS, 1883)

Barra Grande, a 350 braças (S. Bate).

ALPHEIDÆ:

Alpheus, Fabricius, 1878

Alpheus heterochelis SAY, 1818

Procedencia: Abrolhos (Bahia) Hartt ; Rio de Janeiro

Encontramos exemplares desta especie na bahia do Rio de Janeiro, em esponjas e em madeiros podres e carcomidos.

A sua área de dispersão abrange as costas da Carolina do Sul, archipelago das Bermudas e Bahamas, golfo do Mexico, costas da America do Sul banhadas pelo Atlantico, até Rio de Janeiro e no Oceano Pacifico as costas da California e da America central.

O Sr. B. Sharp considera o *Alpheus æquidactylus* de Lockington, [1] como synonymo desta especie; não somos da opinião daquelle naturalista, pois Lockington descrevendo o *A. æquidactylus* diz: «Front trirostrate, without sulcus between rostrum and ocular spines; the latter short, not greatly in advance of the eyes the former extending slightly beyond first joint of antennular peduncle», ao passo que no *A. heterochelis* os sulcos ou depressões entre o rostrum e os olhos são bem accentuados.

Lockington só teve como material para estudar e descrever a sua especie um exemplar secco e em mau estado; póde bem ser que os sulcos entre os olhos e o rosto tenham desapparecido pela deseccação, ou uma anomalia que apresentava o exemplar que este naturalista teve á sua disposição, mas, na duvida, conscienciosamente não podemos consideral-o synonymo do *A. heterochelis* Say.

* Alpheus malleator DANA, 1852

Rio de Janeiro? (Dana).

* Alpheus minus SAY, 1818

Rio de Janeiro? (Dana), Bahia—ao largo—(S. Bate).

Esta especie e a anterior não se acham representadas na collecção do Museu Nacional. Dana classificando exemplares de *A. minus* Say, como especie nova, sob a designação de *A. tridentulatus*, dá-os como do Rio de Janeiro, porém em duvida.

Tanto na reivindicação da preferencia que tem a classificação de Say sobre a de Dana, como quanto aos synonymos que citamos, fazemol-o baseando-nos na opinião de B. Sharp (Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., part. I, pag. 114 (1893).

---

[1] Ann. and Mag. of Nat. Hist. (5), v. I, pag. 472 (1878).

* Alpheus intrinsecus S. BATE, 1888.

Bahia — ao largo, á profundidade de 7 a 20 braças (S. Bate).

HOPLOPHORIDÆ:

Acanthephyra, A. Milne Edwards, 1881.

* Acanthephyra edwardsi S. BATE, 1888.

Ao sul de Pernambuco, a 770 braças (S. Bate).

Hymenodora, G. O. Sars, 1877.

* Hymenodora mollis (S. SMITH 1883).

Pernambuco — ao largo — a 675 braças de profundidade (S. Bate).

Notostomus, A. Milne Edwards, 1881

* Notostomus brevirostris S. BATE, 1888

Pernambuco a 675 braças de profundidade (S. Bate).

HIPPOLYTIDÆ:

Hippolyte, Leach, 1815

* Hippolyte exilirostratus DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana)

* Hyppolyte obliquimanus DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana)

Amphiplectus, S. Bate, 1888

* Amphiplectus depressus S. BATE, 1888.

Pernambuco, Barra Grande, — ao largo, a uma profundidade de 350 braças (S. Bate).

PALÆMONIDÆ:

Leander, Desmarest, 1849

Leander paulensis ORTMANN, 1897.

Procedencia : Boa-Viagem, bahia do Rio de Janeiro.

A collecção do Museu Nacional possue 6 exemplares, que pescamos na concavidade de um rochedo, onde havia agua salgada, que só se renovava com a maré cheia.

Dos seis exemplares que podemos estudar, sómente um, uma femea, de $0^m.038$ de comprimento (da extremidade do rostro á extremidade do telson) apresenta a formula dos dentes do rostro, que o Sr. Ortmann dá como caracteristica desta especie; quanto aos caracteres proprios do segundo par de pernas, todos seis exemplares apresentam-nos, menos o que se refere ao comprimento relativo do dactylo e da palma. Ortmann diz: « o dedo delgado é tão comprido como a palma, e os exemplares do Museu Nacional apresentam-no mais curto do que a palma »; mas não é este um caracter bastante para considerarmos os exemplares do Rio de Janeiro como uma especie differente da de S. Paulo. O que podemos concluir d'estas e d'outras pequenas differenças, é que a especie è bastante variavel e não seria desprovida de interesse a comparação d'esta especie com outras do mesmo genero, que se lhe approximem, proprias de outras costas e outros mares.

Pelas formulas que achamos para os rostros dos seis individuos que estudamos, que foram encontrados juntos na mesma cavidade do rochedo e que quando vivos apresentavam o mesmo colorido, ver-se-á quão variavel é o numero de dentes da crista superior e inferior do rostro e, portanto, o espaço que conservam entre si.

1 ♀	de	32	milim.	de	comprim.	$\frac{10}{3}$
1 ♀	»	35	»	»	»	$\frac{8}{3}$
1 ♀	»	38	»	»	»	$\frac{11}{5}$
1 ♂	»	26	»	»	»	$\frac{8}{2}$
1 ♂	»	31	»	»	»	$\frac{10}{3}$
1 ♂	»	34	»	»	»	$\frac{10}{3}$

A forma do rostro e a disposição dos dentes na sua crista superior e inferior, no individuo que apresenta a mesma formula de Ortmann, concordam com a estampa que acompanha a sua monographia.

O numero de segmentos soldados e livres dos appendices filiformes terminaes externos das antennulas, concorda com os do *Leander paulensis* Ortm.

Emfim, devemos dizer que os exemplares que estudamos apresentavam um palpo bem desenvolvido na mandibula.

Leander potitinga ORTMANN, 1897

Procedencia: Mauá, Bahia do Rio de Janeiro.

Pescamos varios exemplares d'esta especie na embocadura de um pequeno rio em Mauá, na agua salobra. Existe tambem na collecção do Museu um exemplar, procedente, cremos, do Norte do Brazil.

O numero de dentes da crista superior e inferior do rostro, é mais constante nesta especie do que na precedente, e corresponde perfeitamente á formula que dá Ortmann.

O palpo da mandibula é mais desenvolvido n'esta especie que na precedente.

Consideramos esta especie de Ortmann e não de Fritz Müller, por ter sido aquelle naturalista o primeiro que a descreveu, tendo Fritz Müller sómente citado-a sem descrevel-a nem figural-a.

Palæmon, Fabricius, 1798

Designações vulgares: *Pitú*, *Camarão d'agua doce*, *Lagosta d'agua doce*.

* Palæmon amazonicus HELLER, 1862

Ortmann diz que, sem duvida, esta especie encontra-se em todo o territorio do Amazonas, desde a embocadura do rio d'este nome, até os Andes, no Perú, (rio Huallaga) e no Equador (rio Ponte), tambem no rio Oyapock (Guyana franceza), Surinann e colonia Risso, Rio Apa no alto Paraguay (Nobili).

Palæmon acanthurus WIEGMANN, 1836.

Procedencia: Pernambuco.

Possue o Museu Nacional grande quantidade de exemplares d'esta especie, procedentes de Pernambuco; sua área de dispersão, porém, estende-se a toda a costa do Brazil, desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Vive de preferencia na agua doce, na embocadura dos rios e nas lagôas e riachos proximos do littoral.

Ortmann diz que esta especie encontra-se occasionalmente na agua salgada, e Ihering affirma que na Bahia é pescada no mar e vendida no mercado para consumo.

O numero de dentes da crista superior e inferior do rostro é muito constante; sua fórma, porém, varia bastante, principalmente nos individuos jovens, sendo ora tão longo, ora mais curto que as palhetas das antennas externas, ora quasi rectilineo, ora curvado mais ou menos para cima e muitas vezes mutilado.

Os chelipedes das femeas são mais curtos delgados e menos providos de feltro no dactylo e parte distal do propode que os dos machos.

Ortmann e Ihering dão como muito provavél que o *P. borellii*[1] seja synonymo d'esta especie; somos da mesma opinião e aguardamos que a questão seja resolvida definitivamente.

* Palæmon nattereri HELLER, 1862.

Habitat: Rio Negro (Brazil) rio S. Lourenço (Guyana), valle do rio Zamora e valle do rio Santiago, Pozzanghere — no Equador — (Nobili).

Palæmon jamaicensis (HERBEST, 1796).

Procedencia: Piauhy (rio Piauhy), Rio de Janeiro (n'um riacho em Jacarépaguá).

Dos Palæmonideos da America esta é uma das especies, cuja área de dispersão está melhor conhecida, e é uma das especies de Decapodes communs á costa occidental da Africa e á America.

Na America do Sul tem sido encontrada, no Brazil, Equador, Venezuela; na America central e do Norte, no Panamá, Nicaragua, Guatemala, nas aguas doces da costa oriental do Mexico e nas da costa occidental até á California; vive tambem nas Antilhas, na Dominica, S. Martinho, Haiti, Cuba e Jamaica; e na Africa occidental, nos rios Congo, Coanza e Niger, em Kamerum e na Liberia.

Desta especie possue o Museu Nacional grande quantidade de exemplares, colligidos no Estado do Piauhy pelo Prof. Rathbun, membro da commissão dirigida por C. F. Hartt.

Os exemplares de maiores dimensões attingem $0^m,170$, da extremidade do telson á extremidade do rostro; com estes grandes exemplares que são todos do sexo feminino, encontramos grande porção de pequenos individuos, que, á primeira vista, parecem differentes, mas, por um exame acurado, verificamos serem pequenos exemplares desta especie. Entretanto, faremos sobre elles algumas considerações que o estudo detido e o confronto nos suggeriram.

O rostro dos pequenos exemplares tem a mesma forma que o dos grandes; o numero de dentes da crista superior e inferior oscilla entre $\frac{14}{3}$ e $\frac{15}{4}$ em poucos chega a $\frac{16}{4}$, predominando $\frac{14}{3}$; o segundo par de chelipedes é desigual, sendo ora o chelipede esquerdo, ora o direito o maior, em uns a differença de tamanho é bastante sensivel, em outros pouco. A desproporção entre os dous chelipedes do segundo par é mais sensivel nos machos do que nas femeas, facto este que se observa tambem nos individuos de grandes dimensões; o carpo do chelipede maior é pouco mais curto que a palma e no chelipede menor pouco mais longo do que esta, estabelecendo-se a proporção entre o carpo e a palma dos individuos de pequenas dimensões e os dos de grandes, vê-se, que nestes ultimos o carpo é muito menor que a palma, ao passo que naquelles o carpo é quasi do mesmo

[1] Giuseppe Nobili, Viaggio del Dr. A. Borelli, Republica Argentina, Crostacei decapodi. Bolletino dei Musei di Zool. ed Anat. comp. di Torino, v. XI n. 265, 1896.

tamanho que a palma, sendo pouco menor do que esta no chelipede maior e pouco maior no menor; a superficie destes é coberta de espinhos curtos e curvos, que são maiores na parte de flexão do orgão; apresenta tambem muitos pellos bastante longos e a palma do chelipede maior é guarnecida de feltro bastante denso nas suas faces interna, inferior e externa, até ao sulco que corre parallelo ao bordo superior; o feltro da palma desapparece quando estes Decopodes attingem maiores proporções. O que nos auctorisa a assim pensar é a ausencia de feltro nos individuos grandes que possuimos, que apresentam, entretanto, o sulco parallelo ao bordo superior da palma que constitue o limite da área em que este existe nos individuos pequenos.

O bordo posterior do telson, nos individuos grandes é obtuso, arredondado e nos pequenos termina em ponta pouco saliente, mas nota-se em exemplares já bastante desenvolvidos tendencia para o embotamento da ponta.

As femeas de 0,m055 de comprimento já se acham carregadas de ovos; facto identico dá-se com o *Astacus fluviatilis*, [1] cujas femeas com 0^m,051 já se apresentam carregadas de ovos, attingindo o *Astacus fluviatilis*, como o *Palæmon jamaicensis*, 0^m,210 de comprimento (existe na collecção do Museu Nacional um exemplar do *Palæmon jamaicensis*, que mede exactamente 0^m,210 de comprimento, da extremidade do rostro á do telson).

Estes pequenos individuos do *Palæmon jamaicensis* correspondem provavelmente aos *P. aztecus* e *P. consobrinus* de Saussure, como tambem ao specimen a que se refere S. J. Smith, á pag. 24 do v. II das Trans. Conn. Acad. (1873).

As dimensões destes exemplares oscillam entre 0^m,070 e 0^m,050 da extremidade do rostro á do telson.

Palæmon potiuna FRITZ MÜLLER, 1892.

Procedencia: Rio de Janeiro (n'um riacho em Jacarépaguá), Casal, Ponte Nova e em Mauá, (Estado do Rio de Janeiro).

Desta especie de que até hoje só se tinha obtido exemplares do Estado de Santa Catharina (do rio Itajahy e de Joinville), pescamos grande quantidade em um riacho pouco profundo e pouco caudaloso, em Jacarépaguá, e no Casal (Estado do Rio de Janeiro), no rego que conduz agua para o engenho e que recebe-a de um affluente do rio Parahyba, obtivemos outros exemplares de Ponte Nova no mesmo Estado, pescados em um affluente do Parahyba; em Mauá encontramos esta especie na valla que corre ao lado da linha da Estrada de Ferro Leopoldina.

E' provavel, entretanto, a não ser que se admitta a concentração em Estados distantes, que viva pelo menos nos Estados de S. Paulo e Paraná, que se acham entre os dous Estados em que foi encontrado até hoje.

---

[1] Th. H. Huxley (*L'Ecrevisse*), edição da Bibliotheque Scientifique internationale, pag. 24 (1880).

Palæmon iheringi (ORTMANN, 1897).

Procedencia : Belém (Estado de S. Paulo.

Esta especie acha-se representada na collecção do Museu Nacional por exemplares typicos que nos foram cedidos pelo Dr. Hermann von Ihering, director do Museu do Estado de S. Paulo.

Ortmann dá para o numero de dentes do rostro a formula seguinte $\frac{9}{2}$; em 10 exemplares que examinamos encontramos as formulas seguintes.

4 exemplares. . . . . $\frac{7}{2}$
2 » . . . . $\frac{8}{1}$
2 » . . . . $\frac{8}{2}$
1 » . . . . $\frac{7}{1}$
1 » . . . . $\frac{10}{1}$

Os exemplares que Ortmann estudou eram: um macho do Alto da Serra e uma femea do rio Tieté (S. Paulo).

Palæmon olfersi (WIEGMANN, 1836).

Procedencia: Rio de Janeiro, Serra da Bica, em Cascadura e Jacarépaguá.

Esta especie tem sido encontrada, até hoje nas Antilhas (Cuba, Dominica), na Venezuela (em Macuto, perto de la Guyara) nos E. U. da Columbia (no rio Sabana na provincia de Darien nas circumvizinhanças do golfo de S. Miguel, no golfo de Panamá, na costa do O. Pacifico (Nobili) ; no Brazil (Rio de Janeiro — Jardim Botanico, Serra da Bica, em Cascadura (suburbio do Rio de Janeiro) em Jacarépaguá (localidade não muito distante de Cascadura), no Estado de S. Paulo (na ilha de S. Sebastião, na agua salobra ou do mar (Ihering) no Estado da Bahia e no Estado de Santa Catharina, rio Itajahy (Fritz Müller) ; na Africa occidental — S. Thomé —.

A área de dispersão desta especie, comquanto não seja tão vasta, assemelha-se, entretanto, á do *P. jamaicensis*, pois que, como este, é uma especie commum á costa occidental da Africa e á America.

Campylonotus, S. Bate, 1888.

* **Campylonotus capensis** S. BATE, 1888.

Pernambuco — ao largo, á 350 braças de profundidade (S. Bate).

GLYPHOCRANGONIDÆ :

Glyphocrangon, A. Milne Edwards, 1884.

* **Glyphocrangon aculeata** A. MILNE EDWARDS, 1884.

Pernambuco — ao largo, á profundidade de 675 braças (S. Bate).

PARASTACIDÆ:

Parastacus, Huxley, 1878.

Parastacus pilimanus (MARTENS, 1869).

Ed. von Martens obteve esta especie do Dr. Hensel, que a encontrou em Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul) e em Santa Cruz no alto rio Pardo, affluente do rio Jacuhy, em buracos cavados pelo animal, para refugio, no mesmo Estado.

Parastacus braziliensis (MARTENS, 1869).

Procedencia: Rio Grande do Sul.

Martens recebeu tambem os exemplares que serviram para classificar esta especie, do Dr. Hensel, que os obteve no Estado do Rio Grande do Sul, perto de Porto Alegre, em um riacho que corre sobre montanha fóra da cidade, como tambem do interior da região das florestas virgens, em poços e riachos pouco profundos.

PALINURIDÆ:

São vulgarmente conhecidos pela designação de *Lagosta*.

Senex, Pfeffer, 1881

Adoptamos o alvitre proposto por Pfeffer para substituir a designação *Panulirus* de Gray, pela de *Senex*.

Si o termo *Panulirus*, que não é mais do que um anagramma de *Palinurus*, tivesse alguma significação, poderia ser perfeitamente acceito e embora admitta-se que as designações, quer genericas, quer especificas, não teem outro valor que o de um nome de baptismo, não devem, entretanto, ser estas desprovidas de significação e, portanto, sem valor, e para impedir que se prosiga na pratica deste recurso para a obtenção de termos para a classificação das especies ou generos, pomos de parte, a exemplo de Pfeffer, a designação *Panulirus* de Gray e adoptamos a de *Senex*, que não é mais do que a traducção latina do termo com que, segundo De Haan, é designado no Japão (*Senex marinus*) o *Senex guttatus*.

Senex argus (LATREILLE, 1804)

Procedenia: Rio de Janeiro e Pernambuco.

A área de dispersão desta especie alcança ao norte as Antilhas e ao sul S. Paulo (ilha de S. Sebastião, Brazil (Ihering).

Senex guttatus (LATREILLE, 1804)

Procedencia: Pernambuco.

Encontra-se esta especie na costa oriental da America do Sul, nas Antilhas e no Oceano Pacifico, como provou Pfeffer pela identificação do *Senex japonicus*, De Haan, com esta especie e pelo estudo de exemplares das ilhas Sandwich; foi tambem ultimamente encontrada em Porto-Grande, Archipelago do Cabo Verde (Benedict).

Esta especie, conforme a região que habita, apresenta caracteres secundarios constituindo formas locaes que differem algum tanto umas das outras, o que levou alguns naturalistas a consideral-as como especies differentes, Pfeffer e v. Martens, porém, estabeleceram os caracteres essenciaes desta especie, de fórma a poder-se reconhecer o *Senex guttatus* (Latr.) nas diversas variedades locaes.

Senex lævicauda (LATREILLE, 1816-1819) (ESTAMPA I)

Procedencia: Pernambuco e Rio de Janeiro.

Existem na collecção do Museu Nacional cinco exemplares de differentes tamanhos, de uma especie de *Senex*, que, pelos caracteres que apresentam, não podem ser, com segurança, considerados como nenhuma das especies até hoje bem definidas.

Em 1872, v. Martens descreveu uma especie do genero *Senex* de segmentos abdominaes não sulcados transversalmente, [1] referindo-a em duvida ao *Senex ornatus* (Fabr.) por apresentar, o exemplar por elle estudado, os caracteres essenciaes do *Senex ornatus*, differindo sómente quanto ao colorido. Creio que v. Martens teve em mãos um exemplar da especie que possue o Museu Nacional do Rio de Janeiro, não me sendo, entretanto, possivel affirmar categoricamente a sua identidade, por não ter este naturalista mencionado a ausencia ou presença de palpo no terceiro par de maxillipedes (externos).

Nobili (Boll. Mus. Zool. ed Anatom. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 4, 1897) nada adianta á discripção de v. Martens, apenas refere-se ao colorido e, procurando identificar a sua especie *(Palinurus? martensi)* com a descripta por v. Martens, em duvida, como *(Panulirus) Senex ornatus* (Fabr.), [2] considera-a differente do *P. ornatus*.

Nobili não completou a descripção de v. Martens, não diz se a sua especie possue on não palpo (exopodite) no terceiro par de maxillipedes (caracter essen-

---

[1] Archiv für Naturgeschichte, 30 Jahrgang, erster Band, pag. 128 (66), 1872.
[2] v Martens — *Palinurus sp.* (*ornatus*, Olivier ?)

cial para a determinação das especies deste genero), e quasi no fim da sua nota sobre a sua especie diz:

Essa sarebbe in America l'unico representante dei PALINURUS *subgen. Panulirus a segmenti non solcati,* dedicando-a a v. Martens por ter sido este naturalista o primeiro a assignalar esta forma de segmentos abdominaes não sulcados, na America.

Nobili labora em erro, pois para verificar que o primeiro naturalista que assignalou uma especie do genero *Senex* de segmentos abdominaes não sulcados transversalmente, propria da America, foi Latreille que publicou uma diagnose (embora pouco completa) de uma especie da costa do Brazil, o *(Palinurus) Senex lævicauda*, basta consultar o v. II da Hist. Nat. Crust. de M. Edwards, pag. 301, 1837; Desmarest, Consid. Crust. pag. 186, 1825, ou a propria diagnose original de Latreille no Nouv. Dict. d'Hist. Nat., v. XVII,. pag. 295.

Pfeffer em seu trabalho sobre os Palinurideos do Museu de Hamburgo, á, vista da confusão e insufficiencia das diagnoses existentes do *Senex sulcatus* (Lam.), *S. fasciatus* (Fabr.) *e S. ornatus* (Fabr.) estabeleceu uma especie typica *S. brevipes* Pfeffer, passando as especies acima citadas a serem synonymas do *S. brevipes* Pfeffer; o *S. sulcatus* (Lam.) não è mais do que uma variedade, como já suppunha M. Edwards, do *S. ornatus* (Fabr.) e Pfeffer considera o *S. fasciatus* (Fabr)identico ao *S. ornatus* (Fabr.).

Pfeffer não tratou do *Senex lævicauda* (Fabr.) talvez por julgar a diagnose dada por Latreille e reproduzida por Desmarest e M. Edwards muito insufficiente.

Como se verá pela descripção abaixo, dos exemplares do Museu Nacional, não correspondendo os seus caracteres especificos aos do *S. brevipes* Pfeffer, nem podendo ser considerados variedades d'esta especie, torna-se necessario classifical-os, mas, para não introduzir uma designação nova, descrevemo-los sob a de *S. lævicauda*, por possuirem os caracteres, embora insufficientes, que Latreille dá como proprios desta especie e tambem por ser muito provavel que a especie que Latreille teve em mãos, devido a sua procedencia *(côtes du Brésil)*, fosse identica á que possue o Museu Nacional.

Da costa do Brazil só existem na collecção as seguintes especies deste genero:

Senex guttatus	(Latr.)	2 exemplares.
» argus	(»)	2 »
» lævicauda	(»)	2 »

Creio mesmo que o *S. lævicauda* é mais commum que o *S. guttatus* e o *S. argus*.

Testa aculeata; segmenta caudæ non transversim sulcata quintum par maxillipedum palpo caret, quartum par palpo cum flagello multiarculato munitum.

Flagello externo das antennulas provido de pellos em $\frac{1}{3}$ de seu comprimento, na face inferior.

Pedunculos das antennulas quasi tão longos como o das antennas, ou mais longos do que o destas, de quasi todo o comprimento do ultimo segmento (notamos apenas esta differença de comprimento em um unico individuo ♂ de 0m,310).

Annel antennal provido de quatro espinhos dispostos em quadrado, ás vezes entre elles existem um ou dois espinhos pequenos dispostos sem ordem.

3º par de maxillipedes (maxillipedes externos), completamente desprovido de palpo.

2º par de maxillipedes (maxillipedes médios) provido de palpo bem desenvolvido com o respectivo flagello multiarticulado.

Borda anterior do casco, entre os grandes espinhos post-oculares e os angulos lateraes, orlada de pequenos espinhos, pouco atraz destes estão collocados os dois grandes espinhos que existem commummente em outras especies, na borda do casco.

Borda anterior do epistoma munida de tres espinhos.

Os dois grandes espinhos curvos, post-oculares, menores do que os do *S. argus* e maiores do que os do *S. guttatus*.

Cephalothorax provido de espinhos que são em numero bastante consideravel na parte posterior do sulco cervical, entre os espinhos maiores existem pequenos espinhos que se transformam em tuberculos na parte latero-posterior do cephalothorax, os pequenos espinhos e tuberculos são guarnecidos na sua base de uma corôa de pellos.

O terceiro par de pernas é o mais longo, o primeiro alcança a extremidade do pedunculo das antennas e é mais grosso que os outros pares, o segundo par é mais longo que o primeiro e mais curto que o terceiro, o quarto quasi alcança a extremidade do propode do terceiro, o quinto apenas alcança o terço inferior do propode do quarto; o processo cheliforme do quinto par só é bem desenvolvido nas femeas, as differenças de comprimento e de grossura dos cinco pares de patas são muito mais sensiveis nos machos.

Os segmentos abdominaes são completamente desprovidos de sulcos transversaes.

Os lóbos lateraes dos segmentos abdominaes são arredondados na sua margem anterior, recurvados para traz, terminados em ponta e guarnecidos na parte posterior, em sua base, de um processo arredondado e orlado de pequenos espinhos.

A borda posterior do penultimo segmento abdominal é spino-dentada.

Os exemplares em alcool acham-se completamente descorados, e o colorido dos tres exemplares seccos é o seguinte:

a) 0,m 310 de comprimento da borda anterior do cephalotorax á extremidade posterior da palheta central do ultimo segmento abdominal (telson).

Cephalothorax, — parte anterior e central do sulco cervical, verde escuro com pequenas pintas amarello claro, grandes espinhos post-oculares, vermelhos com pintas amarellas, parte posterior do sulco cervical vermelha no centro, tornando-se amarella para as partes lateraes, onde os espinhos e tuberculos conservam a côr vermelha, quasi nas bordas infero-lateraes ha uma zona amarello

claro, delimitada na parte superior por uma linha recta que encontra-se com o sulco cervical na altura do primeiro par de pernas, a extremidade dos espinhos é verde; os tres primeiros segmentos abdominaes são laranjo na parte anterior, vermelhos na posterior e apresentam um alinhamento transversal muito regular, de pintas amarellas, parallelo e muito proximo da sua borda posterior, nos lóbos lateraes de cada segmento ha pintas amarellas, os outros segmentos apresentam o mesmo colorido, menos o vermelho e laranjo da borda posterior e anterior, o seu colorido geral é verde escuro, conservando comtudo na borda posterior uma area tranversal vermelho escuro, que é occupada pelo alinhamento de pintas amarellas; as pernas são listradas longitudinalmente de vermelho e na parte central destas listras ha ás vezes pintas amarellas; as palhetas dos appendices abdominaes são verdes ponteadas de amarello.

b) 0^m,290 de comprimento; neste exemplar nota-se o colorido do anterior, mas como que mascarado pelo verde, que é a côr predominante.

c) 0^m,190 de comprimento; o colorido é identico ao do exemplar *a*, porém, mais desmaiado no abdomen; no cephalothorax predomina o vermelho desmaiado.

Nota

Pfeffer nas «Verhandlungen des Naturwissenschaftlichen Vereins von Hamburg (1881)» descreve á pag. 41 uma especie sob a designação de *Senex longipes*, o termo *longipes* deve ser substituido, por ser um «nomen præoccupatum», pois já em 1868 A. Milne Edwards o tinha applicado a uma especie do genero *Senex* de Zanzibar, veja-se; (Nouv Arch. du Mus. d'Hist. Nat. Paris, vol. IV., pag. 87, pl. 21, 1868).

SCYLLARIDÆ:

Designação vulgar: *Lagostim.*

Scyllarus, Fabricius, 1798.

Scyllarus æquinoxialis FABRICIUS, 1798.

Procedencia: Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido encontrada desde Key West (Gibbes) até o Rio de Janeiro.

DECAPODES

ANOMUROS

GALATHEIDÆ:

Munida, Leach, 1820.

* Munida stimpsoni A MILNE EDWARDS, 1880.

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson), Antilhas (A. M. Edwards).

* Munida miles A MILNE EDWARDS, 1880.

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson), Antilhas (A. M. Edwards).

* Munida spinifrons HENDERSON, 1885.

Fernando de Noronha (Ilha) á profundidade de 7 a 25 braças (Henderson).

* Munida erinacea (A. MILNE EDWARDS, 1880).

Pernambuco « ao largo » a 350 braças de profundidade (Henderson).

Æglea, Leach, 1820.

Æglea lævis (LATREILLE, 1818).

Procedencia : Rio Grande do Sul.

A existencia desta especie foi pela primeira vez assignalada no Chile, [1] posteriormente tem sido encontrada na Republica Argentina, na do Uruguay e no Estado do Rio Grande do Sul, Brazil; em certas regiões, vive nos rios afastados da costa, em outras, porém, vive em rios não longe de beira-mar.

C. Berg [2] affirma que a *Æglea odebrechti*, Fritz Müller, é a mesma que a *Æglea lævis* (Latr.) e diz ter chegado a esta conclusão pela comparação de exemplares provenientes do Brazil com os do Chile, de Mendoza, de Buenos-Ayres e de Montevidéo, creio, porém, que este naturalista não fez mais do que comparar

---

[1] Segundo v. Martens, o viajante Friedr. Sello doou, em 1831, ao Museu de Berlim exemplares desta especie, procedentes de Porto Alegre (Brazil).

[2] Ann. Soc. Entom, France, v. LXI. 4º trimestre, Bull., Octobre, pag. CCVI (1892-1893) e Comunic, Mus. Nac., Buenos-Ayres, v. I, n. 1, pag. 7 (1898).

exemplares da *Æglea lœvis* de diversas procedencias, entre si, e não exemplares authenticos da *Æglea odebrechti* com os da *Æglea lœvis*, pois, neste caso, ousamos affirmar que não emittiria tal opinão, si não bastassem os caracteres especificos que o illustre naturalista Fritz Müller estabeleceu para distinguir a especie por elle descripta da de Latreille, a simples inspecção da estampa que acompanha o seu trabalho seria sufficiente para afastar qualquer hypothese de identidade das duas especies.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro possue grande quantidade de exemplares authenticos da *Æglea odebrechti* que lhe foram remettidos pelo proprio Fritz Müller, e bastantes da *Æglea lœvis*; as duas especies constituem dous typos perfeitamente caracterisados, que se distinguem á primeira vista. Julgar os caracteres que distinguem as duas especies simples caracteres de variedades, importaria em supprimir muitas especies affins, que, até hoje, têm sido julgadas bôas, mas cujos caracteres especificos têm menos valor que os que distinguem estas duas especies.

O cephalothorax da *Æglea odebrechti* é mais largo em relação ao seu comprimento que o da *Æglea lœvis*; a superficie das regiões hepathicas e branchiaes daquella especie apresentam grande quantidade de depressões puntiformes, que dão-lhe um aspecto irregularmente rugoso; o rostro da *Æglea odebrechti* é mais inclinado para baixo na base, recurvando-se para cima, do meio para a extremidade, o abdomen é mais longo e mais robusto na *Æglea odebrechti* que na *Æglea lœvis*, o telson é maior, suas bordas lateraes são levemente curvas e as latero-posteriores, que são quasi rectas, convergem para a extremidade, simulando uma mitra com o vertice virado para a parte posterior, ao passo que na *Æglea lœvis* elle é regularmente semi-circular e relativamente menor, bem como os uropodes.

Os chelipedes das duas especies differem muito, o carpo na *Æglea odebrechti* apresenta na sua face interna duas series semi-circulares de tuberculos conicos; a primeira serie supero-lateral é constituida por tuberculos pequenos e regulares e a segunda, que fica na borda interna, é constituida tambem por tuberculos conicos na parte posterior, que tornam-se mais longos da parte posterior para a anterior, os tres ultimos da parte anterior são verdadeiros espinhos, pussuindo ponta cornea, o penultimo tem o dobro do tamanho do antepenultimo e do ultimo, a *Æglea lœvis* não possue a serie supero-lateral de tuberculos, apenas apresenta geralmente tres espinhos grandes na borda interna, que vão augmentando de tamanho da parte posterior para a anterior, sendo o ultimo o maior.

A pinça, sobretudo, é bastante differente nas duas especies, a da *Æglea odebrechti* apresenta na parte interna da palma um processo lamellar semicircular muito desenvolvido, o dedo movel é quasi recto, a borda externa da pinça é convexa em todo comprimento da palma e concava na altura da metade do comprimento do dedo immovel, a face inferior da pinça apresenta tres cristas longitudinaes com pequenas depressões punctiformes, onde se implantam tufos de pellos, a primeira crista é parallela á borda externa e prolonga-se até á extremidade do

dedo immovel, a segunda termina na base d'este dedo e a terceira é parallela ás duas antecedentes e prolonga-se até á extremidade do dedo movel, a *Æglea lœvis* não possue o processo lamellar semicircular, seu dedo movel é curvo e não adapta-se tão completamente ao immovel como na *Æglea odebrechti* e as cristas da face inferior da pinça existem apenas vagamente indicadas.

O parallelo que acabamos de estabelecer entre as duas especies foi feito entre individuos do mesmo sexo e tamanho.

Em conclusão, os caracteres especificos proprios da especie de Fritz Müller são mais que sufficientes para justificar o modo acertado por que procedeu este illustre sabio, considerando-a differente da *Æglea lœvis* (Latr).

Æglea intermedia CHARLES GIRARD, 1855.

Procedencia: Estado de Santa Catharina.

Charles Girard [1] descreveu uma especie de *Æglea*, sob a designação especifica de *intermedia*, que não é mais que a *Æglea odebrechti* de Fritz Müller, cabendo áquelle naturalista o direito de prioridade. Consideramos a *Æglea odebrechti*, Fr. Müller, synonimo da *Æglea intermedia*, C. Girard.

Como a *Æglea lœvis*, a *Æglea intermedia* vive no Chile, circumscrevendo-se, porém, sua área de dispersão ás regiões altas (rio Maypú, 2,000 m acima do nivel do mar — Girard —) e no Brazil no Estado de Santa Chatharina (em riachos da Serra do Mar — Fritz Müller).

A razão por que conservamos a classificação de Fritz Müller, quando estudamos comparativamente a *Æglea lœvis* e esta, é facil de perceber-se; tendo C. Berg se referido á especie de Fritz Müller, precisavamos nos referir a ella, embora a considerassemos synonymo da de Girard.

CŒNOBITIDÆ:

Cœnobita, Latreille, 1828.

* Cœnobita diogenes (LATREILLE 1818).

Antilhas (M. Edwards), Cuba (v. Martens), isthmo de Panamá (Streets), Porto Cabello (Nobili), Brazil (White).

PAGURIDÆ:

Petrochirus, Stimpson, 1859 (1858).

Petrochirus granulatus (OLIVIER, 1811).

Procedencia: Abrolhos (Bahia), Rio de Janeiro.

Encontra-se esta especie na Florida, nas Antilhas, em La Guayara — Venezuela (v. Martens), na Bahia e no Rio de Janeiro.

---

[1] U. S. Naval Astronomical Expedition to the Southern Hemisphere, Washington, v. II, pag. 255 (1855).

Pagurus, Fabricius, 1798.

Pagurus arrosor (HERBST, 1796).

Procedencia: Costa Norte do Brazil.

Adoptamos a classificação de Herbst, por ser anterior á de Latreille, cabendo-lhe, portanto, a prioridade e fazemol-o baseando-nos no testemunho de M. Edwards e Lucas, que dão o *Canser arrosor* de Herbst como synonymo do *Pagurus striatus* de Latreille e convencidos pelo estudo do exemplar da collecção do Museu Nacional, a que procedemos, de accordo com a diagnose e estampa de Herbst.

O *Pagurus arrosor* vive no Oceano Atlantico, tendo sido primitivamente julgado como proprio do Atlantico oriental (costas da Europa — Mediterraneo —), mas vindo posteriormente sua área de dispersão a alargar-se com a descoberta nas costas da America das suas variedades: *Pagurus insignis* de Saussure e *P. petersi* A. M. Edwards.

O exemplar que existe na collecção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que é um individuo de pequenas dimensões, apresenta os caracteres proprios do *P. arrosor*, faltando-lhe, entretanto, um dos caracteres que A. M. Edwards dá como essencial da variedade *petersi*, a depressão ao longo da face superior do dedo movel (dactylo) dos chelipedes, o que se nota no exemplar a que nos referimos é o espaço em nivel inferior, naturalmente deixado entre si pelas saliencias granuliformes guarncidas de pellos, que existem nestes orgãos, e que não podemos considerar propriamente como um sulco; á vista desta circumstancia, não podiamos de fórma alguma referir o exemplar da collecção do Museu á variedade *petersi*, com a qual apparentemente mais se assemelha.

Pagurus loxochelis (NOV. SP.) (ESTAMPA II)

Procedencia: Bahia.

Muito concorreu para enriquecer a collecção carcinologica do Museu Nacional o abundante material colligido pelo Prof. Hartt, que teve sob sua direcção a commissão geologica do Brazil; entre os Pagurideos colligidos por esta commissão no Estado da Bahia, encontramos um exemplar, que, pelos caracteres que apresenta, nos fez hesitar por muito tempo em consideral-o, como podendo referir-se a algum dos generos existentes, pela ausencia de falsas patas sexuaes ficou desde logo restringido o numero de generos a que podiamos referil-o e d'estes só poderia mos fazel-o ao genero *Pagurus*, mas neste mesmo, em rigor não poderiamos incluil-o, á vista do caracter proprio do genero, que é ter o flagello das antennas externas nú, ao passo que no exemplar mencionado o flagello possue longos cilios na face infero-externa, mas á vista de duas especies de *Pagurus* descriptas por

(*) λοξός = obliquo + χηλή = pinça, garra.

Miers nos Ann. and Mag. of Nat. Hist., v. VIII (5), 1881, pags. 275 e 276, o *P. imperator* e o *P. granulimanus*, cujos flagellos das antennas são no primeiro: « *flagellum red, the joints clothed with very short setæ* », e no segundo « *flagella nearly naked* » e, portanto, em parte guarnecidos de cilios; entre estabelecer um genero novo para esta unica especie e consideral-a um *Pagurus*, optamos por este ultimo alvitre, embora se tenha de dar ao genero *Pagurus* uma accepção mais ampla, que é preferivel á multiplicação indefinita dos generos.

Chelipedes inæquales (sinister major) antennarum flagellum celiatum.

A borda anterior do cephalothorax (borda frontal) apresenta tres saliencias agudas, sendo uma central entre as escamas ophthalmicas e duas lateraes entre os pedunculos oculares e as antennas; estas são um pouco mais proeminentes que a central; a partir das saliencias lateraes, a borda anterior do cephalothorax desce em linha obliqua, formando com as bordas lateraes um angulo obtuso; pouco atraz da borda anterior (na região gastrica) ha um sulco curvo para os lados e levemente reintrante na parte central, o sulco cervical é bem accentuado, as partes lateraes do casco, tanto na região anterior como na posterior, apresentam curtas impressões transversaes d'onde nascem tufos de pellos; na região gastrica e cardiaca elles são mais raros, a região cardiaca tem a fórma da secção longitudinal de um fuso com o vertice virado para baixo e é calcificada na parte anterior até metade de seu comprimento.

Os pedunculos oculares são mais curtos que a borda frontal do cephalothorax, cylindricos, levemente mais grossos na extremidade distal e apresentam pequenas impressões mais ou menos regularmente dispostas em alinhamentos parallelos longitudinaes, a cornea é pequena e pelo sino supero-interno que apresenta, o pedunculo penetra até á sua extremidade.

As escamas ophthalmicas são quasi contiguas, têm a fórma de um triangulo rectangulo, cuja hypotenusa voltada para fóra é muito reintrante, suas extremidades anteriores são tridentadas.

As antennas são bastante longas; o ultimo articulo dos pedunculos sobrepuja de metade de seu comprimento os pedunculos oculares.

O ultimo articulo das antennas attinge a extremidade da cornea, o aciculo do penultimo articulo alcança a borda inferior da cornea, o flagello é curto e robusto, apenas alcança a parte anterior do carpo do chelipede esquerdo (o maior) e apresenta na sua face infero-externa duas series contiguas e parallelas de longos cilios que se implantam nas juntas dos articulos.

Os maxillipedes externos são contiguos na base. As laminas branchiaes são profundamente divididas em duas partes truncados na extremidade na região media das branchias e acuminadas nas extremidades destas.

Os chelipedes são desiguaes, o esquerdo é muito maior e mais robusto que o direito, o dedo movel é do comprimento da palma em sua linha mediana, o dedo immovel tem pouco mais da metade do comprimento do dedo movel, possue uma unha cornea e dous ou tres espinhos com a extremidade cornea na borda dorsal proximo d'aquella, *a mão (propode) articula-se obliquamente com o carpo, for-*

mando com este um angulo obtuso muito aberto, cujo vertice acha-se voltado para fóra; o carpo é pouco menor que a palma, na sua linha mediana (da face superior), as pinças de ambos os chelipedes movem-se em um plano obliquo em relação ao plano de symetria do corpo; a face superior da pinça do chelipede esquerdo apresenta grande quantidade de pequenos tuberculos squamiformes que tornam-se agudos na borda interna, quer do dedo movel, onde formam uma leve crista dentada, quer da palma, onde existem dous alinhamentos regulares de tuberculos que deixam entre elles uma depressão longitudinal, a pinça, quando fechada, o dedo movel adapta-se perfeitamente ao dedo immovel; existem raros cilios nas superficies de contacto dos dois dedos, os tuberculos da borda interna da face superior do carpo são agudos e munidos de ponta cornea; a face superior do mero é escamosa, a orla anterior das saliencias squamiformes é provida de espinhos corneos e nelles implantam-se alguns cilios, na face inferior de todos os articulos do grande chelipede existem os mesmos lavores que na face superior, porém muito menos accentuados.

O chelipede direito apenas alcança a borda anterior do carpo do chelipede esquerdo; a pinça não fecha perfeitamente, os dedos apenas tocam-se nas suas extremidades, que são guarnecidas de pontas corneas; a face superior da pinça e do carpo é guarnecida de granulações salientes, na linha mediana d'esta face, desde a base do carpo até á borda anterior da palma entre a base do dedo fixo e articulação do dedo movel, existe um alinhamento regular de granulações e na borda interna do carpo, palma e dedo movel existem duas cristas de tuberculos agudos de extremidades corneas, que convergem para a ponta do dedo movel e bastante afastadas uma da outra no carpo, de fórma a deixar entre si uma area lisa; o carpo e principalmente o propode e dactylo apresentam grande quantidade de tufos de cilios; a face inferior do carpo e palma é lisa, apresentando a d'esta ultima sómente leves saliencias e a dos dedos apresenta alguns espinhos de extremidade cornea guarnecidos de curtos tufos de cilios na base; nas faces superior e inferior do mero existem saliencias squamiformes como as do chelipede esquerdo.

A segunda perna do lado esquerdo é tão longa como o chelipede desse lado.

Os dactylos dos 2º e 3º par de pernas são longos, quasi tão longos como o propode e carpo juntos, são styliformes, profundamente cannelados longitudinalmente, possuem uma unha terminal cornea e uma serie de tufos de cilios longos na face interna. A face externa do propode, carpo e mero destes pereiopodes é granulo-squamosa e apresenta raros cilios; a borda supero-interna apresenta uma leve crista formada por espinhos alinhados mais ou menos regularmente, ao longo desta borda, a face interna do propode é glanulosa e as do carpo e mero são quasi lisas.

As pernas do 4º par são ornadas de tufos de longos cilios e são subcheliformes.

As do 5º par são mais delgadas que as do 4º, a pinça é alongada e guarnecida de cilios, a superficie raduliforme é oval.

O exemplar que servio de base para esta descripção é um macho e não possue appendices sexuaes (falsas pernas sexuaes).

O abdomen é asymetrico, as *terga* são bem desenvolvidas e as falsas pernas abdominaes do lado esquerdo terminam por duas laminas, uma longa, oval e ciliada nas bordas, e uma pequena rudimentar tambem ciliada.

O 6º segmento abdominal é dividido por um sulco transversal em duas partes; a parte posterior é dividida a seu turno em duas partes por um sulco longitudinal, seus appendices são muito desiguaes, os do lado esquerdo são maiores, os articulos terminaes dos appendices de ambos os lados são providos de grandes áreas raduliformes.

Nota — O desenho desta especie que foi feito com todas as proporções e do tamanho natural suppre perfeitamente as medidas.

Calcinus, Dana, 1852.

Calcinus sulcatus (M. EDWARDS, 1836).

Procedencia: Abrolhos — Bahia.

Ainda é muito restricta a área de dispersão conhecida, desta especie: Antilhas (M. Edwards), Barbada (Benedict), Colon (Nobili), Abrolhos — Bahia.

Clibanarius, Dana, 1852.

Clibanarius sclopetarius (HERBST 1796).

Procedencia: Bahia, Rio de Janeiro (ponta do Cajú, na bahia do Rio de Janeiro).

Encontra-se esta especie na costa oriental da America desde as Antilhas até o Rio de Janeiro.

Tendo tido occasião de observamos em vida, tanto o *C. sclopetarius* como o *C. vittatus*, pudemos fazer um estudo comparado do colorido das duas especies, que não é desprovido de interesse e mesmo póde auxiliar a sua determinação, visto que, se não as côres vivas, ao menos vestigios destas ainda se podem notar em exemplares que não tenham permanecido por longo tempo em alcool.

Sendo o colorido das patas ambulatorias o que differe mais sensivelmente nas duas especies, restringimo-nos a cital-o.

No *C. sclopetarius* os 2º e 3º par de pernas ambulatorias, apresentam 8 listras longitudinaes de igual largura, sendo 4 verde escuro e 4 laranjo, as listras acham-se dispostas da fórma seguinte: na face externa uma listra verde escuro ao centro e duas laranjo dos lados, na face superior uma listra verde escuro, na face interna como na externa e na inferior uma listra verde escuro.

No *C. vittatus* contam-se na face externa dos 2º e 3º par de pernas 6 listras longitudinaes, sendo 3 verde escuro e 3 laranjo; as listras verde escuro têm o dobro ou mais da largura das laranjo, na face superior ha uma listra verde escuro, na face interna ha 5 listras, sendo duas laranjo na parte supero-interna (a contagem das listras deve ser feita no propode, onde se acham melhor definidas), muito contiguas, formando um angulo muito agudo, cujo vertice acha-se voltado para o dactylo, as duas que se lhe seguem são como as da face externa; a ultima verde escuro da parte infero-

interna do propode é mal delimitada e na face inferior as listras acham-se confundidas n'uma área que occupa toda esta face, n'uma só côr que resulta da combinação das duas côres predominantes nas outras listras.

Nota — O Sr. Ives [1] compara sua especie *C. formosus* com o *C. vittatus* (Bosc) de que realmente differe. Cremos que teria sido preferivel que o tivesse comparado com o *C. sclopetarius* (Herbst) de que é provavel que seja, senão um synonymo, ao menos uma variedade.

Clibanarius vittatus (BOSC, 1802).

Procedencia: Bahia, Rio de Janeiro (Mauá, na Bahia do Rio de Janeiro.)

A área de dispersão d'esta especie estende-se desde Charleston até o Rio de Janeiro.

Entre exemplares do *C. vittatus* e *C. sclopetarius* da mesma idade approximadamente e de proporções relativas, encontra-se a seguinte relação de comprimento entre o dactylo e o propode da 3ª perna do lado direito.

C. vittatus:

Compr. do dactylo (face superior) da 3ª perna do lado direito	14mm
Propode	8mm,5
Ratio	5mm,5

C. sclopetarius:

Compr. do dactylo (face superior) da 3ª perna do lado direito	13mm
Propode	9mm
Ratio	4mm

O *C. vittatus* é mais esguio, mais delgado de fórmas, seu casco é mais estreito e mais curto que o do *C. sclopetarius*, as bordas lateraes do casco na região cervical são menos rugosas e menos villosas que no *C. sclopetarius*; a proporção, porem, entre o comprimento do dactylio e do propode é maior no *C. vittatus* que no *C. sclopetarius*.

Differença de comprimento entre o dactylo e o propode da 3ª perna do lado direito do *C. vittatus* e *C. sclopetarius*:

C. vittatus	5mm,5
C. sclopetarius	4mm
Ratio	1mm,5

Largura do casco (maior largura da parte anterior da região cervical:

C. vittattus	7mm
C. sclopetarius	7mm,5
Ratio	0mm,5

---

[1] Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 182 (1891).

Comprimento do casco:

C. vittatus	7mm,5
C. sclopetarius	9mm
Ratio	1mm,5

Clibanarius antillensis STIMPSON. 1862.

Procedencia: Recifes dos Abrolhos — Bahia.

Esta especie tem sido encontrada sómente em Barbada uma das pequenas Antilhas (Stimpson) e nos recifes dos Abrolhos (Hartt).

* Clibanarius braziliensis DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana).

* Clibanarius speciosus MIERS, 1877.

Brazil (Miers).

Esta especie apresenta caracteres que a approximam bastante do *C. vittatus* (Bosc) e julgamos que Miers deveria tel-a comparado com esta especie e não com o *C. braziliensis*.

Paguristes, Dana 1852.

* Paguristes spinipes A. M. EDWARDS, 1880.

Habita a costa americana desde Barbada até o Brazil (A. M. Edwards et Bouvier).

Parapagurus, S. J. Smith, 1879.

* Parapagurus gracilis HENDERSON, 1888.

Pernambuco « ao largo », a 350 braças de profundidade (Henderson).

Eupagurus, Brandt, 1851.

Eupagurus criniticornis (DANA, 1852).

Procedencia: Rio de Janeiro.

Por emquanto, só se tem encontrado esta especie no Rio de Janeiro.

* Eupagurus occlusus HENDERSON 1888.

Pernambuco « ao largo », a 350 braças de profundidade (Henderson).

ALBUNIDÆ:

Albunea, Fabricius, 1798.

Albunea pareti GUERIN-MENEVILLE, 1853.

Procedencia: Costa do Brazil.

A *Albunea pareti* tem sido encontrada em Cuba (v. Martens) St. Christophers, Cayenna e Brazil (Miers *A. oxyophthalma*).

Os pedunculos oculares em dous dos tres exemplares que existem na collecção do Museu Nacional, apresentam a fórma typica da figura de Guérin, sendo, porém, um pouco mais largos na base; no terceiro exemplar, os pedunculos oculares são mais delgados na extremidade, lembrando a fórma dos da *A. lucasi*, de Saussure, que talvez não seja mais que uma variedade desta especie, representando-a na costa occidental da America. Não fosse o grande desenvolvimento que apresenta na *A. lucasi* o espinho do angulo antero-lateral do cephalotorax e a insufficiencia da descripção de Saussure, consideral-a-hiamos desde já synonymo da *A. pareti*.

Lepidops, Stimpson, 1858.

Lepidops scutellata (FABRICIUS, 1798).

Procedencia: Costa do Brazil.

Encontra-se esta especie nas costas da America banhadas pelo Atlantico desde Fort Macon N C, Estados Unidos da America do Norte até o Brazil.

HIPPIDÆ:

São vulgarmente conhecidos por: *Tatú-i*.

Hippa, Fabricius, 1798.

Hippa emerita (LINNÆUS, 1766).

Procedencia: Rio de Janeiro.

Tendo estudado grande quantidade de exemplares d'esta especie, verificamos que a *Hippa talpoida*, de Say e a *H. analoga* de Stimpson não são mais que synonymos d'esta especie, quanto á *H. talpoida* Say, já Kingsley, em 1879, a

considerara synonymo da *H. emerita* (L.) Entre os exemplares que estudamos todos da costa do Brazil e todos da *H. emerita* (L.) alguns ha que, sem poderem ser considerados differentes da *H. emerita*, apresentam entretanto os caracteres que Stimpson dà como proprios da *H. analoga*.

As impressões transversaes do cephalothorax variam muito, ora são muito numerosas, ora raras; a relação da sua largura para o comprimento, tambem é bastante variavel, assim como a direcção e o comprimento do espinho dos pedunculos das antennas. A variabilidade d'estes caracteres secundarios, que, entretanto, foram considerados como especificos por Say e Stimpson autorisam-nos perfeitamente a incluir no numero dos synonymos da *H. emerita* (L.) a *H. analoga* de Stimpson.

Encontra-se esta especie tanto na costa oriental como na occidental da America, na costa occidental desde a California até ao Chile e na oriental desde o cabo Cod até o Estado de S. Paulo — Ilha de S. Sebastião (Ihering) — Brazil e La Plata.

Remipes, LATREILLE, 1806.

Remipes barbadensis STIMPSON, 1858 — 1871.

Procedencia: Costas do Norte do Brazil.

O *Remipes barbadensis* tem sido encontrado nas Antilhas (Stimpson), Cuba (de Saussure), Barbada (v. Martens) e no Brazil.

Miers, no Journal of the Linnean Society v. XIV, pag. 319, 1878, descreve esta especie sob a designação de *R. scutellatus* (Fabr.), sem, entretanto, provar que a *Hippa scutellata* Fabr. é identica ao *Remipes barbadensis* Stimp. Os argumentos que este naturalista adduz, para jusficar seu modo de proceder n'esta questão, nada provam; principia dizendo que os exemplares, existentes no Museu Britannico, que serviram de typo para sua descripção e denominados por Leach *R. scutellatus*, são *provavelmente* os exemplares typicos de Fabricius, em seguida attribue a Fabricius um erro palmar, o de confundir os maxillipedes externos com pernas anteriores e termina affirmando que de facto a descripção de Fabricius *tomada tal qual foi escripta* !! applica-se certamente melhor a *Lepidops scutellata*. Julgamos, portanto, que é preferivel conservar-se a designação de (Petiver), Stimpson, a mudal-a baseados em méras supposições.

A reivindicação da prioridade nas classificações tem limites e não pode dar-se, senão quando houver plena certeza, sem o que a nomenclatura zoologica não será mais que um Proteo com tendencias a chaos.

RANINIDÆ:

Zanclifer, Henderson, 1888.

* Zanclifer caribensis (DE FRÉMINVILLE, 1832).

Antilhas (de Freminville) Bahia, Brazil « ao largo » (Henderson).

PORCELLANIDÆ:

Minyocerus, Stimpson, 1858.

Minyocerus angustus (DANA, 1852).

Procedencia: Estado de Santa Catharina.

Esta especie foi encontrada no Rio de Janeiro por Dana e em Desterro, (Florianopolis) por Fritz Müller.

Porcellana, Lamarck, 1801, « restrict. ».

* Porcellana frontalis HELLER, 1862.

Rio de Janeiro (Heller).

Pachycheles, Stimpson, 1858.

Pachycheles moniliferus (DANA, 1852).

Procedencia: Bahia.

Dana encontrou esta especie no Rio de Janeiro, até agora, porém, ainda não conseguimos obtel-a na bahia do Rio de Janeiro.

Pachicheles rudis STIMPSON, 1862.

Procedencia: Bahia.

Os caractéres que apresenta o exemplar da collecção do Museu Nacional concordam perfeitamente com os que Stimpson dá como proprios do *Pachycheles rudis*, só differindo em possuir pellos na base do dedo immovel, proximo da articulação do dactylo, que Stimpson diz não existirem no *Pachycheles rudis*, tambem as series longitudinaes de granulações do carpo não são tão accentuadas como na estampa que acompanha o trabalho de Stimpson; estas pequenas differenças não justificariam a creação de uma especie nova, e devem existir em variedades locaes e communs a differentes mares.

E' esta mais uma especie que vive tanto nas costas americanas do Pacifico como nas do Atlantico, até hoje só foi assignalada a sua existencia na costa da California (Stimpson) até a ilha de Santa Rosa (Lockingoton) e na Bahia.

Pachycheles mexicanus STREETS, 1871.

Procedencia: Bahia.

Até hoje só se tem encontrado o *Pachycheles mexicanus*, no golfo de Tehuantepc (Streets) e na Bahia.

Petrolisthes, Stimpson, 1858.

Petrolisthes lamarcki (LEACH, 1820).

VAR. asiaticus (LEACH, 1820).

Procedencia: Estados da Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catharina.

A área de dispersão desta variedade do *Petrolisthes lamarcki* é muito vasta, sua existencia tem sido constatada nas ilhas do Pacifico e nas costas occidentaes e orientaes da America.

Varios naturalistas têm descripto exemplares d'esta especie, sob diversas designações, augmentando, d'est'arte a interminavel lista de synonymos das especies. Ultimamente o Sr. Ortmann [1] ajuntou mais um ao numero já bastante sensivel dos d'esta especie, descrevendo, sob a designação de *Petrolisthes iheringi* um exemplar apanhado em S. Sebastião (S. Paulo), que lhe fôra remettido pelo Dr. H. von Ihering.

Os caractéres que o Sr. Ortmann dá como proprios do *Petrolisthes iheringi* encontram-se nos exemplares que estudamos, de differentes pontos da costa do Brazil, associados aos do *P. lamarcki* var. *asiaticus*. A forma do cephalothorax da especie de Ortmann é a mesma que a do *P. lamarcki* var. *asiaticus*, as granulações e saliencias quer do casco, quer dos pereiopodes são variaveis, sendo ora mais, ora menos accentuadas, o carpo dos chelipedes, tanto na estampa que acompanha o trabalho do Sr. Ortmann, como nos exemplares que examinamos, é duas vezes mais comprido que largo, e não tres vezes; o numero de dentes predominante na borda anterior do carpo dos chelipedes é de tres nas duas especies, a borda posterior apresenta nas duas especies uma crista que é interrompida por depressões obliquas, de espaço a espaço; essas depressões tornam a crista dentada, sendo, porem os dentes ou espinhos anteriores quasi sempre os mais agudos, o terminal da parte distal do carpo e o anterior a este as vezes são contiguos, de forma a parecerem um espinho duplo, muitas vezes, porem, o penultimo está bastante afastado do ultimo (distal), de forma a poder ser contado com os da borda posterior. Ha exemplares em que existe o espinho distal duplo e sómente dois na borda posterior, ás vezes tambem o espinho duplo distal parece simples devido ao embotamento das pontas e a serem soldados.

Quanto aos dois pequenos espinhos difficeis de verem-se, da borda externa do propode (palma), existem realmente em alguns exemplares, mas seu numero é muito variavel; o numero de espinhos da borda superior do mero das pernas ambulatorias varia bastante, mesmo em cada exemplar em que contam-se em umas pernas dois e em outras tres.

---

[1] Zool. Jahrb. Abtheil. fur Syst. v. X pag. 286, pl. 17 fig. 3 (1897).

Á vista do que acabamos de expor, julgamos ter provado que os caracteres que Ortmann assignala como proprios do *P. iheringi*, longe de serem privativos d'esta especie, existem tambem na var. *asiaticus* do *P. lamarcki* e são muito inconstantes; á vista da variabilidade das especies é um absurdo pretender-se que todos os individuos de uma dada especie apresentem mathematica e invariavelmente os caractéres secundarios e de pouca importancia de um dado exemplar, mormente quando se trata de uma especie de tão vasta área de dispersão.

Petrolisthes galathinus (BOSC 1803).

Procedencia : Bahia.

Encontra-se o *P. galathinus* desde a Carolina do Sul, U. S. A., até Rio de Janeiro na costa oriental da America e em Panamá na costa occidental.

As cristas transversaes do casco, do carpo dos chelipedes e as obliquas do propode são ora mais ora menos accentuadas; exemplares ha que ás possuem tão fracas que só á lente podem ser observadas.

* Petrolisthes serratus HENDERSON 1888.

Bahia « ao largo » a uma profundade de 20 a 70 braças (Henderson).

DROMIDÆ :

Dromia, Fabricius, 1798

Dromia lator MILNE EDWARDS, 1837.

Procedencia : Rio de Janeiro.

Esta especie encontra-se nas Antilhas e no Rio de Janeiro e provavelmente, tambem nas regiões intermediarias a estas duas localidades.

Dromidia, Stimpson, 1858.

Dromidia atillensis STIMPSON, 1862.

Procedencia : Rio de Janeiro.

A área de dispersão da *Dromidia antillensis*, abrange a Florida, S. Thomas, Tortugas (Stimpson) Abrolhos, Bahia. (Hartt, S. Smith) e Rio de Janeiro.

Henderson « Challenger Anomura » menciona uma especie do genero *Hypochoncha* encontrada na Bahia, a uma profundidade de duas a sete braças, que, segundo este naturalista, é provavelmente a *Hypochoncha panamensis* S. J. Smith

BRACHYUROS

OXYSTOMATA

DORIPPIDÆ:

Ethusina, Smith, 1882.

* Ethusina abyssicola SMITH, 1882, 1884.

Cabo Frio « ao largo », a 671 braças de profundidade (Mary Rathbun).

LEUCOSIDÆ:

Spelœophorus, A. M. Edw 1865.

* Spelœophorus elevatus MARY RATHBUN, 1898.

Cabo de S. Roque, Brazil, « ao largo » a 20 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Persephone, Leach, 1817.

Persephone punctata (BROWNE, 1769).

Procedencia: Rio de Janeiro.

Esta especie vive na costa oriental da America desde Beaufort, N. C., até o Rio de Janeiro.

Lithadia, Bell, 1855.

* Lithadia braziliensis MARTENS, 1872.

Bahia do Rio de Janeiro, a 5 braças de profundidade em fundo argiloso (von Martens)

Miers « Challenger Brachyura pag. 319 », obteve na Bahia um exemplar de uma especie deste genero, que considerou, em duvida, como *Lithadia cariosa* Stimp., var ?

CALAPPIDÆ:

Calappa, Fabricius, 1798.

Calappa flammea (HERBST, 1793.)

Procedencia: Pernambuco e Rio de Janeiro.

Encontra-se esta especie desde Beaufort N. C. e ilhas Bermudas até Rio de Janeiro e no Sul da Africa: Colonia do Cabo (Miers).

* Calappa gallus HERBST, 1803.

Encontra-se desde o Mar Vermelho até o Oceano Indico A. M. Edw. e nas costas banhadas pelo Atlantico na: Florida (Stimp.) Bermudas, Ilhas do Cabo Verde, S. Vicente (Miers) e Bahia, Brazil (Mary Rathbun).

Hepatus, Latreille, 1802.

Hepatus princeps (HERBST, 1796.)

Vulgarmente conhecido por: *Bahú*.

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie estende-se desde a Georgia e Florida até Rio de Janeiro.

As maculas do cephalotorax são bastante variaveis como já foi dito por von Martens [1], constituindo ora linhas transversaes, ora alinhamentos de pontos mais ou menos confluentes.

Existe na collecção do Museu Nacional, um exemplar de pequenas dimensões, que muito se assemelha ao *H. tuberculatus* Saussure. Stimpson julga que o *H. tuberculatus* Saussure, bem poderia ser uma fórma jovem do *H. decorus* (Herbst); Miers e von Martens partilham a opinião do carcinologo americano e, apezar de Kingsley [2] affirmar que ha differença tão sensivel entre os jovens do *H. decorus* e o *H. tuberculatus*, como entre este e exemplares adultos daquelle, é provavel que a supposição de Stimpson, von Martens e Miers venha a ser confirmada.

Consideramos o pequeno exemplar existente na collecção ds Museu Nacional como uma forma jovem do *H. princeps* (Herbst) e fomos levados a assim pensar pela comparação a que procedemos, entre exemplares de diversos tamanhos, mas comparando sempre individuos do mesmo sexo entre si.

---

[1] Arch. fur Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 113 (1872).
[2] Proc. Acad. Nat. Ssi., Philad., pag. 403 (1879).

CATOMETOPA

DISSODACTYLIDÆ:

Dissodactylus, S. Smith, 1869

Dissodactylus crinitichelis NOV. SP., (ESTAMPA III)

Até hoje só foi descripta uma especie deste genero: o *Dissodactylus nitidus* Smith ([1]), do Panamá.

Na collecção do Museu Nacional encontramos bastantes exemplares de uma especie nova d'este genero, com a indicação de procedencia do Estado do Rio Grande do Sul e parazita de uma especie de *Encope*, provavelmente, *Encope emarginata* (Leske).

Demos a designação especifica de *crinitichelis*, devido á circumstancia de possuir esta especie, a face externa e superior do propode dos chelipedes e carpo, sulcados obliquamente sendo os sulcos guarnecidos, em toda a sua extensão, de pellos.

D. nitido affinis, chelipedum propodes oblique sulcati, sulci criniti.

O cephalothorax, largo em seu bordo anterior, forma um arco perfeito, os bordos antero-lateraes sobrelevam-se formando uma gotteira que curva-se para dentro sobre o cephalothorax, no angulo lateral e são orlados de pellos; os bordos latero-posteriores são quasi rectos, levemente concavos proximo do bordo posterior, este ultimo é concavo ao centro; o comprimento do cephalothorax correspondente a $^1/_3$ de sua largura.

O dactylo dos maxillipedes externos é muito pequeno e oblongo espatulado; o propode é rectangular no seu bordo terminal e o dactylo articula-se no seu angulo interno; o mero é pouco mais estreito em sua parte proximal que na distal; seus bordos lateraes são curvos e possuem um palpo pequeno uniarticulado e digitiforme.

Os chelipedes são iguaes, o carpo é globular e apresenta uma franja de pellos, collocada transversalmente na metade do comprimento da face superior, a mão é entumecida na base e comprimida de diante para traz na parte anterior; o dedo immovel é curvo para baixo, as faces externa e superior da mão são sulcadas obliquamente, estes sulcos não são continuos, os que se acham proximos do dedo fixo, prolongam-se até quasi a extremidade deste, nos sulcos implantam-se pellos que são mais curtos, nos da parte distal da palma, o dedo immovel tem na parte interna um a dous dentes obtusos, toda esta parte é guarnecida de cilios curtos e existe um tufo de pellos em sua base, a face in-

---

[1] Trans. Conn. Acad. v. II pag. 173 (1871-1873)

terna da palma é lisa e tem quasi no bordo inferior uma serie de longos pellos abundantes que vão da articulação deste com o carpo até á base do dedo immovel; o dedo movel é regularmente curvo, tem na face superior um leve sulco guarnecido de cilios curtos, o bordo interno tem na base um pequeno tuberculo e é guarnecido de curtos cilios em toda a sua extensão; os dedos fechados adaptam-se bem um ao outro, cruzando as pontas; as superficies de contacto de ambos os dedos são cortantes.

Os cruripedes são guarnecidos de cilios nos bordos anterior e posterior de seus articulos; os dactylos dos tres primeiros pares apresentam cilios só no bordo posterior; os dactylos propodes, carpos e meros são comprimidos; os dactylos dos tres primeiros pares são bifidos, das duas pontas terminaes a externa é mais longa e curva; os dactylos do ultimo par de cruripedes são simples, estyliformes e sulcados nas faces superior e inferior.

Os dois primeiros segmentos abdominaes dos machos são anchylosados, têm as margens lateraes concavas e são mais estreitos que os seguintes, os 3º, 4º, 5º e 6º segmentos são completamente anchylosados; suas margens lateraes são levemente convexas e convergem para a extremidade; o 7º segmento representa um triangulo equilatero; o abdomen das femeas é discoidal e cobre totalmente o sterno e os articulos basilares dos pereiopodes; têm todos os segmentos livres e na linha central as articulações desviam-se para traz em pequenas curvas, sendo mais sensiveis do segundo para o terceiro e do terceiro para o quarto segmentos.

Os appendices sexuaes são do comprimento de $^3/_4$ dos 3º, 4º, 5º e 6º segmentos anchylosados, juntos representam uma lyra, são curvos para dentro até metade de seu comprimento e para fóra na parte terminal possuem pellos na borda externa em todo o comprimento e na borda interna só na extremidade.

Largura do cephalothorax de um exemplar bem desenvolvido	9^{mm}
Comprimento.	$6^{mm},5$
Relação entre o comprimento e a largura.	$2^{mm},5$

Em exemplares cujo cephalothorax tem apenas 5^{mm} de largura, por 4^{mm} de comprimento os propodes e os carpos dos chelipedes apresentam, como nos exemplares maiores, sulcos guarnecidos de cilios.

PINNOTHERIDÆ:

Pinnixa, White, 1846.

Pinnixa chætopterana STIMPSON, 1862.

Procedencia: E. do Rio Grande do Sul.

Tem sido encontrada esta especie na costa da Virginia, Beaufort, N. C., na Florida e no Brazil, Rio Grande do Sul.

Pinnaxodes, Heller, 1765

* Pinnaxodes tomentosus ORTMANN, 1894.

Brazil (Ortomann)

GRAPSIDÆ:

A designação vulgar dos Grapsideos é: *Aratú*

Goniopsis, De Haan, 1835.

Goniopsis cruentatus (LATREILLE, 1803-4).

Procedencia: Rio de Janeiro, Mauá e Bahia (Abrolhos).

A área de dispersão desta especie estende-se da Florida até ao Rio de Janeiro e encontra-se em Ashantee, Africa occidental (Benedict).

Encontramos bastantes exemplares desta especie em Mauá; ahi vivem nas regiões alagadas, lodosas, proximas da praia.

Grapsus, Lamarck, 1801, «restrict».

Grapsus grapsus (LINNÆUS, 1758).

Procedencia: Ilha Fernando de Noronha.

Encontra-se esta especie na costa oriental da America, desde a Florida até Pernambuco, nas Antilhas, em Fernando de Noronha, na costa occidental do Mexico, California, Perú, em Santa Helena, ilha Mauricia, nas ilhas do Cabo Verde, do Fayal, dos Açores e da Ascenção, na Nova Zelandia, nas ilhas de Poumatou, Haway e Tahiti, emfim, é uma especie francamente cosmopolita.

Leptograpsus, Milne Edwards, 1835, «restrict».

* Leptograpsus variegatus (FABRICIUS, 1793).

Habitat: Pernambuco, Chile, Valparaiso, Coquimbo, Perú, Australia, Sydney, New South Wales, ilha Guam, Canarias, ilhas Norfolk, Shangai, Port Jackson e ilha de João Fernandez.

Cyrtograpsus, Dana, 1851.

* Cyrtograpsus cirripes (S. SMITH, 1869).

Rio de Janeiro (Cap. Harrington (Smith).

Pachygrapsus, Randall, 1839, «restrict».

Pachygrapsus transversus (GIBBES, 1850).

Procedencia: Rio de Janeiro, Boa Viagem, entre pedras, Mauá, nas raizes dos mangues, em praia arenosa e norte do Brazil.

Muitas são as localidades onde tem sido encontrado o *Pachygrapsus transversus* (Gibbes), tanto no Oceano Pacifico como no Atlantico.

Kingsley menciona as seguintes: Florida bahia de Sarasota, Antilhas, Brazil, Rio de Janeiro, California, Costa occidental de Nicaragua, Nova Zelandia, Tahiti, Australia e Madeira, Recifes da Florida e Texas (S. Smith); Key West (Packard, Gibbes); S. Thomas (Saussure); Cuba (v. Martens); Panamá (Smith); Porto Grande e ilhas do Cabo verde (Benedict); Ortmann menciona mais as seguintes: Port Jackson, golfo de Fonseca, Bahia, Bermudas e Loanda, Abrolhos, Brazil e Pichelinque Bay no golfo da California (Rathb.).

Miers «Chanllenger Brach.» julga que o *P. maurus* (Lucas) é muito provavelmente uma variedade desta especie e apezar de Ortmann consideral-as como synonymas, [1] filiamo-nos á opinião de Miers.

Pachygrapsus transversus (GIBBES, 1850).

* VAR. maurus (LUCAS, 1849).

Algeria (Lucas), Madeira (Dana) Rio de Janeiro (Dana e Heller).

Pachygrapsus graciles (DE SAUSSURE, 1858).

Procedencia: Rio de Janeiro, Mauá.

Esta especie tem sido observada na Florida (Kingsley), em Cuba (v. Martens), S. Thomas (de Saussure).

Encontramos seis exemplares (4 ♀ e 2 ♂) desta especie em Mauá, nas mesmas condições que a *Sesarma angustipes* Dana e a *S. benedicti* M. Rathb.

Sesarma, Say, 1818

Holometopus, Milne Edwards, 1853.

Sesarma benedicti MARY RATHBUN, 1897.

Procedencia: Rio de Janeiro — Mauá.

Encontramos esta especie em Mauá, em uma praia arenosa, sob as raizes da *Laguncularia racemosa* Gartn.

---

[1] Zool. Jahrb. Systhem. v. VII, pag. 709 (1894).

As unicas localidades onde tem sido encontrada esta especie são: Surinam (de Man) e Pará (Ortmann).

Sesarma angustipes DANA, 1852.

Procedencia: Rio de Janeiro — Mauá.

Dana dá como habitat d'esta especie: America do Sul, de Saussure dá para a *S. americana* que é um synonymo d'esta especie: S. Thomaz, Antilhas e Kingsley: Florida, Antilhas e Brazil.

Sesarma recta RANDALL, 1839.

Procedencia: Rio de Janeiro — Mauá.

Esta especie tem sido encontrada em Surinam, no Rio de Janeiro e Desterro, (Florianopolis).

Nos mezes de março e abril encontramos a *S. recta* em grande abundancia, em Mauà, em praia lodosa, vivendo dentro de buracos cavados no lodo, na maré alta a zona lodosa é coberta pelas aguas.

Nos exemplares bem desenvolvidos, que examinamos (0,035 de largura na parte anterior do cephalothorax), a borda antero-lateral do cephalothorax é bastante sinuosa, com tendencias á formação de duas reintrancias, que dariam origem, si se accentuassem, a dois dentes antero-lateraes.

* Sesarma miersi MARY RATHBUN, 1897.

Abaco e S. Salvador, Bahamas; Swan Island, mar das Antilhas; Desterro e Rio de Janeiro, Brazil; Ilha dos Ratos, Montevideo (Mary Rathbun).

* Sesarma rubripes MARY RATHBUN, 1897,

Estado de S. Paulo: Cubatão (Nobili), Bahia (Miers.)

Aratus, Milne Edwards, 1853.

Aratus pisoni MILNE EDWARDS, 1837.

Procedencia: Pernambuco e Rio de Janeiro — Mauá.

O *Aratus pisoni* é vulgarmente conhecido no Brazil por *Marinheiro*; tem sido encontrado na Florida, Antilhas, na costa occidental de Nicaragua, em Pernambuco e no Rio de Janeiro.

Cyclograpsus, Milne Edwards, 1837, «restrict.»

* Cyclograpsus interger M. EDWARDS, 1837.

Florida (A S. Packard, Jr. Peab. Acad. e Stimpson) Brazil (Edwards).

Chasmagnathus, DE HAAN, 1835.

Chasmagnathus granulatus DANA, 1851.

Procedencia: Rio de Janeiro — Mauá e lagoa de Maricá.

Localidades onde tem sido encontrado: Rio Grande do Sul (v. Martens,) Rio de Janeiro, Praia Formosa (v. Martens,) lagoa de Piratininga (Dana) e Montevideo (Miers.)

Esta especie vive em Mauá em praia lodosa, onde cava buracos em que se refugia. Com a maré alta toda a zona onde vive esta especie, fica submersa, em Maricá vive na lagoa d'este nome, em grande abundancia; quando o sol está a pino, sobem para cima dos rochedos e ahi permanecem agglomerados, fugindo logo que vêm approximar-se alguem. A lagoa é de agua salgada e apenas é separada do Oceano por extensa praia arenosa; de tempos a tempos, os habitantes do logar fazem communicar a lagoa com o mar, para tornal-a mais piscosa.

Plagusia, Latreille, 1806, « restrict.»

Plagusia depressa (FABRICIUS, 1775).

Procedencia: A unica indicação de procedencia que encontramos nos exemplares da collecção do Museu Nacional foi:— Brazil, presumimos, entretanto que provenham ou da Ilha Fernando de Noronha, ou de Bahia, ou Pernambuco.

A *Plagusia depressa* Fabr. tem sido encontrada em Charleston, Carolina do Sul, Tortugas, Garden-Key, Jamaica, Madeira, Ilha Brava, Santa Helena e Ashantee.

Existem na collecção do Museu Nacional quatro exemplares, 2♂ e 2♀ da var. *tuberculata* Lam., desta especie, procedentes da Ilha Mauricia.

PSEUDOTHELPHUSINÆ:

Pseudothelphusa, De Saussure, 1857.

* Pseudothelphusa agassizi MARY RATHBUN, 1898.

Pará, Brazil (Mary Rathbun).

TRICHODACTYLINÆ:

A distribuição das especies d'esta sub-familia pelos tres generos *Trichodactylus*, *Sylviocarcinus* e *Dilocarcinus* ainda não é questão completamente resolvida; as especies têm sido transferidas, quasi que só obedecendo á intuição do momento, de um genero para outro pelos diversos autores.

Ultimamente, Ortmann reunio sob a designação generica de *Dilocarcinus* (1893) e posteriormente sob a de *Orthostoma* (1897) «nomen præoccupatum» as

especies dos generos *Sylviocarcinus e Dilocarcinus,* o que de nenhum modo resolve a questão.

Só quem tiver em mãos todos os exemplares typicos das especies dos tres generos poderá com vantagem tentar resolver este problema, ou reduzindo o numero de generos, ou como julgamos mais natural, melhor definindo-os.

Pensamos que poderiamos fazer alguma coisa neste sentido acrescentando aos caracteres differenciaes dos tres generos, outros tirados do numero de segmentos livres ou coalescentes do abdomen nos dois sexos. Milne Edwards [1] já tinha indicado a coalescencia dos somites abdominaes em especies dos generos *Sylviocarcinus e Dilocarcinus;* Gerstæcker [2] tambem insistio sobre este caracter para o genero *Dilocarcinus,* Ortmann [3] diz que, si o numero de somites abdominaes e a presença ou ausencia de gotteira na crista mediana da abobada palatina fossem constantes nos dois generos, seriam bons caractéres genericos. Este ultimo caracter entretanto, tem pouco valor, pois que tambem existe no genero *Trichodactylus.*

Não tendo á nossa disposição bastantes exemplares dos tres generos, escrevemos aos Srs. A. Milne Edwards (o Sr. Bouvier nos respondeu), von Martens, J. Nobili e a Miss Mary Rathbun; ao confrontar, porém, as respostas que tivemos o prazer de receber vimos logo que, o que queriamos tentar era impossivel, pois dessas informações deprehende-se que o numero de somites livres é muito variavel nas especies dos generos *Sylviocarcinus* e *Dilocarcinus.*

A variação do numero de somites livres póde, entretanto, ser devida a idade dos individuos.

As informações que recebemos, tambem estão em desaccordo quanto ao genero *Trichodactylus.* Por exemplo, Miss M. Rathbun nos informa que o *Trichodactylus (Sylviocarcinus) panoplus* v. Martens tem todos os somites abdominaes livres, o que concorda com o que diz von Martens e com o que observamos nos exsemplares existentes no Museu Nacional, bem como com o que se dá com o seu synonymo *D. armatus* A. M. Edw, ♂ (informação de Bouvier), ao passo que o *T. borellianus* Nobili, que, segundo o proprio Nobili, é synonymo do *T. panoplus* pela informação de Miss. M. Rathbun tem os somites 3 — 6 coalescentes.

Pelo seguinte quadro onde reunimos as informações que recebemos e as que têm sido registradas por varios naturalistas será facil constatar o que acima acabamos de dizer.

---

[1] Arch. Mus., Paris v. VII (1855).
[2] Arch. fur Naturg. 22 Jahrg. v. I pag. 147 (1856).
[3] Zool. Jahrb. Syst. v. VII pag. 491 (1893).

AUTORES		MISS MARY RATHBUN	MILNE EDWARDS	(A. MILNE EDWARDS) BOUVIER	MARTENS	GERSTÆCKER	G. NOBILI	ORTMANN	GÖLDI	C. MOREIRA
DILOCARCINUS:										
dentatus	♂	4—6								
	♀	3—6								
multidentatus . .	♂	4—6								
	♀	3—6	—	—	2—6					
septemdentatus . .	♂	4—6								
	♀	4—6	—	—	—	—	—	—	4—6	
castelnaui. . . .	♂	todos distinctos	—	2—5						
	♀	todos distinctos	—	2—5						
spinifer	♂	—	3—5							
	♀									
emarginatus . . .	♂	3—6	—	2—5						
	♀									
pictus	♂	3—6	—	2—5	—	—	2—6			
	♀	3—6	—	2—5	—	—	2—6			
margaritifrons . .	♂	4—6	—	—	—	—	—	3—6		2-5
	♀									
pardalinus. . . .	♂									
	♀	—	—	—	—	2—6				
lævifrons	♂									
	♀	—	—	—	—	—	—	—	—	3—6
SYLVIOCARCINUS:										
devillei	♂	—	—	—	—	—	—	—	—	3—5
	♀	—	4—5							
peruvianus . . .	♂									
	♀	—	—	3—5						
latidens	♂	3—6	—	3—5						
	♀									
camerani	♂	3—5	—	—	—	—	2—5			
	♀	3—5								

Göldi e von Martens descreveram como Sylviocarcini duas especies o *S. petropolitanus* Göldi e o *S. panoplus* von Martens que pudemos estudar em exemplares da collecção do Museu Nacional, chegando a conclusão que não são mais que verdadeiros Trichodactyli, quer pela conformação dos dactylos dos cruripedes e pelos segmentos abdominaes que são todos livres nos dois sexos, quer pela comparação a que procedemos entre estas duas especies e o *T. fluviatilis* Latr.

Conservamos os dois generos de Milne Edwards: *Sylviocarcinus* e *Dilocarcinus* por entendermos que, o que é necessario é proceder-se á revisão racional d'estes generos, estabelecer seus caracteres genericos claramente e, como corollario, distribuir as especies de accordo com os caracteres dos generos e não reunil-os arbitrariamente, o que não resolve o problema, ao contrario complica-o.

Sylviocarcinus devillei M. Edw. e *Dilocarcinus spinifer* M. Edw. são typos genericamente differentes e que não podem ser reunidos ao acaso em um só genero, para saltar por cima de uma difficuldade taxonomica, em vez de resolvel-a.

Porque reunir o genero *Sylviocarcinus* ao genero *Dilocarcinus* e não ao genero *Trichodactylus*? O facies dos *Silviocarcini* é mais semelhante ao dos *Trichodactyli* que ao dos *Dilorcarcini*.

Trichodactylus, Latreille, 1825

* Trichodactylus crassus A. M. EDWARDS, 1869.

Bahia.

Trichodactylus fluviatilis LATREILLE, 1825.

Procedencia : Estado do Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido encontrada na Guyana e no Brazil.

Apanhamos exemplares desta especie na Tijuca (Bate encontrou-a tambem nesta localidade), em um riacho que corre pela fralda de uma montanha em Jacarepaguá, e na estação do Casal, da Estrada de Ferro Central do Brazil, no rego do engenho que recebe agua de um rio que desagua no rio Parahyba; existem na collecção do Museu Nacional exemplares apanhados na Serra da Bica, em Cascadura; Fritz Müller encontrou-a em Santa Catharina, nos affluentes do rio Itajahy.

Nobili [1] considera o *T. (Uca) cuninghami* S. Bate, variedade do *T. dentatus* M. Edw.; discordamos completamente da opinião do Sr. Nobili; nem a estampa, nem a descripção dos *Carcinological gleanings* de S. Bate, que temos em mãos, autorisam tal opinião : a estampa que não é, como diz o Sr. Nobili, fantastica, representa satisfactoriamente o *T. fluviatilis* a que a descripção se refere incontestavelmente.

O *T. fluviatilis* ora possue os entalhos no bordo anterolateral do cephalothorax, ora não, e ás vezes os entalhos são bastante accentuados de fórma a tornar esses bordos dentados.

---

[1] Boll. Mus. Zool. ed Anat. Comp., Torino, v. XIV n. 355, pag. 1 (1899).

Trichodactylus dentatus MILNE EDWARDS, 1853.

Procedencia: Rio de Janeiro — parque do Museu Nacional.

Encontramos em Mauá dois exemplares desta especie: um secco e em pedaços, proximo de um corrego, e outro que tinha soffrido havia pouco a exuviação.

Em um riacho que alimenta os canaes e lagos artificiaes do parque do Museu, vive esta especie em grande abundancia. Collocamos alguns exemplares procedentes deste riacho em um aquario, com o fim de observal-os e tivemos occasião de bem constatar a existencia, entre elles, de uma femea carregada de individuos jovens, no estado em que se apresentam os do *T. fluviatilis* quando sahem dos ovos; quizemos, porém, deixal-os desenvolverem-se, vindo a verificar com pezar, no dia seguinte, que tinham desapparecido, victimas talvez da voracidade dos adultos, perdendo assim a occasião de descrever os jovens de mais esta especie que possue metamorphose abreviada, como a do *T. fluviatilis,* magistralmente estudada por Fritz Müller.

Trichodactylus panoplus (MARTENS, 1869).

Procedencia: Rio Grande do Sul.

Tem sido encontrado no Rio Grande do Sul, no rio Cadêa, em Santa Cruz e em Guahyba, perto de Porto Alegre (v. Martens) em S. Lourenço (Ortmann), no Rio de Janeiro (A. Milne Edw.); na colonia Risso no Paraguay e em Resistencia, Chaco Argentino (Nobili).

Ed. von Martens considerou esta especie, com alguma hesitação, como um *Sylviocarcinus* e A. M. Edwards descreveu-a sob a designação de *Dilocarcinus armatus*; pelo que precede vê-se a incerteza que presidiu ao trabalho destes naturalistas, que ora a têm considerado como um *Sylviocarcinus,* ora como um *Dilocarcinus,* quando seria simples resolver a questão, si tivessem em consideração o facto de possuir esta especie todos os segmentos abdominaes livres nos dous sexos, caracter este proprio dos Trichodactyli; accresce mais que, quer pela estampa que acompanha o trabalho de von Martens, quer pelos exemplares que possue o Museu Nacional, não podemos deixar de considerar esta especie como um verdadeiro *Terichodactylus,* pois os dactylos dos cruripedes são conformados como os dos Trichodactyli até hoje descriptos.

Trichodactylus petropolitanus (E. GÖLDI, 1886).

Procedencia: Estado do Rio de Janeiro — cachoeira do Pinto da Estrella, na raiz da serra de Petropolis.

Existem no Museu Nacional quatro exemplares 3 ♂ e 1 ♀, typos desta especie.

Pela comparação a que procedemos entre esta especie e o *T. fluviatilis* convencemo-nos de que não é possivel deixar de consideral-a um verdadeiro *Trichodactylus*

quer pelos segmentos abdominaes, que são todos livres nos dous sexos, quer pela conformação dos dactylos dos crurípedes, que são de um verdadeiro *Trichodactylus*. A figura do dactylo, que acompanha o trabalho do Dr. Göldi (Arch. für Naturg., v. LII, pl. III, fig. 22, 1886) não corresponde evidentemente a este segmento dos crurípedes dos exemplares que existem na collecção do Museu Nacional.

Sylviocarcinus, Milne Edwards, 1853.

Sylviocarcinus devillei MILNE EDWARDS, 1853. (ESTAMPA IV, FIGS. 5 a 7.)

Procedencia incerta : Rio Madeira.

Existe na collecção do Museu Nacional um exemplar desta especie, do sexo masculino, que tem mais do dobro do tamanho do exemplar descripto por Milne Edwards.

E' um exemplar unico, que tem a procedencia incerta do Rio Madeira, mede seu cephalothorax $0^m,076$ de comprimento e $0^m,030$ de largura.

Apresenta todos os caracteres do *S. devillei*, sendo alguns muito mais accentuados que no exemplar descripto por Milne Edwards.

O bordo frontal apresenta tuberculos bem desenvolvidos, o bordo sub-orbital termina do lado interno por um espinho bem desenvolvido, os angulos antero-lateraes do quadro buccal apresentam dous espinhos — « na descripção, M. Edwards e Lucas mencionam só um espinho, mas na estampa que acompanha o trabalho de Milne Edwards notam-se dois tuberculos contiguos, que correspondem aos dous espinhos que existem no exemplar a que vimos referindo-nos »— ; os bordos antero-lateraes do cephalothorax apresentam cinco dentes de cada lado (não contando com o angulo orbital externo, que é spiniforme), sendo o ultimo de cada lado muito pequeno e spiniforme, collocado pouco abaixo do meio do arco formado pelo bordo antero-lateral do cephalothorax e um pouco distante dos autros [1]. O abdomen tem a forma de uma mitra, os 3°, 4° e 5° segmentos são coalescentes, notando-se, entretanto, vestigios de sutura ao centro e lados do 3° para o 4° e do 4° para o 5° segmentos; os appendices abdominaes do primeiro par são pyramidaes alongados, levemente curvos para dentro na extermidade, os do segundo par são delgados, longos, introduzem-se pelo canal central dos primeiros, excedendo-os de pouco mais da metade de seu comprimento, e ao sahir da extremidade destes, recurvam-se para dentro e para baixo.

---

[1] Nas estampas que acompanham os trabalhos de Milne Edwards e Lucas notam-se sómemte cinco dentes (contando-se o angulo orbital externo), ao passo que nas descripções vêm mencionados seis; creio ser isto devido a ter o desenhista omittido o ultimo dente de cada lado, devido á sua pequenez. M. Edwards em, 1853, nos Ann. Sci. Nat. (3), v. XX, pag. 215, só menciona cinco dentes em cada bordo antero-lateral; posteriormente porém, nos Arch. Mus. Paris, menciona seis (contando com o angulo orbital externo) e Lucas in : Castelnau-Vayage dans l'Amerique du Sud tambem menciona seis.

No exemplar da collecção do Museu Nacional falta o chelipede direito.

O exemplar do sexo feminino que serviu a Milne Edwards para typo desta especie, foi apanhado do rio Araguay, perto de Salinas, no Estado de Goyaz, Brazil.

Dilocarcinus, Milne Edwards, 1853.

* Dilocarcinus dentatus (RANDALL, 1839).

Ed. von Martens, que descreveu esta especie sob a designação de *Dilocarcinus multidentatus*, dá como provavel procedencia do exemplar do sexo feminino que existe no Berl. Zool. Mus. sob o n. 3341, o Estado da Bahia, e Randall desconhecia o habitat desta especie.

Dilocarcinus lævifrons nov. sp. (ESTAMPA IV, FIGS. 1 a 4)

Frons lævis; dentes laterales carapacis spiniformis ante versos, sinistri novem, dextri octo, anguli exteriores spiniformes orbitarum, exceptuati.

O cephalothorax é mais largo que longo, fortemente convexo de deante para traz, o bordo frontal é sinuoso, excavado no centro, lamellar, dirigido obliquamente para a frente e para baixo e desprovido de espinhos ou dentes; o bordo orbital superior é regularmente curvo e liso, o inferior apresenta na sua parte interna, do lado esquerdo, cinco espinhos, e do lado direito, quatro; os angulos antero-externos do quadro buccal apresentam dous espinhos em cada um; os bordos antero-lateraes do cephalothorax formam arcos perfeitos, o direito apresenta oito dentes agudos recurvados para deante e guarnecidos de pellos na base, na face inferior, o esquerdo apresenta nove dentes (como no direito, não contando-se o angulo orbital externo), os bordos postero-lateraes são quasi rectos na metade anterior e curvos para dentro na parte posterior; estes bordos apresentam uma leve crista, que antes de alcançar o bordo posterior do cephalothorax, curvam-se para dentro e para cima, indo unir-se ás impressões da região cardiaca; o bordo posterior é curvo; existe uma gotteira mediana na abobada palatina.

O mero dos chelipedes apresenta no bordo inferior quatro espinhos agudos, dirigidos para deante, o ultimo espinho está collocado no bordo antero-inferior, proximo da articulação do mero com o carpo, no bordo interno existe um unico espinho agudo, dirigido para deante, e no bordo superior um espinho, tambem agudo, dirigido para deante, collocado quasi no bordo anterior deste articulo; o carpo apresenta um unico espinho no bordo interno; o propode apresenta na extremidade anterior do bordo interno de sua parte palmar um espinho como os dos outros articulos; porém um pouco menor, a superficie destes articulos é quasi lisa, levemente rugosa, o dactylo e o dedo immovel são sulcados longitudinalmente e guarnecidos de dentes em seus bordos internos; os dentes encaixam-se nos intervallos uns dos outros no terço anterior, quando o dactylo applica-se ao dedo immovel. O dactylo e propode dos cruripedes são achatados de deante para traz, sulcados no bordo superior, as margens dos sulcos são

ciliadas, o bordo inferior dos dactylos é ciliado, o propode apresenta cilios só na metade anterior, os dactylos são lamellares.

O unico exemplar desta especie, que existe na collecção do Museu Nacional, é do sexo feminino e o cephalothorax tem de comprimento $0^{m},027$, e de largura $0^{m},036$; encontramol-o em um bocal com varios crustaceos procedentes de Pernambuco; cremos, portanto, que esta especie é propria dos rios daquelle Estado.

O abdomen é largo, as margens lateraes são curvas, o primeiro e segundo segmentos são livres, os 3°, 4°, 5° e 6° são coalescentes, notando-se ao centro vestigios das articulações respectivas; o setimo segmento é quasi semicircular, tendo na base de largura o dobro do comprimento, e é guarnecido de longos cilios no bordo anterior.

O *Dilocarcinus lœvifrons* assemelha-se ao *D. dentatus*; porém distingue-se deste logo á primeira vista pela ausencia de dentes no bordo frontal que caracterisa a especie de Randall.

* Dilocarcinus spinifer MILNE EDWARDS, 1853.

Brazil; Cayenna (M. Edw.).

* Dilocarcinus septemdentatus (HERBST. 1790).

Estado de Goyaz: Salinas (Milne e Edwards e Lucas); Estado do Pará: Ilha de Marajó (Göldi); Colonia Risso no Paraguay e Resistencia no Chaco Argentino (Nobili).

GECARCINIDÆ

Gecarcinus, Leach 1815.

Gecarcinus lagostoma MILNE EDWARDS, 1837.

Procedencia : Ilha Fernando de Noronha (Branner).

Esta especie tem sido encontrada na Ilha da Ascenção (Drew, Miers, Ortmann e Benedict.)

Guérin-Meneville in: De la Sagra Histoire physique, politique e naturelle de l'Ile de Cuba.— Animaux articulés — pag. XIX (1857), diz que o *Gecarcinus ruricola* L. é: *commun dans l'Amerique méridionale et toutes les Antilles;* ainda não tivemos, entretanto, conhecimento de que esta especie tivesse sido encontrada no Brazil.

Gecarcoidea, Milne Edwards, 1837.

* Gecarcoidea lalandei MILNE EDWARDS, 1837.

Brazil [1] (Milne Edwards): Nova Bretanha, Ilhas Nicobares; Celebes: Gorontalo; Philipinas: Ile des deux Soeurs e ilhas da Loyalty (Ortmann).

---

[1] Ortmann põe em duvida a indicação de procedencia dada para esta especie por Milne Edwards, e crê ser uma especie propria da região indo-pacifica.

Cardisoma, Latreille, 1825.

Cardisoma guanhumi LATREILLE, 1825.

Designação vulgar: *Guayamú*

Procedencia : Pernambuco e Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie é bastante vasta, estende-se da Florida até o Rio de Janeiro, sendo muito provavel que venha a ser verificada sua existencia em localidades muito ao sul desta ultima; encontra-se tambem nas ilhas do Cabo Verde (Stimpson) e é representada nos oceanos Indico e Pacifico por sua variedade *carnifex* (Herbst).

A designação especifica desta especie deveria ser *Guayámú* e não *Guanhumi*; tendo sido adoptada como designação especifica desta especie sua designação vulgar, deveria esta ser empregada correcta e não desfigurada como tem sido, pois que *Guanhumi* é uma corrupção orthographica de *Guayámú*.

Oedipleura, Ortmann, 1897.

Ortmann, [1] tendo em vista a lei de prioridade, adoptou para o genero *Gelasimus* de Latreille a designação *Uca*, que lhe tinha sido dada quatro annos antes por Leach, vendo-se, portanto, forçado a empregar uma designação nova, *Oedipleura* para o genero *Uca* de Latreille.

E' verdade que Leach classificou de *Uca* um genero que corresponde aos Gelasimi; porém devido, muito provavelmente, a um equivoco que partiu de Seba, que designou de *Uca una* um *Gelasimus*, quando Marcgraff, já em 1648, tinha dado á publicidade a designacão indigena *Uça una* como referindo-se á especie a que Latreille applicou mais tarde esta designação [2]. Herbst copiou a estampa de Seba e classificou-a *Cancer vocans major*, e Leach, tomando como typo de seu genero *Uca* o, *Cancer vocans major* de Herbst, deu-lhe erroneamente a designação que Seba lhe tinha dado; Latreille, intencionalmente ou não, corrigiu este erro, dando a designação vulgar, adoptando-a como scientifica, á especie a que competia, Latreille devia, entretanto, limitar-se a corrigir a designação especifica de Leach, visto que o genero tinha sido bem definido e a designação indigena *Uça* ser geral e significar apenas caranguejo e não ter, portanto, caracter de designação generica especial.

Oedipleura cordata (LIENNÆUS, 1767)

Designação vulgar: *Uça-una*

Procedencia : Pernambuco e Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido observada nas Antilhas e no Brazil — Rio de Janeiro — é provavel que sua área de dispersão estenda-se muito mais para o Sul.

---

[1] Zool. Jharb., System., v. XI. pag. 334 (1897).
[2] Milne Edwards, Ann. Si. Nat. v. XX. 3ª serie, Zool. pag., 206 (1893).

A *Oedipleura occidentalis* Ortm. (*Uca lævis* M. Edw.) não é, muito provavelmente, mais que uma variedade de *Oedipleura cordata* (L) e representa esta especie na costa occidental da America do Sul. Os caracteres que Ortmann dá [1] como proprios da *Oedipleura occidentalis*, caracterisam bem essa variedade, sendo porém de pouco valor como especificos.

OCYPODIDÆ :

Uca Leach, 1815.

Uca stenodactyla (MILNE EDWARDS ET LUCAS, 1849).

VAR. gibbosa (S. SMITH, 1869).

Procedencia : Rio de Janeiro, Sepetiba e Mauá.

Esta especie é commum ás costas occidental e oriental da America; na costa occidental tem sido encontrada: na California, em La Paz, no Mexico, no golfo de Fonseca, no Equador e no Chile, em Valparaiso, e na costa oriental: em Cuba e no Yucatan, e sua variedade *gibbosa* : na California, em La Paz e no Brasil: Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Mauá e Sepetiba, Estado de S. Paulo: Cubatão.

Kingsley e Ortmann incluiram esta variedade no numero dos synonymos da *Uca stenodactyla*. Nobili manifestou-se contrario á opinião destes naturalistas e considerou a *Uca gibbosa* uma especie distincta da *Uca stenodactyla*, baseando-se em caracteres que são communs ás duas especies, como pudemos verificar em grande numero de exemplares desta variedade, que temos á nossa disposição.

O bordo orbital inferior, é tuberculado na parte interna, na parte externa os tuberculos alongam-se e são mais afastados uns dos outros, de forma a tornal-o dentado; mas não spinifero, a forma da saliencia tuberculifera da face inferior da mão, pela diagnose de Kingsley deprehende-se que é identica nas duas especies.

Ortmann, [2] referindo-se á saliencia tuberculifera da face inferior da mão, diz: *biegt in scharfem Winkel*, querendo dizer que ella descreve uma linha angulosa e não que forma um angulo agudo, o que realmente não se dá.

A differença sensivel que ha entre a *Uca stenodactyla* e a *Uca gibbosa* è sómente de tamanho: a *Uca gibbosa* é normalmente muito menor que a *Uca stenodactyla*, o que justifica consideral-a uma variedade desta.

Os maiores exemplares da *Uca gibbosa* que examinamos medem 0m,012 de largura, de um angulo orbital externo ao outro, e 0m,007 de comprimento, do cephalothorax.

---

[1] Zool. Jharb. System., v. VII pags. 733-734 (1894).

[2] Zool. Jharb. v. X, pag. 351, (1897).

Uca maracoani (LATREILLE, 1803).

Designação vulgar: *Tesoura*

Procedencia: Brazil, Norte e Rio de Janeiro, Sepetiba.

A área de dispersão desta especie estende-se das Antilhas ao Rio de Janeiro; foi tambem encontrada na costa occidental de Nicaragua (Kingsley).

Uca vocator (HERBST, 1804).

Procedencia: Norte do Brazil e Rio de Janeiro, Sepetiba e Mauá.

Encontra-se esta especie tanto na costa occidental como na oriental da America; nesta, desde o Cape Cod até Montevidéo e naquella desde San Diego California, até Panamá.

Existem alguns exemplares desta especie na collecção do Museu Nacional, procedentes do Norte do Brazil e um ♂ e uma ♀ que apanhamos na Ponta do Cajú, Rio de Janeiro, que apresentam todos os caracteres do *Gelasimus mordax* S. Smith; o cephalothorax é mais largo no bordo posterior em relação ao bordo anterior do que na *Uca vocator*; as regiões branchiaes são mais convexas e os bordos orbitaes superiores são mais inclinados para traz do que nesta especie, os tuberculos da crista da face inferior da mão são menores e a região que medeia entre a crista e a articulação do dactylo é toda guarnecida de tuberculos, o que não se nota nos exemplares da *Uca vocator* que colligimos em Mauá e Sepetiba e em outros existentes na collecção do Museu Nacional.

Ocypoda, Fabricius, 1798.

Ocypoda arenaria (CATESBY, 1771).

Procedencia: I. Fernando de Noronha, Pernambuco, e Rio de Janeiro.

Esta especie encontra-se na costa oriental da America, desde Nova Jersey até o Rio de Janeiro.

Geryon, Kröyer, 1837

* Gerion quinquedens S. SMITH, 1879.

Encontrado no estomago de peixes em Casco Bay; em aguas profundas na altura da bahia de Massachusetts no golfo do Maine, a 40 milhas do cabo Ann (S. Smith) e em Cabo Frio a 671 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Chasmocarcinus, « MARY RATHBUN 1898 ? »

* Chasmocarcinus typicus MARY RATHBUN, 1898.

Cabo Frio « ao largo » a 59 braças de profundidade (Mary Rathbun).

GONOPLACIDÆ:

Eucratopsis, S. Smith, 1869.

Eucratopsis crassimanus (DANA, 1852).

Procedencia: Rio de Janeiro.

O *Eucatropsis crassimanus* (Dana) foi sómente encontrado até hoje no Rio de Janeiro e no Yucatan (Ives).

Em exemplares de pequenas dimensões (cephalothorax com 0m,010 de comprimento) nota-se sómente um espinho no bordo interno do carpo e levemente indicado por um pequeno tuberculo, um segundo espinho mais atraz deste; em exemplares maiores (cephalothorax com 0m,016 de comprimento) notam-se dois espinhos bem desenvolvidos, correspondendo o anterior ao que se refere Dana e o segundo ao tuberculo que se nota atraz deste nos pequenos exemplares.

Talvez o genero *Speocarcinus* de Stimpson seja synonymo de *Eucratopsis*.

Bathyplax, A. Milne Edwards, 1880.

* Bathyplax typhlus A. M. EDWARDS, 1880.

* VAR. oculifrons MIERS, 1886.

Sul de Pernambuco á profundidade de 30 a 400 braças de 9° 5' a 9° 10' Lat. S. e 34° 49' a 34° 53' Long. W.

CYCLOMETOPA [1]

PORTUNIDÆ:

Callinectes, Stimpson, 1860.

Tem havido alguma reluctancia na acceitação deste genero, devido á difficuldade que apresenta a identificação de suas especies; ultimamente, porém, Miss Mary Rathbun, dispondo de grande material, resolveu as difficuldades de forma a tornal-o perfeitamente acceitavel.

---

[1] Apezar de Heller mencionar o *Carcinus mœnas* Leach, entre as especies encontradas no Rio de Janeiro, S. Smith põe em duvida sua existencia nesta localidade; não se achando representada na collecção do Museu Nacional, e não podendo garantir sua existencia na costa do Brazil, preferimos apenas referir-nos a ella nesta nota, a incluil-a no numero das especies proprias da costa do Brazil.

A' primeira vista, as especies deste genero confundem-se; mas um exame attento faz-nos ver logo que trata-se de formas distinctas, que embora pareçam variedades, são bastante constantes, em grande numero de exemplares, para terem valor especifico.

A determinação de exemplares muito jovens apresenta, todavia, alguma difficuldade e mesmo incerteza.

Os pescadores da bahia do Rio de Janeiro, que consultamos, distinguem tres especies: O Puã *Callinectes sapidus* Mary Rathb., o Siri-mirim *Callinectes danai* S. Smith e o Siri-assú *Callinectes exasperatus* Gerstæcker: o primeiro não é comestivel, quando cozido, exhala máo cheiro, vive nas praias lodosas; o segundo é muito commum e vive nas praias arenosas e lodosas ou só nas arenosas; ás vezes, á maré alta, é encontrado nos mangues, porém nunca ahi permanece, como se dá com o Siri-assú *Callinectes tumidus,* quando a maré baixa; o terceiro vive nos mangues, de onde muito raramente sahe; quando a maré baixa, refugia-se nas raizes do mangue (*Rhisophora mangle*).

Callinectes sapidus MARY RATHBUN, 1895.

Designação vulgar: *Puã*

Procedencia: Rio de Janeiro.

Esta especie é commum nas bahias e na fóz dos rios, desde Cape Cod até Texas e abunda sobremodo na bahia de Chesapeake; além daquelle limite tem sido encontrado mais raramente (Mary Rathbun); tem sido encontrado tambem na Jamaica, nas Bermudas e no Brazil: Rio de Janeiro e Rio Grande.

Callinectes sapidus MARY RATHB., 1895.

* var acutidens MARY RATHB., 1895.

Esta variedade do *C. sapidus,* que é propria do Brazil, foi encontrada em Santa Cruz e no Rio de Janeiro; Mary Rathbun considera-a uma sub-especie; não vemos, porém, razão bastante para isso e limitamo-nos, portanto, a consideral-a como variedade.

Callinectes ornatus ORDWAY, 1863.

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie abrange: South Carolina, Bermudas, Florida, S. Thomas, Sabanilla — E. U. da Columbia, Curaçáo, Cumana — Venezuela, Port Castries, Santa Lucia, Maranhão e Espirito Santo « Victoria » — Brazil — (Mary Rathbun)

Esta especie, o *C. larvatus* e *C. danai* são vulgarmente designadas por Siri-mirim.

Callinectes danai S. SMITH, 1869.

Designação vulgar: *Siri-mirim.*

Procedencia: Pernambuco e Rio de Janeiro.

Esta especie é muito commum, encontra-se habitualmente em grande quantidade no mercado do Rio de Janeiro. Em 35 exemplares de diversos tamanhos, que examinamos os appendices abdominaes do primeiro segmento, vão muito além do meio do penultimo segmento abdominal, não alcançando, entretanto, a extremidade deste.

A área de dispersão desta especie abrange: Bahia Honda — Cuba —, Jamaica, Port Castries, Santa Lucia, Old Providence, Aspinwall, Sabanilla, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos — Brazil — (Mary Rathbun), Bahia — Brazil (S. Smith).

Callinectes marginatus (A. M. EDWARDS, 1861).

Procedencia: Pernambuco.

Area de dispersão: Florida, Bahamas, S. Domingos, Jamaica, Cozumel, Old Providence, Sabanilla, Curaçáo, S. Thomas, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio Vermelho — Brazil —, Porto Grande, S. Vicente, Ilhas do Cabo Verde, Baya River, Elmina, Ashantee, S. Paulo de Loanda — Africa — (Mary Rathbun), Vera-Cruz—Mexico (A. Milne Edwards).

Callinectes exasperatus (GERSTÆCKER, 1856).

Designação vulgar: *Siri-assú.*

Procedencia: Pernambuco.

Area de dispersão: Florida, Jamaica, Old Providence, Rio Grande do Norte, Victoria, Cannavieiras — Brazil (Mary Rathbun), Haiti (Ordway), Puerto Cabello, Venezuela (Gerstæcker).

Callinectes bocourti A. MILNE EDWARDS, 1879.

Procedencia: Rio de Janeiro.

Area de dispersão: Sabanilla, Cartagena, Pará, Maranhão, Cannavieiras e Itabapoana — Brazil —.(Mary Rathbun).

Neptunus, de Haan, 1833 « restrict ».

Neptunus cribrarius (LAMARCK, 1818).

Designação vulgar: *Siri da arêa.*

Procedencia : Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie alcança, na costa oriental da America ao Norte, New-York e ao Sul, Rio de Janeiro.

* Neptunus pudicus (GERSTÆCKER, 1856).

Costa do Brazil (Gerstæcker).

Achelous, de Haan, 1833.

Achelous spinimanus (LATREILLE, 1825).

Designação vulgar: *Siri-candeia*

Procedencia : Rio de Janeiro.

Tem sido encontrado na costa oriental da America, desde a Carolina do Sul até Rio de Janeiro e na costa occidental, no Chile (A. M. Edwards).

* Achelous sebai (MILNE EDWARDS, 1834).

Martinica e costa do Brazil (A. M. Edwards).

* Achelous ordwayi STIMPSON, 1860.

Florida, Tortugas, St. Thomaz (Stimpson), Bahia (S. Smith) e Abrolhos (Rathbun).

* Achelous spinicarpus Stimpson, 1870.

Tem sido encontrado na altura de Tortugas a 13 braças de profundidade, de Carysfort Reef a 40 braças, de Conde Reef a 49 braças, de Alligator Reef a 53 braças, de Pacific Reef a 60 braças, de American Shoal a 150 braças e a 31° 31' Lat N. e 79° 41' Long. W a 74 braças (Stimpson) ; e no Brazil na altura de Barra Grande á profundidade de 32 a 400 braças (Miers).

Cronius, Stimpson, 1860.

Cronius ruber (LAMARCK, 1818).

Designação vulgar: *Siri-goyá*.

Procedencia : Rio de Janeiro.

Esta especie vive na costa oriental da America, tem sido encontrada na Florida, em Vera Cruz, em Darien no golfo do Mexico, em Cuba, no Rio de Janeiro e em S. Sebastião no Estado de S. Paulo.

* Cronius bispinosus MIERS, 1886.

Bahia (Miers).

CANCRIDÆ:

Eriphia, Latreille, 1817.

Eriphia gonagra (FABRICIUS, 1793).

Procedencia : Rio de Janeiro e Pernambuco.

Esta especie vive na costa oriental da America desde a Florida até Rio de Janeiro.

Pilumnus, Leach, 1815.

Pilumnus aculeatus (SAY, 1818).

Procedencia : Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido encontrada nas costas da Georgia e Florida, em Sarasota Bay e Marcon Pass (Kingsley), em Cuba (von Martens) e na bahia do Rio de Janeiro.

* Pilumnus braziliensis MIERS, 1886.

Bahia á profundidade de 7 a 20 braças (Miers)

* Pilumnus quoyi MILNE EDWARDS, 1834.

Rio de Janeiro (Milne Edwards)

* Pilumnus floridanus STIMPSON, 1870.

Tortugas (Stimpson), Brazil, na altura de Barra Grande á profundidade de 30 a 350 braças (Miers).

* Pilumnus fragosus VAR. A. MILNE EDWARDS, 1880.

S. Thomaz (A. M. Edw.), Bahia á profundidade de 7 a 20 braças (Miers).

* Pilumnus tessellatus A. M. EDWARDS, 1880

Brazil — Desterro (A. M. Edwards).

Existem na collecção do Museu Nacional dous exemplares ♂ do *Pilumnus reticulatus* Stimps., cuja procedencia certa ignoramos ; é, entretanto, bem possivel que tenham sido pescados no Rio de Janeiro.

Destes dous exemplares, um excede de pouco (compr. do cephalothorax 0,m008, larg. 0,m011) ás dimensões dadas por Stimpson e apresenta pequenos tuberculos nos dous pares anteriores de cruripedes, estes tuberculos no exemplar maior (compr. do cephalothorax 0,m011, larg. 0,m014) são bem desenvolvidos, spiniformes e assemelham-se aos dos chelipedes ; quanto aos outros caracteres, concordam perfeitamente com os que Stimpson indica (Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII, pag. 214, 1862), para o *Pilumnus reticulatus*.

E' muito provavel que, devido ás suas pequenas dimensões, o exemplar que Stimpson estudou não apresentasse ainda os tuberculos dos cruripedes, bem desenvolvidos.

Panopeus, Milne Edwards, 1834.

Panopeus herbsti MILNE EDWARDS, 1834.

Procedencia: Rio de Janeiro, Mauá.

A área de dispersão desta especie estende-se de Newport— Rhod Island— ao Rio de Janeiro.

Temos encontrado o *Panopeus herbsti* em Mauá, em praia lodosa e arenosa entre as raizes da *Laguncularia racemosa* que cresce em grande abundancia nos mangues e na Bôa-Viagem em cavidades dos rochedos ou entre pedras.

Panopeus herbsti MILNE EDWARDS, 1834.

* VAR. granulosus A. MILNE EDWARDS, 1880.

Bahia (A. M. Edw.)

Panopeus areolatus MARY RATHB., BENEDICT, 1891.

Procedencia: Rio de Janeiro, Mauá.

Esta especie tem sido encontrada nas Antilhas, Jamaica, S. Thomas, em Aspinwall, Sabanilla, no Maranhão, na Bahia — Plataforma e Bomfim, e no Rio de Janeiro.

Panopeus limosus (SAY, 1817).

Procedencia: Rio de Janeiro.

New-York limita ao norte e Rio de Janeiro ao sul, a área de dispersão desta especie, até hoje conhecida.

Panopeus parvulus (FABRICIUS, 1793).

Procedencia: Rio de Janeiro — Bôa-Viagem.

Tem sido encontrado nas localidade seguintes: Florida — Key West, S. Domingos, Sabanilla, Trinidad, Bahia — Rio Vermelho, Abrolhos e Rio de Janeiro, Boa-Viagem.

* Panopeus hartti S. SMITH, 1869.

Encontra-se esta especie na Florida, S. Thomas, Brazil — Pernambuco — Rio Formoso, Bahia — Plataforma e Abrolhos.

* Panopeus augustifrons MARY RATHB., BENEDICT, 1891.

Localidades onde tem sido encontrado: Vineyard Sound, Massachussetts, Buzzard's Bay, Narragansett Bay, Rhode Island, Long Island em bancos de ostras, na altura de Milford, Stratford, Bridgeport e Norwalk — Connecticut, Hampton Roads — Virginia, Fort Macon — Carolina do Norte, Carolina do Sul, perto de Port Royal a uma milha dentro do May River, na ponta occidental de Skull Creek, na embocadura do Bull Creek, Calibogue Sound, Marco — Florida, Punta Rasa, Charlotte Harbor, Sarasota Bay e Vigia — Brazil (Mary Rathbun, Benedict).

* Panopeus dissimilis MARY RATHB., BENEDICT, 1891.

Localidades onde tem sido encontrado: Trinidad, e Vigia — Brazil (Mary Rathbun, Benedict).

* Panopeus wurdemanni GIBBES, 1850.

Florida, Garden Key, Dry Tortugas, Marco, Sarosota Bay, Goodland Point; Bomfim — Bahia, Brazil (Mary Rathb., Benedict.)

* Panopeus crassus A. M. EDWARDS, 1880.

Brazil (A. M. Edw.)

* Panopeus rugosus A. M. EDWARDS, 1880.

Bahia (A. M. Edw.)

Micropanope, Stimpson, 1870.

* Micropanope spinipes (?) A. M. EDWARDS, 1880.

Abrolhos a trinta braças de profundidade (A. M. Edw.) Bahia (Miers).
Miers refere, com alguma hesitação, a esta especie, um exemplar obtido na Bahia a pequena profundidade.

* Micropanope xanthiformis (A. M. EDW., 1880).

Cabo Frio « ao largo » a 59 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Carpilius, Leach « Desmarest 1825 ».

Carpilius corallinus (HERBST, 1782.)

Procedencia : Pernambuco.

Esta especie encontra-se no golfo do Mexico, nas Antilhas, na Venezuela: Puerto Cabello e no Brazil : Pernambuco.

Leptodius, A. M. Edw., 1863.

* Leptodius floridanus (GIBBES, 1850.)

Florida, Antilhas, Colon (Nobili) e Abrolhos, Brazil.

Menippe, de Haan, 1833.

Menippe rumphi (FABRICIUS, 1798).

Procedencia : Rio de Janeiro.

A procedencia que Herbst e Milne Edwards dão para esta especie (Indias orientaes e mar das Indias) é erronea, como já tinha constatado von Martens; Dana, embora em duvida, dá-a como procedente do Rio de Janeiro e von Martens diz que Fr. Sello encontrou-a no sul do Brazil. No Rio de Janeiro, ella não é rara e ultimamente von Ihering encontrou-a na ilha de S. Sebastião na costa do Estado de S. Paulo. White obteve exemplares de Pernambuco e Jamaica e Nobili de Colon.

Existe na collecção do Museu Nacional um exemplar de *Menipe mercenaria* (Say), sem indicação de procedencia ; julgamos que tenha sido apanhada no Rio de Janeiro.

Cycloxanthops, Mary Rathbun, 1897.

* Cycloxanthops denticulatus (White, 1848).

Localidades onde tem sido encontrado: Antilhas, Bermudas, Aspinwall e Brazil, Abrolhos.

Tetraxanthus « Mary Rathb. 1898 ? »

* Tetraxanthus bidentatus (A. M. EDW., 1880).

Antilhas (A. M. Edw.) Brazil, Abrolhos e Bahia (Mary Rathbun).

Dana dá o Rio de Janeiro como habitat duvidoso do *Xantho dispar* Dana (U. S. Expl. Exp. Crust. pag. 168, pl. 8 fig. 6, 1852 (Miers julga que esta especie descripta por Dana é provavelmente um *Heterosius*, A M. Edw. (Challenger Brachy. pag. 125, 1886).

Actæa, de Haan, 1833

* Actæa rufopunctata (MILNE EDWARDS, 1834).

* var. nodosa (STIMPSON, 1860).

Tortugas (Stimpson) Bahia (Miers).

* Actæa inornata MARY RATHBUN, 1898.

Cabo de S. Roque, Brazil « ao largo » a 20 braças de profundidade (Mary Rathbun).

OXYRHYNCHA

PARTHENOPIDÆ :

Heterocrypta, Stimpson, 1871

* Heterocrypta granulata (GIBBES 1850)

Charleston (Gibbes), costa oriental dos Estados Unidos desde a Virginia até a Florida ; Antilhas, S. Thomas e Brazil: Bahia (Miers).

Lambrus, Leach, 1815.

Lambrus guérini BRITO CAPELLO, 1871.

Procedencia : Brazil.

Capello descreveu esta especie por um exemplar proveniente da ilha Mauricia ; Miers encontrou-a na Bahia e diz que considera, em duvida, os exemplares que colheu, como de uma variedade desta especie.

Existem na collecção do Museu Nacional dous exemplares cujos caracteres estão de accordo com os que Capello dá para *L. guérini*; encontramol-os entre Decapodes provenientes do Estado de S. Paulo e do Rio de Janeiro; não existindo, entretanto, indicação especial de localidade, não podemos garantir de qual dos dous Estados provêm, mas foram indubitavelmente apanhados na costa do Brazil.

* Lambrus serratus MILNE EDWARDS 1834.

Antilhas a 13 braças de profundidade e Brazil: Bahia (Miers).

PERICERIDÆ:

Mithrax, Leach «Latreille, 1817».

Mithrax hispidus (HERBST, 1790).

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie, que vive na costa oriental da America, alcança ao Norte o cabo Fear na Carolina do Norte e ao Sul a ilha de S. Sebastião na costa do Estado de S. Paulo — Brazil (Ihering).

O *Mithrax lævimanus* Desbonne et Schramm é muito provavelmente, antes uma variedade desta especie do que synonymo, como pensa Ortmann.

* Mithrax cornutus DE SAUSSURE, 1857.

Florida, Antilhas e Bahia.

Mithrax forceps (A. Milne Edwards, 1875).

Procedencia: Bahia e Pernambuco.

Encontra-se esta especie desde o cabo Fear na Carolina do Norte até a Bahia.

Mithrax coronatus (HERBST, 1782).

Procedencia: Bahia e Pernambuco.

A área de dispersão desta especie estende-se desde a Florida até Pernambuco e Abrolhos, vive tambem nas Bahamas e em Fernando de Noronha.

Mithrax braziliensis MARY RATHBUN, 1892.

Procedencia: Pernambuco.

Esta especie tem sido sómente encontrada, até hoje, em Pernambuco: Rio Formoso e na Bahia: Mar Grande.

* Mithrax hemphilli MARY RATHBUN, 1892.

Florida: Indian Key, Pernambuco: Rio Formoso e Abrolhos(Mary Rathbun).

* Mithrax aculeatus (HERBST 1782)

Encontra-se esta especie na Florida: Indian Key, Nights Key, Big Pine Key, Key West; Bahamas: ilhas Andros e Abaco; Jamaica; St. Thomaz: S. Domingos e Brazil: Fernando de Noronha (Mary Rathbun), Barbadas, Tortugas e Aspinwall e St. Thomaz (Stimpson), Guadeloupe e Vera Cruz (A. Milne Edwards).

* Mithrax sculptus (LAMARCK, 1818).

Localidades onde tem sido encontrado: Florida: Cape Florida, Cesar Creek, Rodrigues Creek, Dry Tortugas, Key Largo, Indian Key, Key Vaccas, Nights Key, Big Pine Key, Key West, Bird Key; Bahamas: ilhas Andros e New Providence; Jamaica; Swan Island; Barbadas; St. Thomaz: Old Providence e Fernando de Noronha de 7 a 20 braças de profundidade (Mary Rathbun); Florida: Womans Key, bahia Honda em Cuba, Martinica e Cumana (A. M. Edwards); Tortugas (Stimpson); Cuba, Caracas e Surimam (von Martens) ; Vera Cruz (Ives) ; Colon (Nobili).

* Mithrax cristulipes (STIMPSON, 1860).

Localidades onde tem sido observado: Cabo de S. Lucas na California e bahia de Panamá e Rio Formoso, em Pernambuco; Pocock refere, com incerteza, a esta especie um exemplar apanhado em Fernando de Noronha (Mary Rathbun).

Miers (Challenger Brachyura, pag. 89, pl. X, fig. 3) descreve um *Mithrax* que, devido a ser muito joven, não póde referir a nenhuma especie conhecida, não julgando acertado consideral-o uma especie nova, por não apresentar ainda os caracteres bem definidos.

Pitho, Bell 1835.

* Pithó lherminieri (SCHRAMM, 1867).

Cabo de S. Roque, Brazil « ao largo », a 20 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Microphrys, Milne Edwards, 1851.

Microphrys bicornutus (LATREILLE, 1825).

Procedencia: Pernambuco.

A aréa de dispersão desta especie alcança ao Norte a Florida e ao Sul, Desterro — Brazil.

Picroceroides, Miers, 1886.

* Picroceroides tubularis MIERS 1886.

Cuba: Havana (Mary Rathbun), Brazil: Bahia e Fernando de Noronha (Miers).

Leptopisa, Stimpson, 1871.

* Leptopisa setirostris STIMPSON 1871.

Key West, Tortugas on Fishing Banks, S. W. of Loggerhead Key (Stimp.) em sargaços entre Jamaica e Haiti e ao largo do Cabo de S. Roque, Brazil, a 20 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Macrocœloma, Miers, 1879.

* Macrocœloma trispinosum (LATREILLE, 1825).

Carolina do Norte; Florida: Key West, Dry Tortugas, Eastern Dry Rocks, Cedar Keys, Pensacola, Silas Stearns; Bermudas; golfo do Mexico; Jamaica; S. Thomas; Curaçáo; Brazil: Fernando de Noronha, Bahia e Port Castries, Santa Lucia.

* Macrocœloma septempinosum (STIMPSON, 1870).

Oeste de Tortugas a 36 braças de profundidade (Stimps.), Bahia (Miers).

* Macrocœloma concavum (MIERS, 1886).

Bahia e Fernando de Noronha á profundidade de 7 a 20 braças (Miers) e Cabo de S. Roque, á profundidade de 20 braças (Mary Rathbun).

Pericera, Latreille, 1829.

Pericera cornuta (HERBST, 1804).

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie estende-se de Boston ao Rio de Janeiro, encontrando-se tambem na Colonia do Cabo de Boa Esperança (Miers).

Libinia Leach, 1815.

Libinia spinosa MILNE EDWARDES, 1834.

Procedencia: Rio de Janeiro — Icarahy.

Tem sido encontrada na costa do Chile « raramente » (Nicolet-in: Gay, Hist. Chile), na Patagonia e no Brazil: Rio de Janeiro; Rio da Prata « ao largo » a 10 braças de profundidade (Mary Rathb.).

Libinia ferreirai BRITO CAPELLO, 1871.

Procedencia: Rio de Janeiro.

Possue a collecção do Museu Nacional um exemplar desta especie. B. Capello dá, como seu habitat provavel o Brazil, que é effectivamente.

Libinia braziliensis (HELLER, 1865).

Procedencia: Rio de Janeiro.

Esta especie tem sido encontrada até hoje sómente, no Rio de Janeiro.

* Libinia gibbosa A. MILNE EDWARDS, 1878.

Brazil: Desterro (A. M. Edwards).

MAJIDÆ:

Notolopas, Stimpson, 1871.

* Notolopas braziliensis MIERS, 1886.

Bahia, á profundidade de 7 a 20 braças (Miers).

Herbstia, Milne Edwards, 1834.

* Herbstia depressa? STIMPSON, 1860.

Miers refere, com hesitação, a esta especie tres exemplares pequenos, 2♀ e 1♂ apanhados na costa do Brazil, na altura de Barra Grande, á profundidade de 30 a 350 braças.

INACHIDÆ:

Pugettia, Dana, 1851.

* Pugettia scutiformis (DANA 1851).

Rio de Janeiro (Dana).

Miers, (Journ. Linn. Soc., London, v. XIV, pag. 650, 1879) dá o genero *Peltinia* de Dana como synonymo de *Pugettia* do mesmo naturalista e nas referencias bibliographicas deste ultimo genero, (in : Challenger Brachyura, pag. 40, 1886) confirma sua opinião anterior, ao passo que na nota, (loc. cit) diz que: *The*

genus PELTINIA *Dana, is probably synonymous with* PUGETTIA » e acrescenta, que: PUGETTIA SCUTIFORMIS *Dana, from Rio de Janeiro, was probably founded on an immature type.*

Acanthonyx, Latreille, 1829.

* Acanthonyx petiveri MILNE EDWARDS, 1834.

Encontra-se esta especie desde as Antilhas até o Brazil e da California ao Chile (Miers). No Brazil tem sido encontrada na Bahia: Mar Grande, e em Pernambuco? (Mary Rathbun).

Tyche, Bell, 1836.

* Tyche emarginata WHITE, 1847.

Cabo de S. Roque, Brazil, a 20 braças da profundidade (Mary Rathbun).

Pelia, Bell, 1836.

* Pelia rotunda A. M. EDW., 1875.

Desterro (A. M. Edw.), Cabo de S. Roque a 20 braças de profundidade e ao largo do Rio da Patra de 10 1/2 a 11 1/2 braças de profundidade (Mary Rathbun).

Epialtus, Milne Edwards, 1834.

* Epialtus braziliensis DANA, 1852.

Rio de Janeiro (Dana)

Bell (in: Trans. Zool. Soc., London, v. II, pag. 62,1841) affirma ter o Sr. Miller encontrado no Rio de Janeiro um exemplar ♀ joven do *Epialtus marginatus* Bell.. S. Smith (in: Trans, Conn. Acad., v. II, pag. 33,1871-73) põe em duvida a affirmativa de Bell, que A. M. Edwards considera erronea.

Miss Mary Rathbun (in: Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVII, pag. 67,1894), inclue Pernambuco ? entre as localidades de onde existem exemplares do *Epialtus bituberculatus* M. Edw., no Museu Nacional de Washington, porém em duvida como se vê pela interrogação.

Leucippa, Milne Edwards, 1833.

* Leucippa pentagona M. EDW, 1833.

Rio de Janeiro (Dana), Chile (M. Edw.), Patagonia (M. Edw., e D'Orb.), Rio da Patra, golfo S. Matias, Rep. Argent. e Bahia Magdalena, baixa California (Mary Rathbun).

Chorinus Leach «Latreille, 1825».

Chorinus heros (HERBST, 1796).

Procedencia: O exemplar ♂ que existe na collecção do Museu Nacional provém provavelmente da Bahia, pois faz parte da collecção Hartt incorporada á collecção geral do Museu Nacional do Rio de Janeiro. No Museu Nacional de Washington existe tambem um exemplar desta especie obtido na Bahia pelo prof. Rathbun, quando fez parte da commissão Hartt, e a quem deve o Museu Nacional do Rio de Janeiro o exemplar que possue. Os exemplares de ambos os Museus foram colligidos na mesma epoca e muito provavelmente na mesma localidade.

Esta especie tem sido encontrada na Florida: Key West, em Majeres, Martinica, Guadeloupe, Cuba, S. Domingos e Brazil: Bahia-Rio Vermelho.

Apocremnus, A. M. Edwards, 1879.

* Apocremnus septemspinosus A. M. EDWARDS, 1879.

Florida a 37 braças, Ilha Fernando de Noronha de 7 a 20 braças (Miers), Golfo do Mexico (Mary Rathbun).

Batrachonotus, Stimpson, 1870.

Batrachonotus braziliensis MARY RATHBUN, 1894.

Dragado fóra da barra do Rio de Janeiro pelo Prof. Rathbun (Rathbun).

Podochela, Stimpson, 1860.

* Podochela riisei STIMPSON, 1860.

Florida: Pensacola, Key West e Sarasota Bay; St. Thomas, Tortugas, golfo do Mexico, Mar das Antilhas, Bermudas e Brazil: Pernambuco.

O Dr. Emilio Göldi refere-se (in: Archiv. für Naturg., pag. 41, pl. III, figs. 32 a 36, 1886) a um Decapode por elle determinado *Stenorhynchus langirostris*? que como já fez ver em nota, (loc. cit. pag. 42) o editor do Arch. für Naturg., é evidentemente uma especie de genero *Podochela*. Pela estampa e poucos caracteres especificos mencionados pelo Dr. Göldi, talvez seja a *Podochela lamelligera* (Stimp.).

Como temos facilidade em explorar as regiões onde o Dr. Göldi encontrou os exemplares por elle estudados que como nos communicou, estragaram-se, procuraremos obter exemplares da mesma especie para resolver esta questão.

Metoporaphis, Stimpson, 1860.

* Metoporaphis forficulatus A. M. EDWARDS, 1872.

Goyana (A. M. Edw.) Bahia á profundidade de 7 a 20 braças e Barra Grande ao sul de Pernambuco.

Adoptamos a opinião de S. Smith, (in: Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 33, 1871-73) que considera a indicação de Bell, que dá o *Eurypodius latreillei* Guérin, como tendo sido encontrado no Rio de Janeiro, como consequencia de confusão de exemptares de crustaceos provenientes das costas occidental e oriental da America do Sul. Até hoje ainda não foi confirmada a asserção de Bell; [1] entretanto empregaremos todos os esforços para ver se consiguimos verificar a existencia desta especie no Rio de Janeiro.

Possue o Museu Nacional do Rio de Janeiro um exemplar do *E. latreillei* Guérin, trazido, porém, de Punta Arenas pelo Sr. G. Rumbelsperger, naturalista do Museu, que acompanhou a commissão brazileira da passagem de Venus.

Leptopodia, Leach, 1815.

Leptopodia sagittaria (FABRICIUS, 1793).

Designação vulgar: *Aranha do mar*.

Procedencia: Rio de Janeiro.

A área de dispersão desta especie, na costa oriental da America, alcança ao Norte a Florida e ao Sul o Rio de Janeiro; tem sido, tambem encontrada nas ilhas Canarias e do Cabo Verde. Miers diz que existem no British Museum exemplares procedentes da Angola.

O Dr. Göldi (loc. cit., pag. 37) refere-se a uma especie deste genero que deu como nova sob a designação de *Leptopodia lineata*, insistindo principalmente no colorido dos exemplares que observou. Quanto á caracteres morphologicos, nenhum dá, que possa justificar a acceitação desta especie, que é muito provavelmente mais um synonymo da *L. sagittaria* (Fabr.). Como nos communicou o Dr. Göldi, os exemplares typicos por elle estudados estragaram-se, só nos restando como elementos para resolver esta duvida, sua descripção e estampa, procuraremos, entretanto, obter exemplares, das localidades por elle indicadas, que apresentando o colorido da *L. lineata*, comparados com os exemplares da *L. saggitaria*, existentes na collecção do Museu Nacional, proporcionem-nos occasião de resolver esta questão.

---

[1] Trans. Zool. Soc. London, v. II, pag. 40, 1841.

SYNONYMOS

E

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

STOMATOPODA

SQÚILLIDÆ :

GONODACTYLUS FALCATUS (Forskael 1775).

Mantis marina barbadensis, Petiver, Pterigraph. americana pl. XX. fig. 10 (1712)

Cancer falcatus, Forskael, (1775).

Squilla chiragra, Fabricius, Ent. Syst. II, pag. 513 (1793), Suppl. pag. 417 (1798); Desmarest, Consid. Crust., pag. 251, pl. XLIII (1825).

Cancer mantis chiragra, Herbst, Naturg. Krabben, II, pag. 100, pl. XXXIV, fig. 2 (1796).

Gonodactylus chiragra, Latreille Encyclop. method. X, pag. 473 (1825), atlas pl. CXXV fig. 2; M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 528 (1837); Kraus, Sudafrik. Crust. pag. 60 (1843); White, List. Crust. Brit. Mus., pag. 84 (1847); Gibbes, Proc. Am. Assoc., pag. 201 (1850); Dana, U. S. Expl. Exped., v. XIII, part. I, Crust., pag. 623, pl. XLI, fig. 5 (1852); Heller, Crust. südl Europa, pag. 309 (1863), Reise Novara, Crust. pag. 126 (1865), Annesley, Proc. Zool. Soc., pag. 338 (1866); S. J. Smith, Trans. Connect. Acad. v. II, pag. 41 e 31 (1869, 1871 to 1873); v. Martens, Archiv. für Naturg. 38 Jahrg.,

pag. 147 (1872), idem, in van der Decken's Reise, Crust. pag. 103 (1869); Hoffmann, Recherches faune Madagascar, Crust., pag. 36 (1874); Miers, Phil. Trans. Roy. Soc., CLVIII, pag. 495 (1879); Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), V. pag. 118 (1880); Brooks, Voyage of the Challenger, XVI, II, pag. 56 (1886); Bigelow, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, XVII, pag. 495 (1894); Nobili, Bull. Mus. Zool. ed Anat. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag 6 (1897).

Gonodactylus smithi Pocock. Ann. and Mag. Nat. Hist. (6) XII (1893).

Gonodatylus falcatus Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. part. I, pag. 105 (1893)

LYSIOSQUILLA SCABRICAUDA (Lamarck 1818)

Squilla scabricauda Lamarck, Hist. Anim. sans Vert. V. pag. 188 (1818); Latreille, Encyclop. Method. Hist. Nat. v. X, pag. 470 (1825), atlas pl. CXXV, fig. 1; Desmarest, Consid. Crust. pag. 251, pl. XLII (1825); M. Edwards, His. Nat. Crust. v. II pag. 519 (1837); Gibbes, Proc. Amer. Assoc., pag. 199 1850); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 41 (1869, 1871 to 1873).

Squilla hœveni, Herklots, Addit. Faun. carcin. Africa occid., pag. 17, pl. I, fig. 11 (1851).

Lysiosquilla inornata Dana. U. S. Expl. Exp. XIII, Crust. part. I, pag. 616, pl. XLI, fig. 1 (1852).

Lysiosquilla scabricauda, Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), v. V, pag. 7 (1880); Sharp. Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. part I, pag. 106 (1893); Bigelow, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVII, pag. 508 (1894).

SQUILLA DUBIA M. Edwards, 1837.

Squilla dubia Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 522 (1837); Gibbes, Proc. Am. Assoc. v. VI, pag. 200 (1850); Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5) v. V, pag. 24 (1880); Sharp,

Proc. Am. Acad. Nat. Sc., Philad., part. I, pag. 107 (1893); Bigelow, Proc. U.S. Nat. Mus., Washington, v. XVII, pag. 518 (1894).

Squilla rubrolineata Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII, Crust part. I, pag. 618, pl. XLI, fig. 2 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 41 (1869, 1871 to 1873); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., pag. 144 (1872).

SQUILLA PRASINOLINEATA Dana, 1852.

Squilla dufresni Leach, White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 83 (1847) sine descr.; Miers, Ann. Mag. Nat. Hist., (5). V, pag. 18, pl. II, figs. 8, 9 (1880); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. part. I pag. 108 (1893); Bigelow, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVII, pag. 521 (1894).

Squilla prasinolineata Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII, Crust. part. I' pag. 620, pl. XLI fig. 3 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 41, (1871-1873); Miers, Ann. Mag. Nat. Hist., (5) v. V, pag. 19, pl. II fig. 10 (1880) Ives, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 184 (1891); Sharp. Proc. Acad. Nat. Sc. Philad., part. I, pag. 108 (1893); Bigelow, Proc. U. S. Nat. Mus. Washington, v. XVII, pag. 520 (1894).

PODOPHTHALMATA

SCHIZOPODA

MYSIDÆ:

MACROMYSIS GRACILIS Dana, 1852.

Macromysis gracilis Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII, Crust. part. I, pag. 653 (1852).

RACHITIA SPINALIS Dana, 1852.

Rachitia spinalis Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII, Crust. part., I, pag. 667, (1852).

DECAPODA

MACRURA

SERGESTIDÆ :

LUCIFER ACICULARIS Dana, 1852.

Lucifer acicularis, Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII, part. I Crust. pag. 674 (1852).

PENÆIDÆ :

PENÆUS BRAZILIENSIS Latreille 1817.

Penæus braziliensis Latreille, Nouv. Dict. Hist. Nat. XXV, pag. 256 (1817); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 414 (1837); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist., New York, X, pag. 132 (1871); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. pag. 140 (1872); S. J. Smith, U. S. Comm. of Fisher., part. I, pag. 551 (1873); Miers, Proc. Zool. Soc., London, pags. 299 e 306 (1878); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 427 (1879); S. Bate, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), VIII, pag. 175 (1881); Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), VIII, pag. 367 (1881); Ives, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 190 e 194 (1891); Benedict., Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVI, pag. 540 (1893); Sharp. Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., part. I, pag. 108 (1893).

Penæus brevirostris Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 98 (1878); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., part. I pag. 108 (1893).

PENÆUS SETIFERUS (Linnæus, 1766).

Astacus fluviatilis americanus Seba, Thesaur., v. III, pl. 17 fig. 2 (1758).

Cancer setiferus Linnæus, Syst. Nat. (1766).

Cancer gamarellus setiferus Herbst, Naturg. Krabben, v. II, pag. 103, pl. 34, fig. 3 (1796).

Palæmon setiferus Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, pag. 660, pl. 291 (1811).

Penæus orbignyanus Latreille, Nouv. Dict. Hist. Nat., v. XXV. pag. 154 (1817); Desmarest. Consid. Crust., pag. 225 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag 415 (1837).

Penæus fluviatilis Say, Journ. Acad., Philad., I pag. 236 (1817).

Penæus setiferus, M. Edwards. Hist. Nat. Crust. v. II pag 414 (1837); De Kay, New-York Fauna, Crust. pag. 30 (1844); de Saussure, Crust. nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 55 (1858); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., pag. 141 (1872); Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag. 307 (1878); S. Bate, Ann. Mag. Nat. Hist. (5) VIII, pag. 176, pl. XI fig. 1 (1881); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., part I, pag. 110 (1893).

PENÆUS KRÖYERI Heller, 1862.

Penæus kröyeri Heller, Wien. Akad. Wiss. Sitzungsb. XLV. (Abth I), pag. 425, pl. II, fig. 51 (1862).

Xiphopenæus hartti S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 28 e 40, pl. I fig. 1 (1871-1873); Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag 305. (1878).

BENTHESICYMUS BRAZILIENSIS S. Bate. 1881.

Benthesicymus braziliensis S. Bate, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), VIII, pag. 191 (1881).

ARTEMESIA LONGINARIS S. Bate 1888.

Artemesia longinaris S. Bate, Challenger Macrura, pag. 281 pl XL (1888); C. Berg Comm. Mus. Nac., Buenos-Ayres, v. I n. 2, pag 39 (1898).

SICYONIA CARINATA (Olivier 1811).

Palæmon carinatus Olivier, Encycl. Method., VII, pag. 667 (1811).

Sicyonia carinata M. Edwards, Ann. Sc. Nat. v. XIX, 1º serie, pags. 344 a

346, pl. 9 fig. 9 (1830), Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 410 (1837); Dana, U. S. Expl. Exp. Crust. pag. 602 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873); v. Martens, Arch. für Narturg. 38 Jahrg., pag. 142 (1872); Kingsley. Proc. Acad. Nat. Sc. Philad., pag 426 (1879); S. Bate, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), VIII, pag. 172 (1881); Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), VIII, pag. 367 (1881); S. Bate, Challenger Macrura, pag. 294 (1888), Walter Faxon, Mem. Mus. Comp. Zool., Cambridge, XVIII, pag. 179 (1895).

GENNADAS PARVUS S. Bate 1881.

Gennadas parvus S. Bate, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), v. VIII, pag. 192 (1881), Challenger Macrura, pag. 340 pl. LIX (1888).

ATYIDÆ:

ATYOIDA POTIMIRIM Fritz Müller, 1881.

Atyoida potimirim Fritz Müller, Kosmos (Krause), IX, pag. 117, fig. 1-20 (1881), Arch. Mus. Nac., Rio de Janeiro, v. VIII, pag. 155, pl. IX e X (1892); Ortmann, Rev. Mus. Paulista, S. Paulo, v. II, pag. 183, pl. 1 fig. 1 a 3 (1897).

PANDALIDÆ:

PLESIONIKA UNIPRODUCTA S. Bate 1888.

Plesionika uniproducta S. Bate, Challenger Macrura, pag. 641, pl. CXIII, fig. 1 (1888).

NOTHOCARIS GENICULATUS (A. Milne Edwards 1883).

Pandalus genicalatus A Milne Edwards, Recueil d. Fig. Crust., (1883).

Nothocaris geniculatus S. Bate Challenger Macrura, pag. 661, pl. CXVI, fig. 4 (1888).

ALPHEIDÆ:

ALPHEUS HETEROCHELIS Say. 1818.

Alpheus heterochelis Say, Journ. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 243 (1818); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag.

356 (1837); De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 26 (1844); Gibbes, Proc. Am. Assoc. Adv. Sc., pag. 196 (1850); Kingsley, Bull. U. S. Geol. and Geog., Surv. v. IV, pag. 194; S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 23 e 39 (1871-1873); Lockington, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5), I, pag. 475 (1878); Ives. Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 183 (1891); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., part. I, pag. 112 (1893).

Alpheus armillatus M. Edwards, loc. cit., pag 354.

Alpheus lutarius de Saussure, Crust. Nouv. des Antilles et du Mexique, pag. 45, pl. III, fig. 24 (1858); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., pag. 139 (1872).

Halopsyche lutaria de Saussure, Rev. Zool., pag 100 (1857) — teste, Saussure.

Alpheus bispinosus Streets, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 242 (1871).

ALPHEUS MALLEATOR Dana, 1852.

Alpheus malleator Dana U. S. Expl. Exp. Crust. V. XIII part. I, pag. 557 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873).

ALPHEUS MINUS Say, 1818.

(Fide B. Sharp) Alpheus minus Say, Journ Acad. Nat. Sc., Philad. I., pag. 245 (1818); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 356 (1837); De Kay, New-York Fauna, Crust. pag. 26 (1844); Gibbes, Proc. Am. Assoc. Adv. Sc., pag. 196 (1850); Kingsley, Bull. U. S. Geol and Geogr. Surv. IV, n. 1, pag. 190; Lockington, Ann and Mag. Nat. Hist. (5) I, pag. 472 (1878); S. Bate, Challenger Macrura. pag. 558 (1888); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., I, pag. 114 (1893).

Alpheus formosus Gibbes, loc. cit.

Alpheus tridentulatus Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. v. XIII, pag. 552 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 40 (1871-1873)

Alpheus saulcyi Guérin, Hist. de l'Ile de Cuba, anim. art. Crust., pag. XLVIII, atlas pl. 2 fig. 8 (1857).

Alpheus minor Lockington, loc. cit.

ALPHEUS INTRINSECUS S. Bate 1888. — *Alpheus intrinsecus*, S. Bate, Challenger Macrura, pag. 557 pl. c. fig. 1 (1888).

HOPLOPHORIDÆ:

HYMENODORA MOLLIS S. Smith 1883. — *Hymenodora mollis* S. Smith, Bull. Mus. Comp. Zool. v. X., pag. 74, pl. XI figs. 8-9, pl. XII, figs. 5-9 (1882-1883); S. Bate Challenger Macrura, pag. 841 (1888).

NOTOSTOMUS BREVIROSTRIS S. Bate 1888. — *Notostomus brevirostris* S. Bate, Challenger Macrura, pag. 832, pl. CXXXIV, fi. 3 (1888).

ACANTHEPHYRA EDWARDSI S. Bate 1888. — *Acanthephyra edwardsi* S. Bate, Challenger Macrura, pag. 747 pl. CXXVI fig. 1 (1888).

HIPPOLYTIDÆ:

HIPPOLYTE EXILIROSTRATUS Dana, 1852. — *Hippolyte exilirostratus* Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. v. XIII part I, pag. 563 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873).

HIPPOLYTE OBLIQUIMANUS Dana, 1852. — *Hippolyte obliquimanus*, Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. v. XIII, pat. I, pag. 564 (1852); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 40 (1871-1873).

AMPHIPLECTUS DEPRESSUS S. Bate 1888. — *Amphiplectus depressus* S. Bate, Challenger Macrura, pag. 623 pl. CX fig. 31 (1888).

PALÆMONIDÆ:

LEANDER PAULENSIS Ortmann, 1897. — *Leander paulensis* Ortmann, Rev. Mus. Paulista (S. Paulo, Brazil) v. II. pag. 192, pl. 1 fig. 14 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paulista, v. II, pag. 422 (1897).

LEANDER POTITINGA Ortmann, 1897.

Leander potitinga Fritz Müller, Arch. Mus. Nac., Rio de Janeiro, v. VIII pag. 182 e 190, sem descripção nem figura (1892); Ortmann, Rev. Mus. Paulista, v. II, pag. 193, pl. I fig. 13 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paulista, v. II, pag. 422 (1897).

PALÆMON AMAZONICUS Heller, 1862.

Palæmon amazonicus Heller Sitzungsb. Akad. Wiss., Wien, v. XLV, I Abth., pag. 418, pl II, fig. 45, (1862); Nobili, Boll, Mus. Zool. ed Anat. comp., Torino, v. XI, n. 222, pag. 3 (1896); Ortmann, Rev. Mus. Paul. v. II, pag. 204 (1897).

Palæmon lamarrei de Man, non Milne Edwards, Not. Leyden. Mus., v. I, pag. 166 (1879); Ortmann, Zool. Jahrb. v. V, pag. 701, pl. 47, fig. 2 (1891) et loc. cit.

Palæmon ensiculus S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 26 et. 40, pl. I, fig. 2 (1871-1873); Ortmann, loc. cit.

Palæmon jelskii Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag. 661, pl, LXVII fig. 1 (1877); Ortmann, loc. cit.

PALÆMON ACANTHURUS Wiegmann, 1836.

Palæmon acanthurus Wiegmann, Arch. für Naturg, 2 Jharg. v. I, pag. 150 (1836); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 40 (1871-1873); Ortmann, Zool, Jahrb., v. V, pag. 720 pl. 47 fig. 5 (1891); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., part I, pag. 121 (1893); Ortmann, Rev. Mus. Paulista, v. II, pag. 205 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paulista, v. II, pag. 422 (1897).

Palæmon forceps M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 397 (1837); de Saussurre, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 51 (1858); v. Martens, Arch. für Naturg. 35 Jahrg., v. I, pag. 28 (1869); Cunningham, Trans. Linn. Soc, v. XXVII, pag. 497 (1871); S. J. Smith. Trans. Conn. Acad., v. II, pags, 24 et 40, (1871-1873).

Bithynis forceps Sp. Bate. (1887).

PALÆMON NATTERERI Heller, 1862.

Palæmon nattereri Heller, Sitzungsber Akad. Wissen., Wien, v. XLV., I Abth., pag. 414, pl. II, figs. 36 et 37 (1862); v. Martens, Arch. für Naturg. XXXV Jahrg. v. I, pag. 32 (1869); Ortmann Zool. Jahrb., v. V, pag. 710 (1891); Miers, Proc. Zool. Soc, London, pag. 660 (1877); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anat., comp. v. XII, n. 275, pag. 5 (1897); Ortmann, Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 207 (1897).

Palæmon braziliensis Heller, loc. cit. pag. 419, pl. II fig. 46 (1862); v. Martens, loc. cit.; Miers, loc. cit.

PALÆMON JAMAICENSIS (Herbst, 1796).

Potima, Marcgrave Hist. rerum nat. Braziliæ, pag. 185 (1648).

Astacus fluviatilis jamaicensis Sloane Voyag. Madeira, etc, II., pag. 270, pl. 245, fig. 2 (1727); Seba Thesaur, v. III, pl. 21, fig. 4 (1758).

Camaron de agua dulce Parra, Descript. Hist. Nat., Cuba, pag. 157, pl. 55, fig. 2 (1787).

Cancer (astacus) jamaicensis Herbst, Naturg. Krabben, v. II, pag. 57, pl. 27, fig. 2 (1796).

Palæmun carcinus Fabricuis, *e parte*; Latreille, Altas Encyclop. Method., pl. 292 fig. 2 (1818).

Palæmon jamaicensis, Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, n. 2 (1811); Lamarck, Hist. anim. sans vertb., 1ª edição, pag. 207, 2ª edição-, v. V pag. 366 (1838); Leach, Zool. Miscel., v. II, pl. 92; Desmarest, Consid. Crust., pag. 237 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 398 (1837); Guérin Méneville, Hist. de l'Ile de Cuba, Crust. pag. 54 (1857); de Saussure, Crust. nouv. des Antilles et du Mexique, pas. 49, (1858) v. Martens, Arch. für Naturg. 35 Jahrg., v. I, pag. 22 (1869); S. J. Smith, Trans. Conu. Acad., v. II, pags. 23 et 40 (1871-1873); Ortmann, Zool. Jahrb.,

v. V, pag. 729, pl. 47, fig. 7 (1891); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Phild., part. I, pag. 122 (1893); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVI, pag. 540 (1893); Ortmann, Rev. Mus. Paul. v. II, pag. 208 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 423 (1897).

Palæmon brachydactylus Wiegmann Arch. für Naturg. 2 Jahrg. v. I, pag. 148 (1836).

Palæmon punctulatus Randall, Journ. Acad. Nat. Sc., Philad., v. VIII, pag. 144 (1839).

Palæmon aztecus de Saussure, Crust. nouv. des Antilles et du Mexique, pag. 50, pl. IV, fig. 29 (1858).

Palæmon vollenhoveni Herklots, Ortmann Zool. Jahrb. v. V., pag. 731 (1891).

Macrobrachium americanum S. Bate, Proc. Zool. Soc. London, 263, 368, pl. 30 (1868).

Bithynis jamaicensis S. Bate (1887); Pocock, Ann. Mag. Nat. Hist. (6) v. III, pag. 10 (1889).

PALÆMON POTIUNA Fritz Müller, 1892.

Palæmon potiuna Fritz Müller, Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, v. VIII, pag. 179, pl. 11 (1892); Ortmann, Rev. Mus. Paul. v. II, pag. 209, pl. I, fig. 9 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 423 (1897).

PALÆMON IHERINGI Ortmann, 1897.

Palæmon iheringi Ortmann, Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 211, pl. I, figs. 7 e 8 (1897).

PALÆMON OLFERSI Wiegmann, 1836.

Palæmon olfersi Wiegmann, Arch. für Naturg., 2 Jahrg., v. I, pag. 150 (1836); Greeff, Sitzungsb. Gessel. zür Beförd. der gesam. Naturw., Marburg, n. 2 April, pag. 30 (1882); Sharp, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. part. I, pag. 123 (1893); Ortmann, Zool. Jahrb. Syst., v. V, pag. 733, pl. 47, fig. 8 (1891), Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 212, pl. I, figs. 10 e 11 (1897); Ihering, Rev. Mus. Paul.,

v. II, pag. 423 (1897); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anat. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 6 (1897).

Palæmon spinimanus M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 399 (1837); v. Martens, Arch. für Naturg. 35 Jahrg., v. I, pag. 26, pl. II, fig. 3 (1869); S. J. Smith, Trans, Conn. Acad., v. II, pag. 4 (1871-1873); Ortmann, loc. cit., pag. 212 (1897).

Bithynis spinimanus Spence Bate (1887); Pocock, Ann. Mag. Nat. Hist. (6) III, pag. 10 (1889).

CAMPYLONOTUS CAPENSIS S. Bate, 1888.

Campylonotus capensis S. Bate, Challenger Macrura, pag. 773, pl. CXXVIII, fig. 3 (1888).

GLYPHOCRANGONIDÆ:

GLYPHOCRANGON ACULEATA A. Milne Edwards, 1884.

Glyphocrangon aculeatum A. Milne Edwards, Ann. Sc. Nat. (6) v. XI, pag. 5 (1884); S. Bate, Challenger Macrura, pag. 521, pl. XCIV, fig. 1 (1888).

PARASTACIDÆ:*

PARASTACUS PILIMANUS (v. Martens, 1869).

Astacus pilimanus v. Martens, Arch. für Naturg., 35 Jahrg., v. I, pag. 15, pl. II, fig. 1 (1869).

Parastacus pilimanus Huxley, Proc. Zool. Soc., London, pag. 771 (1878), l'Écrevisse, Bibliothèque Sc. Intern., pag. 225 (1880); Walter Faxon, Proc. U. S. N. Mus., Washington, v. XX, pags. 683 e 684 (1898).

PARASTACUS BRAZILIENSIS, (v. Martens, 1869).

Astacus braziliensis v. Martens, Arch. für Naturg., 35 Jahrg, v. I, pag. 16, pl. II, fig. 2, (1869); Ortmann, Zool. Jharb, Abtheil f. System., VI pag. 9 (1891).

Parastacus braziliensis Huxley, Proc. Zool. Soc., London, pag. 771 (1878).

* Walter Faxon, in «Proc. U. S. Nat. Mus. v. XX pag. 684 (1898)», diz que existe na collecção da Academia de Sciencias de Philadelphia, um exemplar do PARASTACUS SAFFORDI W. Faxon, rotulado com a procedencia: Brazil n. 287 da collecção Guérin).

l'Écrevisse, Bibliothèque Sc. Intern., pag. 225 e fig. 64 (1880); Walter Faxon, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XX pags. 683, 684 e 687 (1898).

PALINURIDÆ:

SENEX ARGUS (Latreille, 1804).

Palinurus argus Latreille, Ann. Mus. d'Hist. Nat., Paris, v. III, pag. 593 (1804), Nouv. Dict. d'Hist. Nat., v. XVII, pag. 295 (1816-1819); Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, pag. 663 (1811); Lamarck, Hist. Nat. anim. sans verteb., v. V, pag. 210, 1ª edição, v. V, pag. 371, edição 2ª (1838); Desmarest, Cons. Crust., pag. 185 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 300 (1837); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., v. I, pag. 128 (1872).

Panulirus argus — PANULIRUS — Gray. List, Crust. Brit. Mus. (1847); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 39 (1871-1873); Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil. für System., v. X, pag. 262 (1897).

Senex argus, Pfeffer, Verhand. Naturw. Vereins, Hamburg, pag. 36 (1880. 1881); Ihering, Rev. Mus. Paul., v. II, pag. 156 (1897).

SENEX GUTTATUS (Latreille, 1804).

Squilla crangon americana altera, Seba, Thesaur. v. III pag. 54, pl. 2 fig. 5 (1758).

Palinurus guttatus Latreille, Ann. Mus. d'Hist. Nat., Paris v. III, pag. 393 (1804), Encyclop. pl. 315 (1818), Nouv. Dict. d'Hist. Nat., v. XVII, pag. 295 (1816-1819); Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, pag. 672 (1811); Lamarck, Hist. Nat. anim sans verteb. v. V., pag. 210 — 1ª edição; — v. V. pag. 371, 2ª edição (1838); Desmarest, Cons. Crust., pag. 185 (1825); M. Edwards. Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 297, pl. 23 fig. 1 (1837); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 125 (1872).

Panulirus guttatus, Streets. Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 242 (1871); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVI, pag. 540 (1893); Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil. für System. v. X pag. 268 (1897).

Senex guttatus Pfeffer, Verhand. Naturw. Vereins Hamburg, pag. 30 (1880-1881)

Palinurus ricordi Guérin-Méneville, Iconog. Règn. Anim., Cuvier, Crust., pag. 13, pl. 17 fig. 2 (1829-1844).

Palinurus japonicus De Haan, Fauna japonica, pag. 158 (1833).

Palinurus americanus M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 298 (1837); Streets, Proc. Acad., Nat. Sc., Philad., pag. 24 (1871).

Palinurus echinatus S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II pags. 20 et 39 (1871-1873).

SENEX LÆVICAUDA (Latreille 1816-1819).

Palinurus lævicauda Latreille, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., v. XVII pag. 295 (1816-1819); Desmarest, Consid. Crust., pag. 186 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 301 (1837).

SCYLLARIDÆ:

SCYLLARUS ÆQUINOXIALIS Fabricius 1798.

Brown, Civil, nat. hist. of Jamaica, tab. 41, fig. 1.

Langostino, Parra, Descript. hist. Nat. Cuba, pl. 54, fig. 1 (1787).

Scyllarus æquinoxialis Fabricius, Suppl. Entomol. Systemat., pag. 399 (1798); Bosc., Hist. Crust. v. II, pag. 19 (1802) Latreille, Hist. Nat. Crust., v. VI, pag. 182 (1803); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 285, pl. 24 fig. 6 (1837); Guérin-Méneville, Hist. Nat. Cuba, pag. XLII (1857); v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg., v. I, pag. 123 (1872); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 18 et 39 (1871-1873);

Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil. für System., v. X, pag. 692 (1897).

DECAPODA

ANOMURA

GALATHEIDÆ:

MUNIDA STIMPSONI A. Milne Edwards 1880.

Munida stimpsoni A. Milne Edwards, Bull. Mus. Comp. Zool., vol. VIII n. 1 pag. 47 (1880), Henderson, Challenger Anomura, pag. 126, pl. XIV fig. 1 (1888).

MUNIDA MILES A. Milne Edwards 1880.

Munida miles A. Milne Edwards, Bull. Mus. Comp. Zool. Cambridge, U. S. A. v. VIII n. 7 pag. 51 (1880); Henderson Challenger Anomura, pag. 126 (1888).

Munida valida S. J. Smith, Proc. U. S. N. Mus. v. VI pag. 42, pl. 1 (1883).

MUNIDA SPINIFRONS Henderson 1888.

Munida spinifrons Henderson, Ann. and. Mag. Nat. Hist., ser. 5, v. XVI pag. 412 (1885), Challenger Anomura, pag. 144, pl. 15 fig. 1 (1888).

MUNIDA ERINACEA (A. Milne Edwards 1880).

Galathodes erinaceus A. Milne Edwards, Bull. Mus. Comp. Zool., v. VIII n. 1 pag. 53 (1880); Henderson, Challenger Anomura, pag. 149 pl. 16 fig. 4 (1888).

ÆGLEA LÆVIS (Latreille 1818).

Galathea lœvis Latreille, Encyclop. Method., pl. 308, fig. 2 (1818).

Æglea lœvis, Leach. Dict. des Sc. Nat., v. XVIII, pag. 49 (1820), Desmarest, Consid. sur les Crust., pag. 187, pl. 33 fig. 2 (1825), Latreille, Règn. Anim. Cuvier v. IV (2ª edição), pag. 84 (1829); Griffith, Cuvier, Anim. Kingd., v. XIII, pag. 184, pl. VII fig. 2 (1833), M. Edwards, Règn. Anim. Cuvier, Crust. pag. 124 pl. 47 fig. 3; M. Edwards Hist. Nat. Crust. v. II pag. 260 (1837); M. Edwards et Lucas, in D'Orbigny,

Voyag. Amér. Mérid. v. VI, Crust. pag. 34 (1843); Nicolet, in Gay, Hist. de Chile, Zool. v. III, pag. 199 (1849); Dana, U. S. Expl. Exp. Crust. v. XIII part. I, pag. 476 pl. 30 fig. 6 (1852); C. Girard, U. S. Nav. Astronom. Exp. Crust. v. II, pag. 255 (1855); v. Martens Arch. für Naturg. 35 Jahrg. v. I, pag. 14 (1869); Berg. Ann. Soc. Entom., France v. 61, 4º trim. Bull. Octobre, pag. CCVI (1892—1893); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anat. comp., Torino, v. 11 n. 265, pag. 1 (1896); Berg. Communic. Mus. Nac., Buenos-Ayres, v. I n. 1 pag. 7 (1898).

ÆGLEA INTERMEDIA Girard, 1855.

Æglea intermedia Charles Girard, U. S. Naval Astronom. Exp. v. II pag. 255 (1855), v. Martens Arch. für Naturg. 35 Jahrg. v. 1, pag. 15 (1869).

Æglea odebrechti, Fritz Müller, Jen. Zeitschr. für Naturwissen., v. X, pag. 13 pl. 1 figs. 1-10 (1876).

CŒNOBITIDÆ:

CŒNOBITA DIOGENES (Latreille, 1818).

Cancellus terrestris bahamensis Catesby, Hist. of Carolina, v. II, pl. 33, figs. 1 e 2 (1771).

Pagurus diogenes Latreille, Encyclop. Method., pl. 284, figs. 2 e 3 (segundo Catesby) (1818).

Cœnobita diogenes M. Edwards, His. Nat. Crust., v. II, pag. 240, pl. 22 figs. 11 a 13 (1837); White, List. Crust. Brit. Mus-London, pag. 61 (1847); Guérin-Méne—ville, in de la Sagra, Hist. Cuba, anim. articul. Crust. pag. XXXVI (1857); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 232 (1858-1859); Streets, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 241 (1871); v. Martens, Arch. für Naturg, 38 Jahrg., v. I, pag. 121 (1872); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 38 (1871-1873); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 3 (1897).

PAGURIDÆ:

PETROCHIRUS GRANULATUS (Olivier, 1811).

Macao, Parra, Descrip. diff. piez. Hist. Nat., pag. 71, pl. 61 (1787).

Cancellus maximus bahamensis Catesby, Hist. of. Carolina, v. II, pl. 34 (1771).

Pagurus miliarius (teste v. Martens) Bosc, Hist. Nat. Crust. 2ª ed., pag. 325, pl. 12, fig. 1 (1828).

Pagurus granulatus Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, pag. 640 (1811); Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert., v. V. pag. 220 (1815-22); M. Edwards, Ann. Sc. Nat., 2ª ser., v. VI, pag. 275 (1836) Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 225 (1837); Lamarck, Hist. Nat., Anim. s. vert,., v. V› pag. 393 (1838); Dana, U. S. Expl. Exp Crust., pag. 453 (1852): Guérin, in La Sagra, Hist. Cuba, Annim. art. Crust., pag. XXXV (1857); v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg., v. I, pag. 120 (1872) Henderson, Challenger Anomura, pag. 56 (1888).

Petrochirus granulatus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 233 (1858-59); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 17 e 38 (1871-73); Heller, Reise der Novara, Crust., pag. 85 (1868).

PAGURUS ARROSOR (Herbst, 1796).

Cancer arrosor, Herbst. Naturg. der Krab. und. Kreb, v. II, pag. 170, pl. 43, fig. 1 (1796).

Pagurus strigosus, Bosc, Hist. des Crust., v. II, pag. 77 (1802).

Pagurus striatus, Latreille, Hist. Nat. Crust, v. VI, pag. 163 (1803); Olivier, Encyclop. Method., v. VIII, pag. 643 (1811); Risso, Crust. de Nice, pag. 54 (1813-16); Desmarest, Consid. Crust., pag. 178 (1825); Roux, Crust. de la Mediterranée, pl. 10 (1828); M. Edwards, Ann. Sc Nat. 2ª ser,. v. VI pag. 270 (1836); Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 218 (1837); Lucas, Expl. scientif. de l'Algerie, anim. artic., pag.

29 (1849); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc. Philad., pag. 233 (1859).

Henderson Challenger Anomura, pag. 55 (1888).

A. M. Edwards, Mem. Mus. Comp. Zool., Cambridge., v. XIV, n. 3, pag. 162 (1893).

Pagurus incisus Lamarck, Hist. Nat., Anim, s. Vert., v. V., pag. 220; 1ª ed. (1816-22); 2ª ed., pag. 393 (1838); Latreille, Encyclop., pl. 310.

Variedades americanas:

Var. *insignis* de Saussure, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 37, pl. III, fig. 20 (1858); v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg, v. I, pag. 119 (1872).

Var. *petersi* A. M. Edwards, Mem. Mus. Comp. Zool., Cambridge U. S. A., v. XIV, n. 3, pag. 162, pl. 11, figs. 24-35 (1893).

CALCINUS SULCATUS (M Edwards 1836).

Pagurus sulcatus Milne Edwards Ann. Sc. Nat., 2ª ser., v. VI, pag. 279 (1836); Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 230 (1837).

Calcinus sulcatus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc. Philad., pag. 234 (1858-1859); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 17-39 (1871-1873); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVI, pag. 539 (1893-94); Nobili, Boll. Mus. Zool. e Anat. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 4 (1897).

CLIBANARIUS SCLOPETARIUS (Herbst 1796).

Cancer sclopetarius Herbst, Naturgesch. der Krab. und Kreb., v. II, pag. 23, pl. 23, fig. 3 (1796); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., v. I, pag. 118 (1872).

Pagurus sclopetarius, Bosc, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 76 (1802); M. Edwards, Ann. Sc. Nat. 2ª, ser. v. VI, Zool., pag. 278 (1836); Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 229 (1837).

Clibanarius sclopetarius Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc. Philad., pag. 235 (1858-59); Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., v. VII, pag. 85 (1862); S. Smith, Trans.

Conn. Acad., v. II, pags. 18-39 (1871-73); Nobili, Bollet. Mus. Zool., ed Anat. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 4 (1897).

Pagurus cubensis, de Saussure, Crust. nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 39 e appendice (1858); Stimpson, Ann. Lyc Nat., Hist., N. Y., v. VII, pag. 85 (1862); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg, v. I, pag. 117 (1872).

CLIBANARIUS VITTATUS (Bosc, 1802).

Pagurus vittatus Bosc, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 78, pl. 12, fig. 1 (1802); M. Edwards, Ann. Sc. Nat., 2ª ser., v. VI Zool., pag. 285 (1836); Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 237 (1837); De Kay, N. Y., Fauna, Crust., pag. 20 (1844); v. Martens, Arch. für. Naturg. 38 Jahrg., v. I, pag. 118 (1872).

Clibanarius vittatus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc. Philad. pag, 235 (1858-59); Ann. Lyc. Nat. Hist., N. Y. v., VII, pag. 84 (1862); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 18 e 39 (1871-73); Elliott Coues and H. C. Yarrow, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 326 (1878).

CLIBANARIUS ANTILLENSIS Stimpson, 1862.

Clibanarius antillensis, Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 235 (1858-59), Ann. Lyc. Nat. Hist., N. Y., v. VII, pag. 85 (1862); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 18 e 39 (1871-73); Nobili, Boll. Mus. Zool., ed. Anat. comp., Torino, v. XII, n. 280, pag. 4 (1897).

CLIBANARIUS BRAZILIENSIS Dana, 1852.

Clibanarius braziliensis Dana, U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 467, pl. 29, fig. 7 (1852); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 235 (1858-59); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag 39 (1871-1873).

CLIBANARIUS SPECIOSUS, Miers, 1877.

Clibanarius speciosus Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag. 658, pl. 66, fig. 3 (1877).

PARAPAGURUS GRACILIS Henderson, 1888.

Parapagurus gracilis Henderson, Challenger Anomura, pag. 92, pl. 10 fig. 3 (1888).

PAGURISTES SPINIPES A. Milne Edwards, 1880.

Paguristes spinipes A. Milne Edwards, Bul. Mus. Comp. Zool. Cambridge U. S. A., v. VIII, part. VIII, pag. 44 (1880); A. M. Edwards et Bouvier, Mem. Mus. Comp. Zool., Harvard College, Cambridge, U. S. A. v. XIV, n. 3, pag. 33, pl. III, figs. 1 e 13 (1893).

Paguristes visor J. R. Henderson, Report Anomura, Challenger, Zool., v. XXVII, pag. 78, pl. VIII, fig. 3 (1888).

EUPAGURUS CRINITICORNIS (Dana 1852).

Bernhardus criniticornis Dana, U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 448, pl. 27, fig. 8 (1852).

Eupagurus criniticornis Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 237, (1858-59); S. J. Smih, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 39 (1871-73).

EUPAGURUS OCCLUSUS Henderson, 1888.

Eupagurus occlusus Henderson, Challenger Anomura, pag. 70, pl. 7, fig. 6 (1888).

ALBUNIDÆ:

ALBUNEA PARETI Guérin, 1853

Albunea pareti Guérin de Menéville, Rev. et. Mag. de Zool., 2a sér., v. V, pag. 48, pl. 1, fig. 10 (1853); v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg., v. I, pag. 117 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 409 (1879).

Albunea axyophthalma Leach, White, List Crust. Brit. Mus., pag. 57 (sine descr., teste Miers) (1847); Miers, Journ. Linn. Soc., v. XIV, pag. 329, pl. V, figs. 14 e 15 (1879).

LEPIDOPS SCUTELLATA (FABRICIUS, 1798)

Albunea scutellata Fabricius, Suppl. Entom. Syst. (1798); Desmarest, Consid. Crust., pag. 173 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 204 (1837); Gibbes, Proc. Am. Assoc., v. III, pag. 187 (1850); v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg., pag. 117 (1872).

Lepidops scutellata Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 230 (1858-

1859), Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y. v. VII, pag. 79 (1862) ; Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 326 (1878).

HIPPIDÆ:

HIPPA EMERITA (LINNÆUS, 1766)

Cancer emeritus Linnæus, Syst. Natur., ed. XII, pag. 1055 (1766).

Cancer testudinarius Herbst. Naturg. Krab. und Kreb, pl. XII, fig. 3 (1782).

Hippa emerita Fabricius, Suppl. Ent. Syst., pag. 370 (1798) ; Latreille, Hist. Nat. Crust., v. VI, pag. 176, pl.52, fig. 1 (1803) ; Lamarck, Hist. Nat. Anim. s. vert., v. V, pag. 222 et v. V, pag. 396 da 2ª ed. (1838) ; Desmarest, Consid. Crust., pag. 174. pl. 29, fig. 2 (1825) ; M. Edwards, in Règne Anim., Cuvier, Crust. 3e ed., pl. 42, fig. 2, M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 209 (1837) ; Gould, Report. Invert. of Massachussets, pag. 328 (1841) ; Guérin, Icon. Règn. Anim., Crust. pag. 12, pl. 15, fig. 2 (1829-44) ; Nicolet, in Gay, Hist. Chile, Zool, v. III, pag. 185 (1849) ; de Saussure, Rev. Mag. Zool., 2e sér., v. V, pag. 367 (1853) ; Dana, U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 409, pl. 25 fig. 9 (1852) ; Guérin, in de la Sagra, Hist., Cuba, anim ; art. Crust., pag. 34 (1857) ; Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 230 (1858) ; S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 38 (1871-73) ; Miers, Journ. Linn. Soc., v. XIV, pag. 313, pl. 5, fig. 9 (1879) ; Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 409 (1879) ; Ives, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad., pag. 181 (1891).

Hippa talpaida Say Journ., Acad. Nat. Sci., Philad., v. I, pag. 160 (1818) ; De Kay, New. York Fauna, Crust., pag. 18, pl. 7, fig. 17 (1843) ; Dana,

Proc. Acad. Nat. Sci., Philad, v. VII, pag. 175 (1854); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 230 (1858-59); Coues, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 124 (1872); S. Smith, U. S. Fish. Comm., pag. 548, pl. 2, fig. 5 (1873), Trans. Conn. Acad., v. III, pag. 311 (1874-78); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci, Philad., pag. 326 (1878).

Hippa analoga Stimpson, Proc. Bost. Soc. Nat. Hist., v. VI, pag. 85 Crust. and. Echinod. Pacif. Shores, North America, pag. 46 (1857), Proc. Acad. Nat. Sci,, Philad, pag. 230 (1858); Miers, Journ. Linn. Soc., v. XIV, pag. 324, pl. 5, fig. 10 (1879).

REMIPES BARBADENSIS STIMPSON, 1858.

Squilla barbadensis ovalis Petiver, Pterigraph. American., pl. II fig. 9 (1712).

Emerita Gronovius Zoophylac. Gronovian., n. 1001, pag. 234, pl. 17 fig. 10 (1763).

Remipes barbadensis Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 229 (1858); de Saussure Mem. Crust. nouv. du Mexique et des Antilles, append. pag. 82 (1858).

Remipes cubensis de Saussure, Rev. Mag. Zool. (2) v. 9 pag. 503 (1857), Mem. Crust. nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 36, pl. II fig. 19 (1858); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. 1 pag. 117 (1872).

Remipes scutellatus Miers Journ. Linn. Soc., London, Zool., v. XIV pag. 319 (1877); Studer, «Gazelle» Crust., Abhandl. d. k. Akad. der Wiss., Berlin, pag. 23 (1883); Henderson, Challenger Anomura pag. 38 (1888).

RANINIDÆ:

ZANCLIFER CARIBENSIS (De Fréminville 1832).

Eryon caribensis De Fréminville Ann. Sci. Nat. 1e serie Zool. v. XXV pag. 273, pl. 8 B fig. 1-2 (1832).

Zanclifer caribensis Henderson, Challenger Anomura, pag. 34 pl. III fig. 2 (1888).

PORCELLANIDÆ:

MINYOCERUS AUGUSTUS (Dana, 1852).

Porcellana augusta Dana U. S. Expl. Exp. v. XIII part. I, pag. 423 pl. 26 fig. 12 (1852).

Minyocerus augustus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 229 (1858).

Porcellana setellicola Fritz Müller, Arch. für Naturg. 28 Jahrg. v. 1 pag. 194, pl. VII (1862), Ann. and Mag. Nat. Hist. (3) v. XI pag. 47 pl. I (1863) traducção de W. S. Dallas.

PORCELLANA FRONTALIS Heller, 1862.

Porcellana frontalis Heller, Verhandl Z. B. Gess., Wien., pag. 523 (1862), Reise Freg. Novara, Crust. pag. 81, pl. 6 fig. 9 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II pag. 38 (1871-73).

PACHYCHELES MONILIFERUS (Dana, 1852).

Porcellana monilifera, Dana, U. S. Expl. Exp. v. XIII part. I, pag. 413, pl. 26 fig. 3 (1852).

Pachycheles moniliferus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 228 (1858-59); Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil. für System. v. X pag. 294 (1897).

PACHYCHELES RUDIS Stimpson, 1862.

Pachycheles rudis Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York. v. VII pag. 76, pl. 1 fig. 5 (1862), Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pag. 228 (1858-59); Lockington, Ann. and. Mag. Nat Hist. (5), V pag. 404 (1878); Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil, für System., v. X pag. 294 (1897).

PACHYCHELES MEXICANUS Streets, 1871.

Pachycheles mexicanus Streets, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pag. 225, pl. 2 fig. 1 (1871); Ortmann, Zool. Jahrb., Abtheil für System. v. X pag. 293 (1897).

PETROLISTHES LAMARCKI (Laech, 1820).

Petrolisthes lamarcki (Leach) L. A. Borradaile, Proc. Zool. Soc., London, pag. 464 (1898).

var. ASIATICUS (Leach 1820).

Pisidia asiatica Leach, Diction. Sc. Nat. v. XVIII pag. 54 (1820); Desmarest, Consid. Crust. pag. 198 (1825).

Porcellana asiatica Gray, Zool. Misc. pag. 15 (1831); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 252 (1837); Richter's Decap. Ins. Mauritius, pag. 159, pl. XVII fig. 13 (1880).

Petrolisthes marginatus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 227 (1858), Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y. v. VII pag. 74 (1862).

Petrolisthes leporinoides Ortmann, Zool. Jahrb. Syst. v. VI pag. 263 (1892), Semon, Forschungs reisen in Austral. V· I pag. 26 (1894).

Petrolisthes dentatus Henderson Trans. Linn. Soc., London, 2, V, pag. 426 (1893).

Petrolisthes dentatus var., de Man Zool. Jahrb. System. v. IX pag. 374 (1896) in part.

Petrolisthes lamarcki, var. *asiaticus* Miers, Zool, «Alert» pags. 269 e 557 (1884).

Porcellana armata Gibbes, Proc. Amer. Assoc. Adv. Sci., v. III pag. 190 (1850), Proc. Elliot. Soc., v. I, pag. 11, pl. 1 fig. 4 (1854); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. 1 pag. 121, pl. 5 fig. 11 (1872).

Porcellana speciosa Dana, U. S. Expl. Exp. Crust. pag. 417 (1852) in part.

Porcellana gundlachi Guérin, in: de la Sagra, Hist. Cuba, anim. artic., pag. 39, pl. 2 fig. 6 (1857); v. Martens loc. cit., pag. 122, pl. 5 fig. 12 (juv.) (1872).

Porcellana leporina Heller, Verhandl. Z. B. Ges. Wien, v. XII pag. 523 (1862), Reise Novara, Crust. pag. 78, pl. 6 fig. 7 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 38 (1871-73).

Petrolisthes asiaticus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 227 (1858-59); de Man, Zool. Jahrb., Syst. v. IX pag. 376 (juv.) (1896).

Petrolisthes armatus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 227 (1858-59), Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y. v. VII pag. 73 (1862); Streets, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. pag. 240 (1871); Lockington, Ann. Mag. Nat. Hist. (5) 2 pag. 399 (1878); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 406 (1879); Henderson, Chall. Anomur. pag. 105 (1888), Heilprin, P. A. N. S., Philad., pag. 320 (1888); Ortmann, Decap. und Schizop. Plankton Exp. pag. 51 (1893), Zool. Jahrb., Syst. v. X pag. 280 (1897).

Petrolisthes iheringi Ortmann, Zool. Jahrb. Syst. v. X pag. 286, pl. 17 fig. 3 (1897).

PETROLISTHES GALATHINUS (BOSC, 1803)

Porcellana galathina Bosc, Hist. Nat. Crust. 1ª ed., v. I pag. 233 pl. 6 fig. 2 (1803); Latreille, Hist. Nat. Crust. Ins. v. VI pag. 76 (1803), Nouv. Diction. Hist. Nat. v. XXVIII pag. 5 (1819); Desmarest, Consid. Crust. pag. 199 (1825); Bosc—Desmarest — 2ª ed., v. I pag. 299, pl. 6 fig. 2 (1828); Gibbes, Proc. Elliott. Soc. v. I pag. 7, pl. 1 fig. 1 (1854); Guérin, Hist. Cuba — de la Sagra —, anim. art. Crust. pag. 39 pl. 2 fig. 1 (*egregia* in tab.) (1857).

Porcellana sexspinosa, Gibbes, Proc. Amer. Assoc. v. III pag. 190 (1850).

Porcellana bosci Dana, U. S. Expl. Exp. Crust. v. XIII part. I, pag. 421, pl. 26 fig. 11 (1852).

Porcellana danæ, Gibbes, Proc. Elliott Soc. v. I. pag. 11 (1854).

Petrolisthes sexspinosus Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y. v. VII pag. 73 (1862); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 405 (1879).

Petrolisthes occidentalis Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., v. VII pag. 73 (1862) Streets, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pag. 240 (1871); Lockington, Ann. Mag. Nat. Hist. (5), II, pag. 399

(1878); W. Faxon, Mem. Mus. Comp. Zool. Cambridge U. S. A., v. XVIII pag. 69 (1895).

Petrolisthes braziliensis S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 38 (1871-1873).

Petrolisthes danæ Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 405 (1879); Ortmann, Zool. Jahrb., Syst. v. 6 pag. 264 (1892).

PETROLISTHES SERRATUS Henderson, 1888

Petrolisthes serratus Henderson, Challenger Anomura, pag. 107, pl. 11 fig. 2 (1888).

DROMIDÆ:

DROMIA LATOR Milne Edwards, 1837

Cangrejo cargador, Parra, Descript. d'f. piez. de Hist. Nat., pag. 126, pl. 46 (1787).

Dromia lator M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 174 (1837); Guérin, in de la Sagra, Hist. Cuba anim. art. Crust., pag. 32 (1857); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 226 (1858-1859); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. 1 pag, 116 (1872).

DROMIDIA ANTILLENSIS Stimpson, 1862.

Dromidia antillensis Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 225 (1858-1859), Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y. v. VII pag. 71 (1862); S. J. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pags. 17 e 38 (1871-73); Kingsley Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 404 (1879); Henderson, Challenger Anomura, pag. 12 pl. 1 fig. 5 (1888).

DECAPODA

MACRURA

DORIPPIDÆ:

ETHUSINA ABYSSICOLA Smith 1882-84.

Ethusina abyssicola Smith, Rep. Comm Fish. and Fisher., pag. 349 (5) pl II figs. 1, 1 a (1882-84); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus, Washington v. XXI pag. 615 (1899).

LEUCOSIDÆ:

SPELŒOPHORUS ELEVATUS Mary Rathb., 1898.

Spelœophorus elevatus Mary Rathbun, Bull. Lab. Nat. Hist. State Univ. Iowa, IV pag. 290, pl. III fig. 1 (1898), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 612 (1899).

PERSEPHONE PUNCTATA (Browne, 1769).

Guaia alia species Marcgrave, Hist. Nat. Braziliæ, pag. 182 (1648).

Cancer punctactus Browne, Civil and Nat. Hist. of Jamaica v. I, pl. 42 fig. 3 (1756 e 2ª ed. 1769).

Cangrejo tortuga Parra, Descript. Hist. Nat. Cuba, pl. 51 fig. 2 (1787).

Cancer mediterraneus Herbst, Naturg. der Krabben end Krebse v. I pl. 37 fig. 2 (1796).

Persephone Latreillei Leach Zool. Misc. v. III pag. 22 (1817); Desmarest. Consid. Crust. pag. 168 (1825).

Persephone Lamarckii Leach loc cit.; Desmarest loc. cit.

Guaia puactata M. Edw. Hist. Nat. Crust. v. II pag. 127 (1837); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. v. III pag. 185 (1850), Guérin-Menéville, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Anim. Articul. Crust., pag. XXV (1857).

Persephone guaia Bell, Trans. Linn. Soc. v. XXI pag. 292 et Catalog. Crust. British Mus. part. I Leucosiadæ pag. 10 (1855).

Persephone punctata Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 70 (1862); v. Martens Arch. fur Naturg 38 Jahrg. v. I pag. 113 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sc., Philad. pag. 324 (1878); Kingsley, op. cit. pag. 403 (1879); Miers, Challenger Brach., pag. 312 pl 25, fig. 5 (1886); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 192 (1891).

LITHADIA BRAZILIENSIS von Martens, 1872.

Ebalia (Lithadia) braziliensis v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 115 (1872).

CALAPPIDÆ :

CALAPPA FLAMMEA (Herbst, 1793).

Guaia apara Marcgrave, Hist. Nat. Braziliæ, pag. 182 (1648)

Cancer chelis crassissimis Catesby, Hist. Nat. of Carolina etc. v. II pl. 36 fig. 2 (1771).

Cangrejo gallo Parra, Descript. Hist. Nat. Cuba pl. 47 figs. 2 et 3 (1787).

Cancer flammeus Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse v. II pag. 161 pl. 40 fig. 2 (1793).

Cancer marmoratus Fabricius, Entom. Syst. Suppl. v. II pag. 450 (1798).

Calappa flammea Bosc, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 185 (1802); White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 44 (1847); Miers, Challenger Brachy. pag 284 (1886); ves, Proc. Acad. Nat. Sci; Philad. pag. 192 (1891).

Calappa granulata de Haan, Crust, in: von Siebold, Fauna Japonica dec. III pag. 40 (1837) non *Cancer granulatus* Linnæus?

Calappa marmorata Fabricius, Suppl. Entom. System. pag. 346 (1798); Latreille, Hist. Nat. Crust. 393 (1803) et Encyclop. Method. pl. 270 fig., apud Catesby (1818); Desmarest, Consid. Crust. pag. 109 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 104 (1837); Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert. 2ª ed. v. V pag. 485 (1838); Brito Capello, Jorn. de Sci. Mathem. Phys. e Nat., Lisboa, v. III pl. II fig. 7 (1871); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahgr. v. I pag. 112 (1872); Kingsley., Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 324 (1878) e pag. 402 (1879).

CALAPPA GALLUS (Herbst, 1803).

Cancer gallus Herbst Naturg. der Krabben und Krebse, v. III pt. 3 pags. 18 e 46, pl. LVIII fig. 1 (1803).

Cancer (*Calappa*) *gallus* Latreille, Règn. Anim., Cuvier, v. III pag. 24 (1817).

Calappa gallus M. Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II pag. 105 (1837); Dana, U. S. Expl. Exp. Crust. v. XIII pag. 393 (1852); B. Capello, Jorn. Sc. Math. Phys. e Nat., Lisboa, v. III pag. 133 pl. II fig. 4 (1871); A. M. Edw. Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., Paris v. X pag. 55 (1874); Miers, Challenger Brachy. pag. 286 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 609 (1899).

Gallus gallus De Haan, in von Siebold, Fauna Japon., pag. 70 (1837).

Calappa galloides Stimps. Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 71 (1862).

HEPATUS PRINCEPS (Herbst 1796).

Cangrejo gallo chiro Parra, Descript. Hist. Nat. Cuba (1787).

Cancer princeps Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse v. II pag. 154, pl. 38 fig. 2 (1796); Bosc, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 175 (1802).

Calappa augustata Fabricius, Suppl. Entom. pag. 347 (1798).

Hepatus calappoides Bosc, loc. cit. e 2ª ed. pag. 209; Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert. 2ª ed. pag. 488 (1838).

Hepatus fasciatus Latreille, Hist. Nat. Crust. v. V pag. 988 (1803) et Genera Crust. et Insect. v. I pag. 29 (1806); Say Journ. Acad. Nat. Sci. Philad. pag. 457 (1818); Desmarest, Consid. Crust. pag. 107, pl. 9 fig. 2 (1825); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 117 (1837) et Atl. Règn. Anim., Cuvier, Crust. pl. 13 fig. 2; Guérin-Menéville, in: de La Sagra, Hist., Cuba, anim. artic., Crust. pag. XVI (1857); De Kay, New-York Fauna, Crust. pag. 17 (1843).

Hepatus augustatus Dana, U. S. Expl. Exp., v. XIII part. I Crust. pag. 394 (1852) Stimpson Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 70 (1862); Heller Crust. Novara, pag. 69 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 38 (1871-73)

Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag. 657 (1877).

Hepatus princeps v. Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg. v. I pag. 112 (1872).

CATOMETOPA

PINNOTHERIDÆ:

PINNIXA CHÆTOPTERANA Stimpson 1862.

Pinnixa cylindrica Stimpson « non Say » Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 68 (1862).

Pinnixa chætopterana Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York. v. VII, pag. 235 (1862) Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. pag. 324 (1878) et pag. 402 (1879).

PINNAXODES TOMENTOSUS Ortmann 1894.

Pinnaxodes tomentosus Ortmann, Zool. Jahrb. System. v. VII pag. 697 (1894).

GRAPSIDÆ:

GONIOPSIS CRUENTATUS (Latreille 1803-1804).

Crabe de terre De Geer, Mem. Hist. des Insect. v. VII, pag. 417, pl. 25 (1778).

Grapsus cruentatus Latreille, Hist. Nat. Crust. et Insect. v. VI pag. 70 (1803-1804); Desmarest, Consid. Crust. pag. 132 (1825); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 85 (1837); Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert. «2ª edição » v. V pag. 454 (1838); Gibbes, Proc. Amer. Assoc., pag. 181 (1850); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, pag. 20 (1857).

Goniopsis cruentatus De Haan, Faun. Japonica, Crust. pag. 33 (1835); M. Edwards, Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) Zool. v. XX, pag. 164 (1853); Lucas, in: Castelnau, Voyage Amerique du Sud, v. III, Crust. pag. 10 (1857); Stimpson, Proc. Acad. Nat Sci. Philad., pag. 101 (1858 1859); Heller, Crust. Novara pag. 431 (1868), v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 105 (1872); S. Smith, Trans.

Conn. Acad. v. II, pags. 11 e 73 (1871-1873); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 400 (1879) et pag. 189 (1880); Miers, Challenger Brachy., pag. 267 (1886); Benedict, Proc. U. S. N. Mus. Washington, v. XVI, pag. 538 (1894); Ortmann, Zool. Jahrb. System. v. VII pag. 701 (1894); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp., Torino, v. XII n. 280, pag. 3 (1897).

Goniopsis ruricola White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 40 (1847); Saussure, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, Genève, pag. 30, pl. 2 fig. 18 (1858).

Grapsus longipes Randall Journ. Acad. Nat. Sci. Philad. v. VIII, pag. 125 (1839).

Grapsus pelli Herklots, Additam. Faun. Carcinol. Afric. Occ. 8, pl. 1 figs. 6-7 (1851).

Goniograpsus cruentatus Dana Amer. Journ. Sci. 2ª ser., v. XII pag. 285 (1851) et U. S. Expl. Exp. Crust. pag. 342 pl. 21 fig. 7 (1852).

GRAPSUS GRAPSUS (Linnæus 1758).

Cancer grapsus Linnæus, Syst. Nat. X, pag. 630 (1758); Fabricius, System. Entom, v. II, pag. 438 (1793).

Seba, Mus. v. III, pl. 18 figs. 5-6 (1758).

Pagurus maculatus Catesby, Nat. Hist. Carolina, v. II pl. 36 fig. 1 (1771).

Cangrejo de arrecife, Parra, Descript. diff. piez. Hist. Nat. pl. 48 fig. 3 (1787).

Grapsus pictus Latreille, Hist. Nat. Crust. et Ins, v. VI pag. 69 pl. 47 fig. 2 (1803-4), Gener. Crust. et Insect. v. I pag. 33 (1806); Desmarest, Consider. Crust. pag. 130 pl. 16 fig. 1 (1825); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 86 (1837) Règne Anim., Cuvier, pl. 22, fig. 1; Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert. v. V, pag. 453 2ª ediç. (1838). Nicolet in: Gay, Hist. Chile Zool., v. III pag. 166 (1849), Dana U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 336 pl. 21 fig. 1 (1852); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Crust. pag. 21 (1857); Streets, Proc.

Acad. Nat. Sci. Philad. pag. 240 (1871); von Martens, Arch. für Naturg. pag. 106 (1872); Miers. Proc. Zool. Soc., London, pag. 73 (1877); Hilgendorf, Monat-Ber. Akad. Wiss., Berlin, pag. 807 (1878).

Goniopsis pictus de Haan, Fauna Japonica, Crust., pag. 33 (1835); Kraus, Südafrik. Crust. pag. 46 (1843).

Grapsus strigosus Brullé, in: Webb et Berthelot, Hist. Canaries v. II pl. 2, Crust. pag. 15 (1836-44) teste Edwards.

Grapsus pictus var. *ocellatus* Studer, Abhand. d. k. Akad. d. Wiss., Berlin, Abth. II pag. 14 (1882).

Grapsus maculatus M. Edwards Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX Zool. pag. 167 pl. 6 fig. 1 (1853); de Saussure Crust. Nouv. du Mexique e des Antilles, pag. 32 (1858); A. M. Edwards, Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, pag. 285 (1873); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 401 (1879) et pag. 192 (1880); Miers, Challenger Brachy., pag. 255 (1886); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVI pag. 538 (1893-94).

Grapsus webbi M. Edwards
» *ornatus* » »
» *pharaonis* M. Edwards, Ann. Sc. Nat. (3ª ser.) v. XX pags. 167-168 (1853).

Grapsus pharaonis Heller Sitz-Ber. Akad. Wiss. Wien, v. XLIII, 1, pag. 362 (1861).

Grapsus maculatus var. *pharaonis* A. M. Edwards, Nouv. Arch. Mus. Paris v. IX pag. 285 (1873); Hoffmann, Crust. Echinod. Madagascar, pag. 20 pl. V figs. 32-35, pl. 6 figs. 36-38 (1874).

Grapsus altifrons Stimpson Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 230 (1862).

Grapsus gracilipes Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX pag. 168

(1853); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 194 (1880).

Grapsus grapsus Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 190 (1891); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 703 (1894); Walt. Faxon., Mem. Mus. Comp. Zool., Cambridge U. S. A., v. XVIII, pag. 30 (1895); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 604 (1899).

LEPTOGRAPSUS VARIEGATUS (Fabricius 1793).

Cancer variegatus Fabricius, Ent. System., v. II, pag. 450 (1793) et Suppl. Entom., pag. 343, n. 30 (1798).

Grapsus marginatus Latreille, Hist. Crust. et Insect., v. VI, pag. 71 (1803-4).

Grapsus personatus Lamarck, Hist. Anim. s. vert. v. V, pag. 249 (1817) et 2ª edição v. V, pag. 454 (1838); Latreille, Encyclop. Method. v. X, pag. 147 (1825).

Grapsus pictus Quoy et Gaymard, Voyag. Uranie et Physicienne, pag. 523, pl. 76, fig. 2 (1824).

Grapsus strigillatus White, in: Gray's Zoologic. Miscellan., pag. 78 (1842).

Grapsus variegatus Latreille, Hist. Nat. Crust. et Insect. v. VI, pag. 71 (1803-4); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II pag. 87 (1837); Guérin, Iconog., Règn. Anim. Crust., pl. 6 fig. 1 (1829-44); Griffith, Anim. Kingdom., pl. 15 fig. 1 (1833); M. Edw. et Lucas, in: Voyag. d'Orbigny, pag. 27 (1849).

Grapsus planifrons Dana, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 249 (1851) et U. S. Expl. Exp. Crust. pag. 638, pl. 22, fig. 3 (1852).

Leptograpsus variegatus M. Edwards, Ann. Sci. Nat. (3ª serie) v. XX, Zool. pag. 171 (1853); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 101 (1858-1859); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 196 (1880); Miers, Challenger Brachy., pag. 257 (1886); Ort-

mann., Zool. Jahrb. System. v. VII pag. 707 (1894).

Leptograpsus bertheloti M. Edw.
» *verreauxi* » »
» *ansoni* » »
» *gayi* Milne Edwards Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX Zool., pagina 172 (1853); *L. ansoni* de Man Not. Leyden Mus. v. XII, pag. 84 (1881).

CYRTOGRAPSUS CIRRIPES (Smith 1869).

Cryptograpsus cirripes S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 11 e 37, pl. 1, fig. 3 (1869).

Cyrtograpsus cirripes Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. pag., 198 (1880).

PACHYGRAPSUS TRANSVERSUS (Gibbes 1850).

Grapsus transversus Gibbes, Proc. Amer. Assoc. Advanc. Sci., v. III, pag. 182 (1850).

Goniograpsus innotatus Dana, Proc. Acad. Nat, Sci., Philad, pag. 249 (1851) et U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 345, pl. 21, fig. 9 (1852); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 102 (1858-1859).

Leptograpsus rugulosus M. Edw. Ann. Sci., Nat. (3ª ser.) v. XX, pag. 172 (1853); Lucas. in. Castelnau, Voyag. Amerique du Sud, v. III, Crust., pag. 10 (1857); v. Martens, Arch. fur Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 108 (1872); Hilgendorf, Monat-Ber. Akad. Wiss., Berlin, pag. 808 (1878).

Pachygrapsus lævimanus Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 102 (1858).

Metopograpsus dubius Saussure.
» *miniatus* »
Mem. Soc. Phys. et d'Hist. Nat., Genève, v. XIV, pags. 444-445, pl. 2, figs. 16-17, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 28 e 59, pl. 2 figs. 16-17 (1658).

Grapsus (*Leptograpsus*) *miniatus* v. Mantens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg., v. I, pag. 109 (1872).

Grapsus declivifrons Heller, Verhandl., Z. B. Gessellsch., Wien, pag. 521 (1862).

Pachygrapsus intermedius Heller, Reis., Freg. Novara, Crust., pag. 44 (1868).

Pachygrapsus socius Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. X, pag. 114 (1871).

Pachygrapsus advena Catta, Ann. Sci. Nat., (6a ser.) v. III, pag. 7, pl. I, fig. 1, (1876).

PACHYGRAPSUS TRANSVERSUS (Gibbes, 1850).

Pachygrapsus transversus Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII, pag. 64 (1862); Kingsley, Proc. Boston Soc., v. XX pag. 158, Kingsley Proc. Acad. Nat. Sci. Philad, pag. 400 (1879) e pag. 199 (1880); Miers, Challenger Brachy., pag. 259 (1886); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVI, pag. 538 (1893-1894); Ortmann, Zool. Jahrb. System., v. VII, pag. 709 (1894); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus, Washington, v. XXI, pag. 604 (1899).

var. MAURUS (Lucas 1849).

Grapsus maurus Lucas, Exp., Algérie, Crust., pag. 20 pl. 2, fig. 5 (1849).

Goniograpsus simplex Dana Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pag. 249 (1851), U. S. Expl., Exp. Crust., pag. 344, pl. 31, fig. 8 (1892).

Pachygrapsus simplex Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag, 102 (1858).

Pachygrapsus maurus Heller, Reise Freg. Novara, Crust., pag, 46 (1868); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 199 (1880); Thallwitz, Abh. Mus. Dresden, 3, pag. 41 (1891).

PACHYGRAPSUS GRACILIS (de Saussure 1858).

Metopograpsus gracilis de Saussure, Mem. Soc. Phys. et d'Hist. Nat. Genève, v. XIV, pag. 443, pl. II, fig. 15 e Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 27, pl. II, fig. 15 (1858).

Grapsus guadalupensis Desbonnes et Schramm. Crust. de la Guadeloupe, pag. 48 (1867).

Pachygrapsus gracilis Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist., New York, v. x, pag. 113 (1871); von Martens, Arch. für Naturg, 38 Jahrg. v. I, pag. 109 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 200 (1880).

SESARMA BENEDICTI Mary Rahbun 1897.

Sesarma recta de Man non Randall, in. Not. Leyden Mus. v. XIV, pag. 249, pl. 10, fig. 4 (1892).

Sesarma benedicti Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI «Abril» pag. 90 (1897).

Sesarma chiragra Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. X, «Julho» pag. 331 (1897).

SESARMA AUGUSTIPES, Dana 1852.

Sesarma augustipes Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 353, pl. 22, fig. 7 (1852) Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 214 (1880); Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 91 (1897).

Sesarma americana Saussure, Mem. Soc. Phys. et Hist. Nat., Genève, v. XIV, pag. 441 (1858), ibid., Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 25 (1858); Kingsley, Proc. Acad. Nat Sci., Philad, pag. 213 (1880).

SESARMA RECTA Randall 1839.

Sesarma recta Randall Journ. Acad. Nat. Sci., Philad., v. VIII, pag. 123 (1839); Kingsley,, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 217 (1880); Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 90 (1897); Ortmann, Zool Jahrb. System., v. X, pag. 331 (1897).

SESARMA MIERSI M. Rathbun 1897.

Sesarma mülleri A. Milne Edwards, Bull. Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. V, pag. 29 (1869); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 216 (1880).

Sesarma augustipes? Miers, Proc. Zool. Soc., London, pag. 70 (1881).

Sesarma stimpsoni Miers, Challenger Brachy., pag. 270 (1886) non *S. stimpsoni*, Miers, 1881.

Sesarma miersi Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 91 (1897).

SESARMA RUBRIPES Mary Rathbun 1897.

Sesarma rubripes Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 90 (1897).

Sesarma mülleri Miers «non A. M. Edw.» Challenger Brachy., pag. 270, pl. XXI, fig. 3 (1886).

ARATUS PISONI Milne Edwards 1837.

Aratu pinima Marcgraff. Hist. Nat. Braz., pag. 185 (1648).

Sesarma pisoni Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 76, pl. 19 figs. 4-6 (1837); Gibbes, Proc. Amer Assoc., pag. 181 (1850); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Crust., pag. 22 (1857).

Aratus pisoni Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX, pag. 187 (1853); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII, pag. 232 (1862); Heller, Reise Novara, Crust. pag. 66 (1868) v. Martens, Arch. für Naturg 35 Jahrg. v. I, pag. 12, pl. I fig. 4 (1869) e 38 Jahrg. v. I, pag. 111 (1872); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 38 (1871-73); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci, Philad., pag. 402 (1879) e pag. 218 (1880); Ortmann. Zool. Jahrb. System. v. VII, pag. 727 (1894); W. Faxon, Mem. Mus. Comp. Zool. Cambridge, U. S. A. v. XVIII, pag. 235 (1895).

CYCLOGRAPSUS INTEGER M. Edwards 1837.

Cyclograpsus integer M. Edwards Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 79 (1837), Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX, pag. 198 (1853); Lucas, in: Castelnau, Exp. Amerique du Sud, v. III pag. 10 (1857); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII, pag. 65 (1862); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 37 (1871-73); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad., pag. 221 (1880).

CHASMAGNATHUS GRANULATUS Dana 1851.

Chasmagnathus granulatus Dana, Proc Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 251 (1851);

U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 364, pl. 23, fig. 6 (1852); Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3a ser.), v. XX, pag. 200 (1853); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 222 (1880); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI, pag. 605 (1899).

Helice granulata Heller, Reise Novara, Crust., pag. 61 (1868); von Martens Arch. für Naturg., 35 Jahrg., v. I, pag. 11, pl. 1, figs. 3 *a* e 3 *b* (1869); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 37 (1871-73); Ortmann, Zool. Jahrb. System. v. VII, pag. 728 (1894).

PLAGUSIA DEPRESSA (Fabricius 1775).

Cancer depressus Fabricius, Syst. Ent., pag. 406 (1775), Entom. System. Suppl., pag. 343 (1798).

Cancer squamosus Herbst, Naturg. Krab. und Kreb., v. I, pag. 260, pl. 20, fig. 113 (1790).

Plagusia depressa Say Journ. Acad., Nat. Sci., Philad., v. I pag. 100 (1815); Miers. Ann. Mag. Nat. Hist. (5) I, pagina 149 (1878); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 401 (1879); de Man, Not. Leyden Mus., v. V, pag. 168 (1883); Miers Challenger Brachy., pag. 272 (1886); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XVI, pag. 538 (1893-94).

Plagusia Sayi De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 16 (1844); M. Edwards Ann. Lyc. Sci. Nat. (3.a ser.), v. XX, pag. 179 (1853); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII, pag. 64 (1862).

Plagusia squamosa Latreille, Encyclop., v. X, pag. 145 (1825); Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 368 (1852).

Plagusia gracilis de Saussure, Mem. Soc. Phys. et Hist. Nat., Genève v. XIV, pag. 449 et Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 33 (1858).

PSEUDOTHELPHUSINÆ:

PSEUDOTHELPHUSA AGASSIZI Mary Rathbun 1898-1899.

Pseudothelphusa agassizi Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XXI, pag. 519 (1899).

TRICHODACTYLINÆ:

TRICHODACTYLUS CRASSUS A. M. Edwards 1869.

Trichodactylus crassus A. Milne Edwards, Ann. Soc. Entom., France (4) v. IX, pag. 172 (1869); Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X, pag. 325 (1897).

TRICHODACTYLUS FLUVIATILIS Latreille 1825.

Trichodactylus fluviatilis Latreille, Encyclop. Method., Entom., v. X, pag. 705 (1825); Lucas, in Castelnau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, pag. 8 (1857); Ortmann, Zool. Jahrb. System v. X, pag. 325 (1897); Nobili, Boll. Mus. Zool. et Anat. Comp., Torino, v. XIV, n. 355, pag. 2 (1899).

Trichodactylus quadratus Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 16 (1837), Atl. Règn. Anim., Cuvier, Crust., pl. 15, fig. 2, Ann. Sci. Nat. (3ª ser.), v. XX, Zool., pag. 214 (1853); Heller, Crust. Novara, pag. 35 (1868); von Martens Arch. für Naturg. 35 Jahrg., v. I, pag. 2 (1869); A. M. Edwards, Ann. Soc. Entom., France (4), v. IX, pag. 171 (1869); Cunningham, Trans. Linn. Soc., London, v. XXVII, pag. 492 (1871); S. Smith Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 36 (1871-1873); E. Göldi, Arch. für Naturg., v. LII, pag. 25, pl. 2 fig. 2 (1886).

Trichodactylus punctatus Eydoux et Souleyet, Voyag. Bonite, Zool. v. I, pag. 237, pl. 3, figs. 1 e 2 (1841); Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 294 (1852); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 36 (1871-73).

Uca cunninghami Bate, Ann. and Mag. Nat. Hist. (4) v. I, pag. 447, pl. 21,

fig. 3 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 36 (1871-73).

Trichodactylus cunninghami A. M. Edwards, Ann. Soc. Entom. France (4) v. IX pag. 172 (1869); E. Göldi, Arch. für Naturg. v. LII, pag. 19, pl. 2 fig. 1 (1886).

Trichodactylus sp. Fritz Müller Arch. Mus. Nacion. do Rio de Janeiro, v. VIII, pag. 125, pl. 5 e 6 (1892).

TRICHODACTYLUS DENTATUS M. Edwards 1853.

Trichodactylus dentatus M. Edwards Ann. Sci. Nat. (3) v. XX Zool. pag. 214 (1853), Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, v. VII, pag. 182, pl. 15, fig. 1 (1855); Lucas in: Castelnau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, pag. 8 (1897); A. M. Edwards, Ann. Soc. Entom., France (4), v. IX, pag. 173 (1869); Ortmann, Zool. Jahrb , System., v. X pag. 326 (1897).

TRICHODACTYLUS PANOPLUS (von Martens 1869).

Sylviocarcinus panoplus von Martens, Arch. für Naturg. 35 Jahrg. v. I, pag. 3, pl 1 fig. 1 (1869).

Dilocarcinus armatus A. Milne Edwards, Ann. Soc. Entom. de France (4) v. IX, pag. 177 (1869).

Dilocarcinus panoplus Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. VII pag. 492 (1893).

Orthostoma panoplus Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. X pag. 327 (1897).

Trichodactylus borellianus Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp., Torino, v. XI n. 222 pag. 2 (1896), n. 355, pag. 3, v. XIV (1899), Ann. Mus. Stor. Nat., Genova (2ª ser.), v. XIX (XXXIX), pag. 12 (1898).

TRICHODACTYLUS PETROPOLITANUS (E. Göldi 1886).

Sylviocarcinus petropolitanus E. Göldi, Arch. für Naturg. v. LII, pag. 33, pl. 3 figs. 18-23 (1886).

Dilocarcinus petropolitanus Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp., Torino, v. XIV, n. 355, pag. 2 (1899).

SYLVIOCARCINUS DEVILLEI Milne Edwards 1853.

Sylviocarcinus devillei Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3) v. XX, Zool. pag. 215 (1853), Arch. Mus. Hist. Nat.,

Paris, v. VII, pag. 176, pl. 14 fig. 1 (1855); Lucas, in: Castelnau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, Entom., pag. 6, pl. 2 fig. 1 (1857); A. Milne Edwards, Ann. Soc. Entom., France (4), v. IX pag. 174 (1869); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 36 (1871-73).

Orthostoma devillei Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X pag. 328 (1897).

DILOCARCINUS DENTATUS (Randall 1839).

Orthostoma dentatum Randall, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad., v. VIII, pag. 122 (1839); Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X pag. 327 (1897).

Dilocarcinus multidentatus von Martens, Arch. für Naturg. 35 Jahrg. v. I pag. 5, pl. 1 fig. 2 (1869).

DILOCARCINUS SPINIFER Milne Edwards 1853.

Dilocarcinus spinifer Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3) v. XX, Zool., pag. 215 (1853), Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. VII, pag. 178, pl. 14 fig. 3 (1855); A. Milne Edwards, Ann. Soc. Entom., de France (4), v. IX, pag. 176 (1869).

Orthostoma spiniferum Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X, pag. 327 (1897).

DILOCARCINUS SEPTEMDENTATUS (Herbst 1790).

Dilocarcinus castelnaui Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3), v. XX, Zool., pag. 216 (1853), Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. VII, pag. 182, pl. 14, fig. 5 (1855); Lucas, in. Castenau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, Entom., pag. 8, pl. 2, fig. 4 (1857); A. Milne Edwards. Ann. Soc. Entom., France (4), v. IX, pag. 176 (1869); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 36 (1871-73).

Cancer septemdentatus Herbst Naturg. der Krabben und Krebse, v. I, pag. 155 (1790).

Dilocarcinus septemdentatus Gerstæcker, Arch. für Naturg., 22 Jahrg, v. I, pag. 148 (1856); E. Göldi, Arch, für Naturg., v. LII, pag. 28, pl. 2, figs. 3-5, 6-17 juv. (1886); Nobili. Boll. Mus. Zool. ed Anat. Comp. Torino, n. 222, v. XI, pag. 1 (1896).

Orthosma septemdentatum Ortmann, Zool. Jahrb. System., v. X, pag. 327 (1897); Nobili, Ann. Mus. Stor. Nat., Genova, ser. 2, v. XIX (XXXIX), pag. 9 (1898).

GECARCINIDÆ:

GECARCINUS LAGOSTOMA Milne Edwards 1837.

Gecarcinus lagostoma Milne Edwards, Hist. Nat., Crust., v. II, pag. 27 (1837); Ann. Sci. Nat. (3e ser.), v. XX, Zool., pag. 203 (1853); Miers, Challenger Brachy., pag. 218 « pro part. », pl. 18, fig. 2 (1886); Ortmann, Decap. und Schizopod. Plankton Exp., pag. 58 (1893); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XIV, pag. 537 (1893); Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X, pag. 337 (1897).

Gecarcinus ruricola Drew, Proc. Zool. Soc., London, pag. 464 (1876).

GECARCOIDEA LALANDEI Milne Edwards 1837.

Gecarcoidea Lalandei Milne Edwards. Hist. Nat. Crust. vol. II, pag. 25 (1837); Ortmann, Zool. Jahrb, System. vol. VII, pag. 738 (1894).

Pelocarcinus Lalandei Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3a ser.) v. XX, Zool. pag. 203 (1853), Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. VII, pag. 183, pl. 15 fig. 2 (1854-55).

Hylæocarcinus humei Wood-Mason, Journ. Asiat. Soc., Bengal., v. XLII, 2, pag. 260, pl. 15 (1873).

Limnocarcinus intermedius de Man, Not. Leyden Mus., v. I, pag. 65 (1879).

Pelocarcinus marchei A. M. Edw.
» *cailloti* » » »

Nouv. Arch. Mus., Paris, v. II. pag. 173, pl. 12 (1890).

CARDISOMA GUANHUMI Latreille 1825.

Guanhumi Marcgrave Hist. Nat. Braz., pag. 185 (1648).

Cangrejo terrestre Parra. Descrip. diff. piez. Hist. Nat. pl. LVII (1787).

Cardisoma guanhumi Latreille, Encyclop. Method. v. X, pag. 685 (1825);

Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 24 (1837), Règn. Anim., Cuvier, 3ª ed. Crust. pl. 20, fig. 1, Ann. Sci. Nat. (3ª ser.) v. XX. Zool. pag. 204, pl. 9 fig. 1 (1853); Gibbes, Proc. Amer. Assoc, pag. 179 (1850); Guérin, in: de La Sagra Hist. Cuba, Crust, pag. XIX (1857); Stimpson, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 100 (1858), Saussure, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 21 (1858); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pags. 36 e 143, pl. 5 fig. 3 (1871-73); Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg. v. I. pag. 100 (1872); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII, pag. 735 (1894).

Cardisoma cordata de Haan, Fauna Japonica, Crust, pag. 27 (1835) «non Cancer cordatus L.»

Ocypoda ruricola Freminville, Ann. Sci. Nat. (2ª ser.) v. III, Zool. pag. 217 (1835) «non Cancer ruricola L.»

Ocypoda gigantea Freminville, loc. cit. pag. 221 (1835).

Cardisoma armatum Herklots, Addit. Faun. Carc. Afric. Occ., pag. 7 (1851) «juv.»

Cardisoma quadratum Saussure, Crust. Nouv. du Mexique e des Antilles, pag. 22, pl. 2. fig. 13 (1858) «juv.»; S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pags. 16 e 143 pl. v fig. 4 (1871-73); v. Martens, Arch, für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 100 (1872).

Cardisoma diurnum Gill, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, VII, pag. 42 (1862).

Cardisoma crassum S. Smith. Trans. Conn. Acad: v. II, pag. 144 (1871-73).

OEDIPLEURA CORDATA (Linnæus 1767).

Uca una Marcgrave, Hist. Nat. Braz., pag. 184 (1648).

Cancer hirsutus americanus Seba, Rerum. Nat., pag. 51, pl. 20 fig. 4 (1758).

Cancer cordatus Linnæus, System. Natur. ed. 13, v. I, pag. 1039 (1767),

Amœnit. Acad., ed. 2, v. VI, pag. 414 (1789); Herbst, Naturg. Krabben und Krebse, v. I, pag. 131, pl. 6, fig. 38 (1790); Fabricius, Entom. System., v. II, pag. 439 (1793).

Cancer una Linnæus, System. Natur. ed. 13, v. I, pag. 1041 (1767); Herbst, Naturg. Krabben und Krebse, v. I, pag. 128 (1790).

Ocypode cordata Latreille, Hist. Nat. Crust. Insect., v. VI, pag. 37, pl. 46, fig. 3 (1803).

Ocypode fossor Latreille, loc. cit., pag. 38.

Ocypode uca Latreille, Gen. Crust. et Insect., pag. 31 (1806).

Gecarcinus uca Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans Vert., v. V, pag. 251 (1818).

Gecarcinus fossor Desmarest, Consid. Crust., pag. 114 (1825).

Uca una Latreille, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., Crust., 35, pag. 96 (1819); Encyclop. Method., Entom., v. X, pag. 685 (1825); Guérin, Icon. Règn. Anim., Crust., pl. 5, fig. 3 (1829-44); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 22 (1837), Atlas Règn. Anim., Cuvier, Crust., pl. 19, fig. 2 (sem data); Milne Edw. Ann. Sci. Nat. (3e ser.,) v. XX, Zool., pag. 206, pl. 10, fig. 2 (1853); Gerstæcker, Arch. für Naturg. 22 Jahrg, v. I, pag. 143 (1856); v. Martens, Arch. für Naturg. 35, Jahrg. v. I, pag. 12 (1869), ibid. loc. cit. 38 Jahrg., v. I pag. 102 (1872); Ortmann, Zool. Jahrb., System, v. VII, pag. 733 (1894).

Uca uca Latreille, Règn. Anim., Cuvier 2 ed. v. 4 pag. 49 (1829); Guérin, Dict. Clas. d'Hist. Nat., v. XVI, pag. 454 (1830).

Uca lœvis Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 22 (1837); Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 375 (1852); Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3e ser.) v. XX, Zool., pag. 206 (1853).

Uca cordata S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 13 (1871-73).

Oedipleura cordata Ortmann, Zool. Jahbr., System, v. X, pag. 336 (1897).

OCYPODIDÆ:

UCA STENODACTYLA Milne Edwards et Lucas (1843)

Gelasimus stenodactylus M. Edwards et Lucas, in: d'Orbigny Voyag. Amer. Merid, Crust., pag. 26, pl. 11, fig. 2 (1843); Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. X, pag. 356 (1897) «pars».

var. GIBBOSA (S. Smith 1869).

Gelasimus gibbosus S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 140, pl. 2, fig. 11, pl. 4, fig. 8, 1869 (1871-1873); Lockington, Proc. California Acad. Sci. v. VII, pag. 150 (1877); Streets, Bull. U. S. Nat. Mus., v. VII, pag. 113 (1877).

Uca gibbosa Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp., Torino, v. XIV, n. 355, pag. 5 (1899).

UCA MARACOANI (Latreille 1803)

Maracoani Marcgrave, Hist. Nat. Braziliæ, pag. 184 (1648).

Ocypoda maracoani Latreille, Hist. Nat. Crust. et Inscet. v. VI, pag. 46, (1803).

Gelasimus maracoani Latreille, Dict. Hist. Nat. v. XII, pag. 519 (1817); Desmarest, Consid. Crust. pag. 123 (1825) «pars.»; Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. II, pag. 51 (1837), Ann. Sci. Nat. (3e ser.) v. XVIII, Zool., pag. 144 pl. III, fig. 1 (1852); Dana, U. S. Expl. Exped., Crust., pag. 318 (1852); White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 35 (1847); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 35 e 123 (1871-1873); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 136 (1880).

Gonoplax maracoani Lamarck Hist. Anim. sans vert., v. V, pag. 254 (1818).

Gelasimus armatus S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 123, pl. II, fig. 5,

pl. III fig. 4 (1871-1873), Repert. Peabody Acad. Sci., v. III, pag. 91 (1871).

UCA VOCATOR (Herbst 1804).

Cancer vocator Herbst, Naturg. der Krabb. und Krebse, v. IV, pag. 1, pl. 59, fig. 1 (1804).

Gelasimus vocans Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 54 (1837), Atlas, Règn. Anim., Cuvier, pl. 18, fig. 1 (sem data); Gould, Invert. Massach., pag. 325 (1841), « pr. part. »; De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 14, pl. 6, fig. 10 var. a (1844).

Gelasimus palustris Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3ᵉ ser.) v. XVIII, Zool., pag. 148, pl. 4, fig. 13 (1852); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII, pag. 62 (1862); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 127 (1871-1873).

Gelasimus pugilator Leconte, Proc. Acad Nat. Sci., Philad. pag. 403 (1855).

Gelasimus sp. Saussure, Mem. Soc. Phys. et d'Hist. Nat., Genève, v. XIV, 2, pag. 24 (1858).

Gelasimus brevifrons Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII, pag. 229 (1862); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 131 (1871-1873).

Gelasimus vocator von Martens Arch. für Naturg. 35 Jahrg. v. I, pag. 6 (1869), ibid. 38 Jahrg. v. I, pag. 104 (1872); Kingsley Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 147, pl. X, fig. 20 (1880); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 457 (1894), ibid. v. X, pag. 352 (1897).

Gelasimus pugnax S. Smith, Trans. Com. Acad. v. II, pag. 131, pl. 2 fig. 1, pl. 4 fig. 2 (1871-73), Rep. U. S. Fish. Com., pag. 545 (1873); Benedict, John Hopkins, Univ. Circul., v. XI, n. 97, pagina 77 (1892).

Gelasimus rapax S. Smith, loc. cit., pag. 134, pl. 2 fig. 2, pl. 4 fig. 3.

Gelasimus mordax ibid. loc. cit., pag. 135, pl. 2 fig. 3, pl. 4 fig. 4.

Gelasimus affinis Streets, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 131 (1872).

Gelasimus crenulatus Lockington, Proc. California Acad. Sci. v. VII, pagina 143 (1877).

OCYPODA ARENARIA (Catesby) 1771.

Cancer arenarius Catesby Hist. Carolina Florida and Bahama Islands v. II, pag. 35 (1771).

Ocypoda quadrata Latreille, Hist. Nat. Crust. et Insect. v. VI, pag. 49 (1803); Bosc, Hist. Nat. Crust. 2ª ed., v. I, pag. 247 (1828).

Ocypoda arenaria Say, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad. v. I, pag. 69 (1817); M. Edwards, Hist. Nat. Crust. v. II, pag. 44 pl. 19, figs. 13-14 (1837); De Kay; New-York Fauna, Crust., pag. 13 (1844). Gibbes, Proc. Amer. Assoc. v. III, pag. 180 (1850); Milne Edwards, Ann. Sci; Nat. (3e sér.) v. XVIII, Zool., pag. 143 (1852); Gerstæcker, Arch. für Naturg. 22 Jahrg. v. I, pag. 136 (1856); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Crust., pag. 7 (1857); v. Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 103 (1872); S. Smith, U. S. Fish, Comm. pag. 545, 1871-72 (1875); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 322 (1878), ibid. loc. cit. pag. 184 (1880), de Man, Not. Leyden Mus. v. 3, pag. 248 (1881); Miers, Ann. and Mag. Nat. Hist. (5) v. 10, pag. 384, pl. 17, fig. 7 (1882), Miers, Challenger Brachy., pag. 240 (1886); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pags. 179 e 190 (1891); Ortmann, Zool. Jahrb., System., v. VII, pag. 765, pl. 23, fig. 17 (1894), ibid. op. cit. v. X, Syst. pag. 362 (1897), Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI, pag. 603 (1899).

Ocypoda albicans Latreille, Encyclop. Method., Entom., v. X, pl. 285 fig. 1 (1825).

Ocypoda rhombea Milne Edwards, Hist Nat. Crust. v. II, pag. 46 (1837); Gibbes,

Proc. Amer. Assoc. v. III, pag. 180, (1850); Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3e ser.); v. XVIII, Zool. pag. 143 (1852); Dana U. S. Expl. Exp., Crust. pag. 322, pl. 19, fig. 8 (1852); Heller, Crust. Novara, pag. 42 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 135 (1871-73); Cunningham, Trans. Linn. Soc., London, v. XXVII, pag. 493 (1871); Streets, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 240 (1872).

GERYON QUINQUEDENS S. Smith 1879.

Geryon quinquedens S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. V, pag. 35, IX figs. 1, 1 a, 1 b, 2 (1879), Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI, pagina 602 (1899).

CHASMOCARCINUS TYPICUS Mary Rathbun 1898.

Chasmocarcinus typicus Mary Rathbun, Bull. Lab. Nat. Hist. State Univers., Iowa, v. IV, pag. 285, pl. VII figs. 3-5 (1898), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington v. XXI, pag. 602 (1899).

GONOPLACIDÆ:

EUCRATOPSIS CRASSIMANUS (Dana 1852).

Eucrate crassimanus Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 311, pl. 19, figuras 2 a—d (1852).

Eucratopsis crassimanns S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 35 (1871-73); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pagina 179 (1891).

BATHYPLAX TYPHLUS A. M. Edw. 1880.

Bathyplax typhlus A. M. Edwards, Bull. Mus. Comp. Zool. v. VIII, n. 1, pagina 16 (1880).

var. OCULIFRONS Miers 1886.

VAR.: *oculifrons* Miers, Challenger Brachy., pag. 230, pl. XX, fig. 3 (1886).

CYCLOMETOPA

PORTUNIDÆ:

CALLINECTES SAPIDUS Mary Rathbun 1895.

Lupa hastata Say, Journ. Acad. Nat. Sci. Philad., I, pags. 65-443 (1817), «non *L. hastata* Desmarest, «Milne Edwards».

Lupa diacantha De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 10, pl. III fig. 3 (1844).

Callinectes hastatus Ordway, Boston, Journ. Nat. Hist. v. VII pag. 568 (1863); S. Smith, Rep. U. S. Comm. Fish and Fisher., pag. 548, 1871-72 (1874); A. M. Edwards, Crust. Reg. Mex. pag. 224 (1879) — var. do *C. diacanthus*.

Callinectes sapidus Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVIII pag. 352, pls. XII, XXIV fig. 1, XXV fig. 1, XXVI fig. 1 e XXVII fig. 1 (1895).

var. ACUTIDENS (Mary Rathbun 1895).

Callinectes sapidus acutidens Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVIII, pag. 354, pls. XIII, XXIV fig. 2 (1895).

CALLINECTES ORNATUS Ordway 1863.

Callinectes ornatus Ordway, Boston, Journ. Nat. Hist. v. VII pag. 571 (1863); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 8 (1871-73); A. Milne Edwards, Crust. Reg. Mexique, pag. 225 (1879) — var.: do *C. diacanthus*; Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVIII pag. 356, pls. XV., XXIV fig. 3, XXV fig. 2, XXVI fig. 2, XXVII fig. 2 (1895), ibid., oper. cit., v., XXI, pag. 596 (1899).

CALLINECTES DANAI S. Smith 1869.

Lupa diacantha Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 272, pl. XVI fig. 7 (1852) non *L. diacantha* Milne Edwards.

Callinectes diacanthus Ordway, Bostou Journ. Nat. Hist. v. VII pag. 575 (1863); A. Milne Edwards, Crust. Reg. Mexique, pag. 226 (1879) — var.: do *C. diacanthus*.

Callinectes danæ S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 7 1869 (1871-73); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVIII pag. 357, pls XVI, XXIV fig. 4, XXV fig. 3, XXVI fig. 3, XXVII fig. 3 (1875); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anat. Comp. Torino, n. 280 pag. 2 (1897); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XXI, pag. 596 (1899).

CALLINECTES MARGINATUS (A. M. Edwards 1861).

Neptunus marginatus A. Milne Edwards, Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, v X. pag. 318, pl. XXX fig. 2 (1861).

Callinectes larvatus Ordway, Boston Journ. Nat. Hist., v. VII, pag. 573 (1863); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 9, 1869 (1871-1873); A. Milne Edwards, Crust. Reg. Méxique, pag. 225 (1879) var.: do *C. diacanthus;* Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVI, pag. 537 (1893) « var.: *africanus*? »; Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVIII, pag. 358, pls. XVII, XXIV fig. 5, XXV fig. 4, XXVI fig. 4, XXVII fig. 4 (1895).

Callinectes marginatus Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 149 (1897).

CALLINECTES EXASPERATUS (GERSTÆCKER 1856).

Lupa exasperata Gerstæcker, Arch. f. Naturg. 22 Jahrg., v. I, pag. 129 (1856).

Callinectes tumidus Ordway, Boston Journ. Nat. Hist., v. VII, pag. 574 (1863); A. Milne Edwards, Crust. Reg. Méxique, pag. 226 (1879) — var.: do *C. diacanthus*; Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVIII, pag. 359, pls. XVIII, XXIV fig. 6, XXV fig. 5, XXVI fig. 5, XXVII fig. 5 (1895).

Callinectes exasperatus Mary Rathbun, Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pags. 149 e 150 (1897).

CALLINECTES BOCOURTI A. M. EDWARDS 1879.

Callinectes bocourti A. Milne Edwards, Crust. Reg. Méxique, pag. 226 (1879), var.: do *C. diacanthus*; Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XVIII pag. 360, pls. XIX, XXIV fig. 7, XXV fig. 6, XXVI fig. 6, XXVII fig. 6 (1895) ibid., Proc. Biolog. Soc., Washington, v. XI, pag. 151 (1897).

? *Callinectes cayennensis* A. M. Edwards, loc. cit., pag. 226 — var.: do *C. diacanthus*.

? *Callinectes africanus* A. Milne Ed-

wards, loc. cit., pag. 229 — var.: do *C. diacanthus*.

NEPTUNUS CRIBRARIUS (LAMARCK 1818).

Portunus cribrarius Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans Vert., v. V, pag. 259 (1818).

Lupa cribaria Milne Ewards, Hist. Nat. Crust., v. I, pag. 452, pl. 17, figs. 1-4 (1834); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. for Advanc. of Sci. pag. 178 (1850); Lucas, in: Castelnau, Voyage dans l'Amer. du Sud, Crust. pag. 4 (1857); von Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg. v. I, pag. 93 (1872).

Lupa maculata Say, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad. v. I pag. 445 (1817); De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 11 (1844).

Arenæus cribrarius Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 290, pl. XVIII, fig. 2 (1852); S. Smith Trans. Conn. Acad., v. II, pag. 35, 1869 (1871-1873), Report Peabody Acad. Sci., pag. 91 (1871); Coues, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 120 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat, Sci., Philad., pag. 320 (1878); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 596 (1899).

Neptunus cribrarius A. Milne Edwards, Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. X, pag. 324 (1861); Crust. Miss. Sci. au Méxique, pag. 211 (1881); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 190 (1891); Ortmann, Zool. Jahrb., v. VII, Syst., pag. 76 (1893).

NEPTUNUS PUDICUS (Gerstæcker 1856).

Lupa pudica Gerstœcker, Arch. für Naturg. 22 Jahrg. v. I, pag, 130 (1856).

Neptunus ? pudica Miers Challenger Brachy., pag. 172 (1886).

ACHELOUS SPINIMANUS (Latreille 1825).

Portunus pelagicus Latreille, Genera Crust. et Insect. v. I pag. 26 (1807).

Portunus spinimanus Latreille, Encyclop. Method. v. X pag. 188 (1825).

Lupa spinimana Desmarest, Consid. Crust. pag. 98 (1825); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 452 (1834); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 178 (1850); Dana U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 273 (1852); Lucas, in: Castelnau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, Crust. pag. 4 (1857); Stimpson, Amer. Lyc. Nat. Htist., New-York, v. VII pag. 57 (1862).

Achelous spinimanus de Haan, Fauna Japonica, pag. 8 (1833); White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 28 (1847); Stimpson, loc. cit. pag. 221 (1862); A. Milne Edwards, Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. X pag. 341, pl. 32 fig. 1 (1861); Heller, Crust. Novara, pag. 27 (1868); Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. pag. 150 (1870); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 93 (1872); S. Smith Trans. Conn. Acad. v. II pag. 9 (1871-73); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 320 (1878); ibid. loc. cit. pag. 398 (1879); A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 230, pl. 39 fig. 2 (1881); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag .192 (1891); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 72 (1893).

ACHELOUS SEBAI (Milne Edw. 1834).

Cancer marinus scutiformis Seba, Rer. Nat. Thes. v. III pl. XX fig. 9 (1758).

Lupa sebæ Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. I pag. 455 (1834); Lucas, in: Castelnau, Voyag. dans l'Amerique du Sud, Crust., pag. 5 (1857).

Neptunus sebæ A. Milne Edwards, Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. X pag. 329, pl. XXVIII fig. 2 (1861).

Achelous sebæ S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II pag. 34 (1871-73).

ACHELONS ORDWAYI Stimpson 1860.

Achelous ordwayi Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist., New-York pag. 224, 1860 (1862); A. Milne Edwards, Arch.

Mus. Hist. Nat., Paris, v. X, addenda (1861); S. Simith, Trans. Conn. Acad., v. II pag. 9 (1871-73).

Portunus (Achelous) ordwayi Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., XXI pag. 595 (1899).

ACHELOUS SPINICARPUS Stimpson 1870.

Achelous spinicarpus Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. v. II n. 2 pag. 148 (1870).

Neptunus (Hellenus) spinicarpus A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 221, pl. XL fig. 1 (1879); Miers, Challenger Brachy. pag. 182 (1886).

CRONIUS RUBER (Lamarck 1818).

Ciri apoa Marcgrave, Hist. rerum nat. Brazilia pag. 183 (1648).

Portunus ruber Lamarck, Hist. Anim. sans Vert. v. V, pag. 263 (1818).

Lupa rubra Milne Edwards Hist. Nat· Crust. v. I. pag. 454 (1434) Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 178 (1850); Lucas, in: Castelnau, Voyage dans l'Amerique du Sud, Crust., pag. 5 (1857).

Achelous ruber A. Milne Edwards, Arch. Mus., Paris, v. X pag. 345, pl. XXXIII fig. 1 (1861); Heller, Crust. Novara, pag. 27 (1868); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 94 (1872).

Cronius ruber Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist., New-York v. VII pag. 225, 1860 (1862); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 31, 1869 (1871-73); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 232 (1881); Miers Challenger Brachy. pag. 188 (1886); Ortmann, Zool. Jahrb. v. VII, System, pag. 80 (1893); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed. Anat. Comp, Torino n. 280, v. XII pag. 2 (1897).

Amphitrite edwardsi Lockington, fide Miers, Challenger Brachy. pag. 188 (1886).

CRONIUS BISPINOSUS Miers 1886.

Cronius bispinosus Miers, Challenger Brachy. pag. 188, pl. XV fig. 2 (1886).

CANCRIDÆ :

ERIPHIA GONAGRA (Fabricius 1793).

Cancer gonagra Fabricius, Entom. System. v. II pag. 466 (1793), Suppl. pag. 337 (1798); Bosc, Hist. Nat. Crust., 2ª ed. pl. 2 fig. 3 (1828).

Eriphia gonagra Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 426, pl. XVI, figs. 16-17 (1834); White, List. Crust. Brit. Mus., pag. 22 (1847); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 177 (1850); Milne Edwards, Ann. Sci. Nat. (3e sér.), v. XVI pl. 8 fig. 10 (1851); Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. pag. 250 (1852); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist., New-York v. VII pag. 217 (1862); Heller, Crust. Novara, pag. 24 (1868); Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. v. II n. 2 pag. 145 (1870); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 92 (1872); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 7 (1871-73); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 397 (1879); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Mexique, pag. 338, pl. XVI fig. 4 (1880); Miers, Challenger Brachy. pag. 163 (1886); Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVI pag. 536 (1893); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 590 (1899).

PILUMNUS ACULEATUS (Say 1818).

Cancer aculeatus Say, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad., v. I pag. 449 (1818).

Pilumnus aculeatus Guérin, Iconogr. Règn. Anim., Crust. pl. 3, fig. 2 (1829-1844); Griffith, Anim. Kingd. v. 13, Crust. pl. 4, fig. 2 (1833); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 420 (1834); De Kay, New-York Fauna, Crust. pag. 8 (1844); von Martens, Arch. für Naturg., 38 Jahrg. v. I pag. 91, pl. 4, fig. 6 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 396 (1879); A. Milne Edwards, Miss. Sci. Mexique, Crust., (1880); Miers, Challenger Brachy. pag. 147 (1886).

PILUMNUS BRAZILIENSIS Miers 1886.

Pilumnus braziliensis Miers Challenger Brachyura, pag. 151, pl. XIII fig. 2 (1886).

PILUMNUS QUOYI Milne Edwards 1834.

Pilumnus quoyi Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 418 (1834); A. Milne Edwards, Crust., Miss. Sci. au Mexique, 5e part. pag. 289, pl. I fig, 5 (1880); Miers, Challenger, Brachy., pags. 147, 152 e 153 (1886).

PILUMNUS FLORIDANUS Stimpson 1870.

Pilumnus floridanus Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. v. II pag. 141 (1870); A. Milne Edwards, Crust., Miss. Sci. au Mexique 5e part. pag. 287 (1880); Miers, Challenger Brachy. pag. 152, pl. XIII fig. 3 (1886).

PILUMNUS FRAGOSUS A. Milne Edwards 1880.

Pilumnus fragosus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 296, pl. III fig. 1 (1880); Miers, Challenger Brachy. pag. 153 (1886).

PILUMNUS TESSELLATUS A. Milne Edwards (1880).

Pilumnus tessellatus A. Milne Edwards, Crust., Miss. Sci. au Mexique pag. 295 pl. LI fig. 2 (1880); Miers Challenger Brachy. pag. 147 (1886).

PANOPEUS HERBSTI Milne Edw. 1834.

Cancer panope Say, Journ. Acad. Nat. Sci. Philad., v. I pags. 58, 447, pl. 4 fig. 3 (1817).

Panopeus herbsti Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. I pag. 403 (1834); De Kay, New-York Fauna, Crust. pag. 5 (1844); Gibbes, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., 2, pags. 63, 69 (1845), Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., V, pag. 23 (1850), Proc. Amer. Assoc., 3, pag. 175 (1850); White, Crust. Brit. Mus. pag. 18 (1847); Lucas, Hist. Nat. Crust. pag. 90 (1851); Leidy, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad. (2), III pag. 17 (1855); Stimpson, Amer. Journ. Sci. (2), 29, pag. 444 (1860); Heller, Crust. Novara pag. 16 (1868); S. Smith, Proc. Boston Soc. Nat. Hist. XII pag. 276 (1869), Trans. Conn. Acad. v. II pag. 34, 1869 (1871-1873), Report U. S. Comm. Fish and Fisher. pags. 547 e 472, 1871-1872 (1874); Coues, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. (3) I, pag. 120 (1871); von

Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 89 (1872); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 318 (1878) ibid. loc. cit. pag. 393 (1879); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 308 pl. 47, fig. 2 (1881), Bull. Mus. Comp. Zool., v. VIII pag. 13 (1880); R. Rathbnn, Fishery Industries of U. S. sect. I pag. 772 (1884); Gissler, Amer. Nat. XVIII, pag. 225 (1884); B. Capello, Jorn. Sci. Lisbôa, pag. 190 (1888); Miss Mary Rathbun and Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. V. XIV pag. 358 pls. XIX figs. 1-2 e XXIII figs. 10-12 (1891); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 178 (1891); Ortmann, Zool. Jahrb. System. v. 7 pag. 475 (1893); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp.; Torino, v. XII n. 280 pag. 2 (1897).

Panopeus lacustris Desb. et Schramm, Crust. de la Guadeloupe, pag. 28 (1867).

Panopeus occidentalis Saussure, Rev. Mag. Zool. (2) 9, pag. 502 (1857), Mem. Soc. Phys. Genève XIV pags. 431, pl. I, fig. 6 (1858); Stimpson, Amer. Journ. Sci. (2) 27, pag. 446 (1859); S. Smith, Proc. Boston, Soc. Nat. Hist. XII, pag. 279 (1869), von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 90 (1872), A. M. Edw., Crust. Miss Sci. au Mexique, pag. 310 (1880); Bull. Mus. Comp. Zool. v. VIII, pag. 13 (1880); Mary Rathbun and Benedict. Proc. U. S. Nat. Mus., v. XIV, pag. 360, pl. XX fig. 3, pl. XXIII fig. 14 (1891).

Panopeus serratus Saussure loc. cit., pag. 502 (1857) e loc. cit., pag. 432, pl. 1, fig. 7 (1858); Stimpson, loc. cit., pag. 446 (1859); S. Smith, loc. cit., pag. 280 (1869); von Martens., loc. cit., pag. 90 (1872); A. Milne Edwards, loc. cit., pag. 311 (1880) e loc. cit., pag. 13 (1880): Mary Rathbun, Benedict, loc. cit., pag. 371, pl. XXIV figs. 3-4 (1891).

Panopeus herbsti var. *obesus* S. Smith, loc. cit., pag. 278 (1869); Coues, loc. cit., pag. 120 (1871); Kingsley, loc. cit., pag. 318 (1878); A. Milne Edwards, loc. cit., pag. 309 (1880).

PANOPEUS HERBSTI M. Edw. 1834.

Panopeus herbsti var. *serratus* Miers Challenger Brachy., pag. 129 (1876).

var. GRANULOSUS A. M. Edw. 1880.

Var. *granulosus* A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 309 (1880), M. Rathbun and Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV, pag. 383 (1891).

PANOPEUS AREOLATUS Mary Rathbun, Benedict 1891.

Panopeus areolatus Mary Rathbun and Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV, pag. 361, pl. XXI, fig. 3 (1891).

PANOPEUS LIMOSUS (Say 1817).

Cancer limosus Say, Journ. Acad. Nat. Sci,. Philad. v. I, pag. 446 (1817).

Panopeus limosus Milne Edwards, Hist. Nat. Crust., v. I, pag. 404 (1834); De Kay, New-York Fauna, Crust., pag. 5 (1844); White, Crust. Brit. Mus., pag. 18 (1847); Gibbes, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag 23 (1850), Proc. Amer. Assoc., pag. 176 (1850); Lucas, Hist. Nat. Crust., pag. 90 (1851); von Martens, Arch. fur Naturg. 38 Jahrg., v. I, pag. 91 (1872); Mary Rathbun, Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XIV, pag. 379 (1891).

Eurytium limosum Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New York v. VII, pag. 56 (1862); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 319 (1878), ibid. loc. cit., pag. 394 (1879); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 332, pl. 60 fig. 2 (1880); Miers, Challenger Brachy., pag. 141 (1886); Ortmann, Zool. Jahrb., Syst., v. VII pag. 478 (1893).

PANOPEUS PARVULUS (Fabricius 1793).

Cancer parvulus Fabricius, Entom. System., II pag. 451 (1793).

Xantho parvulus Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 395 (1834); Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. pag. 170 (1852).

Panopeus politus S. J. Smith, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., XII, pag. 282

(1869), Trans. Conn. Acad. v. II pags. 3, 34 pl. 1 fig. 4, 1869 (1871-73), Amer. Journ. Sci. (2), 48, pag. 389 (1869).

Eurypanopeus parvulus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 322, pl. 59 fig. 5 (1880).

Eurypanopeus politus A. Milne Edwards, loc. cit., pag. 323.

Panopeus parvulus Mary Rathbun, Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XIV, pag. 369, pl. XXI fig. 1 e pl. XXIII figs. 2 e 3 (1891).

PANOPEUS HARTTI S. Smith (1896).

Panopeus hartti S. Smith, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., XII, pag. 280 (1869), Trans. Conn. Acad. v. II pags. 5, 34, pl. I fig. 5, 1869 (1871-73), Amer. Journ. Sci. (2), 48, pag. 389 (1869); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 314 (1880); Mary Rathbun, Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV pag. 372, pl. XX fig. 1, pl. XXIV fig. 5 (1891).

PANOPEUS ANGUSTIFRONS M. Rathbun, Benedict 1891.

Panopeus angustifrons Mary Rathbun, Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV pag. 373, pl. XXII fig. 3 e pl. XXIV fig. 18 (1891).

PANOPEUS DISSIMILIS M. Rathbun, Benedict (1891).

Panopeus dissimilis Mary Rathbun and Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV pag. 366 pl. XX fig. 4 e pl. XXIII fig. 1 (1891).

PANOPEUS WURDEMANNI Gibbes 1850.

Panopeus wurdemanni Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 176 (1850) Leidy, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 17 (1855); Mary Rathbun, Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV pag. 372, pl. XXIV figs. 6 e 7 (1891).

PANOPEUS CRASSUS A. Milne Edwards 1880.

Panopeus crassus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 313 (1880); Mary Rathbun and Benedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV pag. 383 (1891).

PANOPEUS RUGOSUS A. M. Edwards 1880.

Panopeus rugosus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 314, pl. 57 fig. 4 (1880); Mary Rathbun, Be-

nedict, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XIV, pag. 383 (1891).

MICROPANOPE SPINIPES A. M. Edw. 1880.

Micropanope spinipes A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 326 pl. LIV fig. 2 (1880); Miers Challenger Brachy. pag. 130 (1886).

MICROPANOPE XANTHIFORMIS (A. M. Edw. 1880).

Panopeus xanthiformis A. M. Edw., Crust. Miss. Sci. au Méxique pag. 353, pl. LIII fig. 4 (1880).

Micropanope xanthiformis Mary Rathbun, Bull. Lab. Nat. Hist. State Univ., Iowa IV pag. 274 (1898), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 587 (1899).

CARPILIUS CORALLINUS (Herbst 1782).

Cancer corallinus Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse, v. I pag. 133 pl. V fig. 40 (1782), Fabricius, Entom. System. v. II pag. 445 (1793); Desmarest, Consid. Crust. pag. 103 (1825).

Carpilius corallinus Leach «Desmarest», loc. cit. pag. 104 — nota — (1825); de Haan, Fauna Japonica, Crust. pag. 17 (1834); Milne Edwards Hist. Nat. Crust. v. I pag. 381 (1834); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 174 (1850); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Crust. pag. XV (1857); A. Milne Edwards, Nouv. Arch. Mus., Paris, v. I pag. 216 (1865); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahr. v. I pag. 86 (1872); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 468 (1893).

LEPTODIUS FLORIDANUS (Gibbes 1850).

Chlorodius floridanus Gibbes, Proc. Amer. Assoc., pag. 175 (1850); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 209 (1862); S. Smith, Proc. Conn. Acad. v. II pag. 3, 1869 (1871-73); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci. Philad. pag. 395 (1879).

Leptodius floridanus Miers Challenger Brachy. pag. 137 (1886); Walter Faxon, Mem. Mus. Comp. Zool. Cambridge, U. S. Am. v. XVIII pag. 236 (1895); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed. Anatom. Comp., Torino, v. XII n. 280 pag. 2 (1897);

Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. Washington v. XXI pag. 589 (1899).

Chlorodius limosus Desb., Schramm « fide Miers ».

Etisus occidentalis White « fide Miers ».

MENIPPE RUMPHI (Fabricius 1798).

Cancer rumphi Fabricius, Entom. System. Suppl., pag. 336 (1798); Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse v. III pag. 63, pl. 49 fig. 2 (1799).

Pseudocarcinus rumphi Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I, pag. 408 (1834).

Menippe rumphi Dana, U. S. Expl. Exp., Crust., pag. 179 (1852); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 34, 1869 (1871-73); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg., v. I, pag. 88 (1872); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anatom. Comp., Torino v. XII n. 280 pag. 2 (1897).

CYCLOXANTHOPS DENTICULATUS (White 1848).

Xantho denticulatus White List. Crust. Brit. Mus. pag. 17 (1847) «sem descripção», Ann. and Mag. Nat. Hist. (2) v. II, pag. 285 (1848); S. Smith, Trans. Conn. Acad., v. II, pags. 3 e 33 1869 (1871-73), Proc. Boston Soc. Nat. Hist. v. XII pag. 274 (1869); Miers, Challenger Brachy. pag. 125 (1886); Walter Faxon, Mem. Mus. Comp. Zool. v. XVIII, pag. 236 (1895).

Cycloxanthops denticulatus Mary Rathbun, Ann. Inst. Jamaica I pag. 14 (1897), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 590 (1899).

TETRAXANTHUS BIDENTATUS (A. M. Edw. 1880).

Xanthodes bidentatus A. M. Edw. Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 353, pl. LIII fig. 5 (1880).

Tetraxanthus bidentatus Mary Rathbun, Bull. Lab. Nat. Hist. State Univ., Iowa, IV pag. 275 (1898), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 590 (1899).

ACTÆA RUFOPUNCTATA (M. Edwards 1834).

Xantho rufopunctatus Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I, pag. 389 (1834); A. Milne Edwards, Nouv. Arch. Mus.

Hist. Nat., Paris, v. I, pag. 268, pl. XVIII fig. 1-1a (1865).

var. NODASA (Stimpson 1860).

Actæa nodosa Stimpson Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 203, 1860 (1862); A. M. Edwards, Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. I pag. 266, pl. XVII fig. 6 (1865), Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 245 (1879); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 393 (1879), var.: *nodosa* Miers, Challenger Brachy. pag. 122 (1886).

ACTÆA INORNATA Mary Rathbun 1898-1899.

Actæa inornata Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. Washington, v. XXI, pag. 583 (1899).

OXYRHYNCHA

PARTHENOPIDÆ:

HETEROCRYPTA GRANULATA (Gibbes 1850).

Cryptopodia granulata Gibbes, Proc. Amer. Assoc., pag. 173 (1850).

Heterocrypta granulata Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. X pag. 103 (1871); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 166, pl. XXIX fig. 4 (1878); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 391 (1879); Miers, Challenger Brachy., pag. 103 (1886).

LAMBRUS GUÉRINI B. Capello 1871.

Lambrus guérini Brito Capello, Jorn. Sci. Math. Phys. e Nat. de Lisbôa, v. III pag. 264 pl. III fig. 5 (1871); Miers, Challenger Brachy. pag. 96 (1886).

LAMBRUS SERRATUS M. Edw. 1834.

Cancer macrocheles Seba. Rer. Nat. Thes, v. III pl. 20, fig. 12 (1758) «fide M. Edw.»

Cancer longimanus mas Linnæus, Mus. Lud. Ulr., pag. 441 (1764) «fide M. Edw.»

Lambrus serratus Milne Edw. Hist. Nat. Crust., v. I, pag. 357 (1834); A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci., au Mexique, pag. 156. pl. XXX, fig. 1 (1878); Miers, Challenger Brachy., pag. 97 (1886).

Lambrus lupoides White, List. Crust. Brit. Mus., pag. 12 (1847).

Lambrus crenulatus Saussure, Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 13, pl. I, fig. 4 (1858); Miers, Challenger Brachy., pag. 94 (1886).

MITHRAX HISPIDUS (Herbst 1790).

Cancer hispidus Herbst, Naturg. Krabben und Krebse 8º fasciculo, v. I, pag. 247, pl. XVIII, fig, 100 (1790).

Maia spinicincta Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans vert. v. V., pag. 241 (1818), 2ª ed. pag. 434 (1838); Say, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad., I, pag. 458 (1818).

Mithrax spinicinctus Desmarest, Cons. Crust., pag. 150, pl. XXIII, figs. 1-2 (1825); Guérin, Iconog. Règn, Anim., Crust., pl. VII, fig. 5 (1829-44); White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 7 (1847).

Mithrax hispidus M. Edw. Mag. Zool. 2e an. cl. VII (1834), Hist. Nat. Crust. v. I, pag. 322 (1834); De Kay, New-York Fauna, pag. 4 (1844); White, loc. cit., pag. 6; Gibbes Proc. Amer. Assoc., pag. 172 (1850); Saussure, Mem. Soc. Phys. Genève v. XIV, pag. 423 (1858); Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 7 (1858); Stimpson, Amer. Journ. Sci., XXIX, pag. 132 (1860); Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII, pag. 188 (1862); Bull. Mus. Comp. Zool. II, pag. 116 (1870); Desbonne et Schramm, Crust. dela Guadeloupe, pag. 7 (1867); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pags. 2 e 32, 1869 (1871-1873) Amer. Journ. Sci., XLVIII, pag. 389 (1869); von Martens, Arch. fur Naturg. 38 Jahrg. v. I, pag. 82 (1872); Schramm. Rev. et Mag. Zool (3) v. II pag. 342 (1874); A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci., au Mexique, pag. 39, pl. XXI (1875); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 390 (1879); Miers, Journ. Linn. Soc., London, v. XIV, pag. 667, pl. XIII, figs. 7 e 8 (1879); Miers, Challenger Brachy., pag. 86 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV, pag. 265 (1892); Ortmann, Zool.

Intercale-se, entre as linhas 4 e 5 da pag. 130, a designação de familia :

PERICERIDÆ :

Jahrb. System., v. VII, pag. 64 (1893); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI, pag. 579 (1899).

Mithrax pleuracanthus Stimpsou, loc. cit.; A. Milne Edwards, loc. cit. pag. 95, pl XX fig. 3; Kingsley loc. cit.; Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad. Hand. v. XXIII, I pag. 58 (1889).

Mithrax hispidus var.: *pleuracanthus* Miers, loc. cit. pag. 88.

MITHRAX CORNUTUS Saussure 1857.

Mithrax cornutus Saussure, Rev. Mag. Zool., (2) v. IX pag. 501 (1857), Mem. Soc. Phys. Genève v. XIV, pag. 423 (1858). Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles pag. 7 (1858); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 97, pl. XXII (1875); Miers, Chanlenger Brachy., pag. 87 (1886).

MITHRAX FORCEPS (A. Milne Edwards 1875).

Mithraculus forceps A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 109 pl. XXIII fig. 1 (1875).

Mithraculus hirsutipes Kingsley, Proc. Boston Soc. Nat. Hist. XX pag. 147 (1879). Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 389, pl. XIV fig. 1 (1879); Heilprin, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 318 (1888).

Mithrax forceps Miers, Challnenger Brachy. pags. 87-88 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 269 (1892), ibid, oper. cit. v. XXI pag. 579 (1899).

Mithrax hirsutipes Miers, loc. cit. pag. 87.

MITHRAX CORONATUS (Herbst 1782).

Cancer coronatus Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse, v. I pag. 184, pl. XI fig. 63 (1782).

Cancer coryphe Herbst, oper. cit. v. III pag. 8 (1801).

Mithraculus coronatus While, List. Crust. Brit. Mus. pag. 7 (1847) «partim»; Stimpson, Amer. Journ. Sci. v. XXIX. pag. 132 (1860), Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 186, 1860 (1862), Bull. Mus. Comp. Zool., II pag. 118 (1870);

S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pags. 1-32, 1869 (1871-73), Amer. Journ. Sci. XLVIII, pag. 389 (1869); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 106, pl. XX fig. 1 (1875); Kingsley Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 388 (1879); Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad. Hand., v. 23, 1, pag. 58, pl. III fig. 8 (1889).

Mithrax sculptus Desb. et Schramm, Crust, de la Guadeloupe, pag. 9 (1867).

Mithrax coronatus Miers, Challenger Brachy. pags. 87 e 89 (1886); Pocock, Journ. Linn. Soc., London, v. XX pag. 510 (1890); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 272 (1892).

Mithrax coryphe Mary Rathbun, Ann. Inst. Jamaica, I pag. 11 (1897), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 579 (1899).

MITHRAX BRAZILIENSIS Mary Rathbun 1892.

Mithrax braziliensis Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 268, pl. 36 fig. 2 (1892).

MITHRAX HEMPHILLI Mary Rathbun 1892.

Mithrax hemphilli Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus, v. XV pag. 263, pl. 37 fig. 2 (1892); ibid., oper. cit. v. XXI pag. 579 (1899).

MITHRAX ACULEATUS (Herbst 1782).

Cancer aculeatus Herbst Naturg. der Krabben und Krebse v. I pag. 248 pl. XIX fig. 104 (1782).

Mithrax aculeatus Milne Edwards, Mag. Zool. II an. cl. VII (1832), His. Nat. Crust. v. I pag. 321 (1834), Atlas du Règn. Anim. de Cuvier, pl. 27 fig. 1; White List. Crust. Brit. Mus. pag. 6 (1847); Stimpson, Amer. Journ. Sci., XXIX pag. 132 (1860), Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 188, 1860 (1862); Desbonne et Schramm, Crust. de la Guadeloupe pag. 5 (1867); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 81 (1872); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 102 (1875); Miers, Challenger Brachy. pag. 86 (1886); Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad.

Hand. v. 23, 1, pag. 56 (1889); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 264 (1892).

MITHRAX SCULPTUS (Lamarck 1818).

Maia sculpta Lamarck, Hist. Anim. sans Vert., v. V. pag. 242 (1818) 2ª ed. pag. 436 (1838).

Mithrax sculptus Milne Edwards, Mag. Zool. II an. cl. VII (1832), Hist. Nat. Crust. v. I pag. 322 (1834); Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 172 (1850); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba, Crust. pag. XXVI (1857); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 83 (1872); Miers Challenger Brachy. pag. 87 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 271 (1892); Nobili, Boll. Mus. Zool. ed Anat. Comp., Torino. v. XII n. 280 pag. 1 (1897).

Mithrax (Mithraculus) sculptus Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 64 (1893).

Mithraculus coronatus White, List. Crust. Brit. Mus. pag. 7 (1847) «partim».

Mithrax minutus Saussure, Mem. Soc. Phys., Genève v. XIV pag. 425, pl. I fig. 1 (1858); Crust. Nouv. du Mexique et des Antilles, pag. 9 pl. I fig. 1 (1858); Desbonne et Schramm, Crust. de la Guadeloupe, pag. 10 (1867).

Mithraculus sculptus Stimpson, Amer. Journ. Sci., XXIX pag. 132 (1860); Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 186, 1860 (1862), Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 117 (1870); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 105 pl. XX fig. 2 (1875); Miers, Journ. Linn. Soc. v. XIV pag. 667 (1879); Kingsley, Proc. Acad Nat. Sci., Philad. pag. 389 (1879); Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad. Hand. v. 23, 1, pag. 58 (1889); Kendall, Bull. U. S. Fish. Commis. IX pag. 303, 1889 (1891); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 189 (1891).

MITHRAX CRISTULIPES (Stimpson. 1860).

Teleophrys cristulipes Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 190, pl. II fig. 2, 1860 (1862), Amer. Journ. Sci., v. XXIX pag. 133 (1860). A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 113 pl. XIX fig. 2 (1875).

Mithrax (Teleophrys) cristulipes Miers, Journ Linn. Soc. v. XIV pag. 667 (1879); Pocock, Journ. Linn., Soc., v. XX pag. 508 (1890).

Mithrax cristulipes Miers, Challenger Brachy. pag. 87 (1886).

Mithrax cristulipes Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 273 (1892).

PITHO LHERMINIERI (Schramm 1867).

Othonia lherminieri Schramm, Crust., Guadeloupe pag. 20 (1867).

Pitho lherminieri Mary Rathbun, Ann. Inst. Jamaica, I pag. 8 (1897), Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI, pag. 578 (1899).

MICROPHRYS BICORNUTUS (Latreille 1825).

Pisa bicornuta Latreille, Encyclop. Method. v. X pag. 141 (1825).

Pericera bicorna Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I, pag. 337 (1834).

Pisa bicorna Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 170 (1850).

Pericera bicornuta Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba pag. XXVIII (1857) von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 85 pl. IV fig. 5 (1872).

Pericera bicornis Saussure, Rev. Mag. Zool. (2) IX pag. 501 (1857); Mem. Soc. Phys. Genève v. XIV pag. 428, pl. I fig. 3 (1858); Crust. Nouv du Mexique et des Antilles, pag. 12, pl. I fig. 3 (1858).

Milnia bicornuta Stimpson Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 180, 1860 (1862), Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 111 (1870); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pags. 1 e 33, 1869 (1871-1873), Amer. Journ. Sci. XLVIII pag. 398 (1869).

Pisa galibica Desbonne e Schramm, Crust. de la Guadeloupe, pag. 18 (1867).

Pisa purpurea ibid. loc. cit.

Omalacantha hirsuta Streets, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 238 (1871); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 65 (1873).

Microphrys bicornutus A. M. Edwards, Nouv. Arch. Mus. Hist. Nat., Paris, v. VIII pag. 247 (1872), Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 61, pl. XIV fig. 2-4 (1873); Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 385 (1879); Miers, Challenger Brachy. pag. 83 (1886); Heilprin, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 318 (1888); Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad. Hand. v. 23, I pag. 55 pl. 2 fig. 4 (1889); Pocock, Journ. Linn. Soc. v. XX pag. 507 (1890); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 178 (1891); Kendall, Bull. U. S. Fish. Commi., IX pag. 303, (1891) Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 253 (1892), ibid. oper. cit. v. XXI pag. 577 (1899).

PICROCEROIDES TUBULARIS Miers 1886.

Picroceroides tubularis Miers, Challenger Brachy. pag. 77, pl. X fig. 1 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 248 (1892).

LEPTOPISA SETIROSTRIS Stimpson 1871.

Tiarina setirostris Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 114 (1871).

Leptopisa setirostris Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 114 « texto » (1871); Mary Rathbun, Proc. Un. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 576 (1899).

Macrocœloma tenuirostra Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 252, pl. XXXIII fig. 1 (1892).

MACROCŒLOMA TRISPINOSUM (Latreille 1825).

Pisa trispinosa Latreille, Encyclop. Method. v. X pag. 142 (1825).

Pericera trispinosa Guérin, Icon. Règn. Anim., Crust. pl. 8 fig. 3 (1829-44); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 336 (1834); Gibbes, Proc. Amer.

Assoc. pag. 172 (1850); Saussure, Mem. Soc. Phys. Genève v. XIV pag. 426 (1858); Desbonne et Schramm, Crust. de la Guadeloupe, pag. 15 pl. 5 fig. 13 (1867); Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 112 (1870); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 84 pl. IV figs. 4 a e 4 b (1872); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 52 pl XV fig. 2 (1873), Bull. Mus. Comp. Zool. VIII pag. 1 (1880); Aurivillius K. Sv. Vet. Akad. Hand. v. 23, 1, pag. 55, pl. II fig. 2 (1889); Ives, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 178 (1891).

Macrocœloma trispinosa Miers, Journ. Linn. Soc. v. XIV pag. 665 (1879), Challenger Brachy. pags. 79 e 80 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 249 (1892), ibid. oper. cit. v. XXI, pag. 576 (1899).

MACROCŒLOMA SEPTEMSPINOSUM (Stimpson 1870).

Pericera septemspinosa Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 113 (1870); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pags. 59 e 200, pl XV A, fig. 2 (1873); Miers, Challenger Brachy. pag. 80 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 250 (1892), ibid., oper. cit. v. XXI pag. 576 (1899).

MACROCŒLOMA CONCAVUM Miers 1886.

Macrocœloma concava Miers, Challenger Brachy., pag. 81, pl. X fig. 2 (1886), ibid. oper. cit. v. XXI pag. 576 (1899).

PERICERA CORNUTA (Herbst 1804).

Cancer cornudo Herbst. Naturg. der Krabben und Krebse, v. III 4º fasc. pag. 6, pl. 59 fig. 6 (1804).

Maia taurus Lamarck, Hist. Nat. Anim. sans Vert., v. V pag. 242 (1818).

Pericera cornuta Latreille, Règn. Anim., Cuvier 2ª ed. v. IV pag. 58 (1829); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 335 pl. 14 (bis), figs. 4 e 5 (1834), atlas Règn. Animal, Cuvier, 3 ed., Crust. pl. XXX fig. 1; Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 172 (1850); Guérin, in: de la Sagra, Hist. Cuba, pag. XXVIII (1857); Saus-

sure, Mem. Soc. Phys. Genève, v. XIV pag. 426 (1858); Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 183, 1860 (1862), Bull. Mus. Comp. Zool. II pag. 113 (1870); Desbonne et Schramm, Crust. de la Guadeloupe pag. 12 (1867); Streets, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 131 (1872); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 84 (1892); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 51 (1873); Miers, Journ. Linn. Soc. v. XIV pag. 664, pl. XIII figs. 4-5 (1879), Challenger Brachy. pag. 76 (1886), Aurivillius, K. Sv. Vet. Akad. Hand. v. 23, 1, pag. 54 pl. 2 fig. 3 (1889); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 244 (1892); Ortmann, Zool. Jahrb. v. VII pag. 63 (1893).

Chorinus armatus Randall, Journ. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 108 (1839).

LIBINIA SPINOSA Milne Edwards 1834.

Libinia spinosa Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 301 (1834); Guérin, in: Icon. Règn. Anim., Crust. pl. 9 fig. 3 (1829-44); Milne Edwards e Lucas, in: d'Orbigny, Voyag. dans l'Amer. Mérid. Crust. pag. 6 (1843); Nicolet, in: Gay, Hist. Chile, Fauna v. III pag. 128 (1849); Miers, Challenger Brachy. pag. 73 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 274 (1892), ibid., oper. cit. v. XXI pag. 574 (1899).

LIBINIA FERREIRAI B. Capello 1871.

Libinia ferreiræ Brito Capello, Jorn. Sc. Mathet. Phys. e Nat. da Acad. Sci., Lisbôa, v. III pag. 262, pl. III fig. 1 (1871); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 274 (1892).

LIBINIA BRAZILIENSIS (Heller 1865).

Libidoclea braziliensis Heller, Crust. Novara, pag. 1 pl. I, fig. 1-2, 1865 (1868); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 32, 1869 (1871-1873); Ortmann, Zool. Jahrb., System. v. VII pag. 46 (1893).

Libinia braziliensis Miers, Challenger Brachy. pag. 73 (1886); Mary Rathbun,

Proc. U. S. Nat. Mus. v. XV pag. 274 (1892).

LIBINIA GIBBOSA A. Milne Edwards 1878

Libinia gibbosa A. Milne Edwards, Miss. Sci. au Mexique, Crust. pag. 131 « nota » (1878); Miers, Challenger Brachy. pag. 73 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., v. XV pag. 274 (1892).

MAJIDÆ:

NOTOLOPAS BRAZILIENSIS Miers 1886.

Notolopas braziliensis Miers Challenger Brachy. pag. 64 pl. VIII fig. 1 (1886).

HERBSTIA DEPRESSA Stimpson, 1860.

Herbstia depressa Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York v. VII pag. 185, 1860 (1862); A. M. Edwards, Miss. Sci. au Mexique, Crust., pag. 77 (1875).

Herbstiella depressa Stimpson, loc. cit. v. X pag. 93 (1871).

Herbstia (Herbstiella) depressa Miers, Challenger Brachy., pag. 51, pl. VII fig. 2 (1886).

PUGETTIA SCUTIFORMIS (Dana 1851).

Peltinia scutiformis Dana, Amer. Jouru. Sci. (2ª ser.) v. XI pag. 273 (1851); U. S. Expl. Exp., Crust. v. XIII part. I pag. 130 pl. V fig. 7 (1852); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 33 (1871-1873).

Pugettia scutiformis Miers, Challenger Brachy., pag. 40 « nota » (1886).

ACANTHONYX PETIVERI Milne Edwards 1834.

Cancer muricatus compressus, Petiver, Petrograph. Amer. pl. XX fig. 8 (1712).

Acanthonyx petiveri Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 343 (1834); Dana, U. S. Expl. Exp. Crust., pag. 128 pl. 5 fig. 6 (1852); Guérin, in: de La Sagra, Hist. Cuba pag. XXVIII (1857); S Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag. 33 (1871-1873); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 143 pl. XXVII fig. 7 (1878); Miers, Challenger Brachy. pag. 42 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 72 (1894).

TYCHE EMARGINATA White, 1847.

Tyche emarginata White, Ann. Mag. Nat. Hist. XX pag. 206, (1847); Mary

Intercale-se, entre as linhas 19 e 20 da pag. 138, a designação de familia :

INACHIDÆ :

Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XXI pag. 573 (1899).

PELIA ROTUNDA A. M. Edw. 1875.

Pelia rotunda A. M. Edw., Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 74, pl. XVI fig. 4. (1875); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus, Washington, v. XXI pag. 573 (1899).

EPIALTUS BRAZILIENSIS Dana 1852.

Epialtus braziliensis Dana, U. S. Expl. Exp., Crust. pag. 132, pl. 6 fig. 1 (1852); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II, pag. 33 (1871-73).

LEUCIPPA PENTAGONA M. Edw. 1833.

Leucippa pentagona M. Edwards, Ann. Soc. Entom., France II, pag. 517, pl. XVIII B, figs. 1, 2 (1833); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus., Washington, v. XXI pag. 572 (1899).

Leucippa ensenadæ M. Edw. et Lucas, in: D'Orbigny, Voyage dans l'Amérique Mérid. VI part. I pag. 9 (1843); IX pl. V fig. 3 (1847).

Leucippe læevis Dana. Amer. Journ. Sci. 2ª ser. XI pag. 273 (1851); U. S. Expl. Exp., Crust. pag. 135 pl. 6 fig. 5 (1852); S. Smith, Trans. Conn. Acad. v. II pag 33 (1871-73).

CHORINUS HEROS (Herbst 1796.)

Cancer heros Herbst, Naturg. der Krabben and Krebse, v. II pag. 165 pl. XVIII fig. 102, e pl. XLII fig. 1 (1796).

Maia heros Bosc., Hist. Nat. Crust. v. I pag. 251 (1802).

Pisa heros Latreille, Encyclop. Method. v. X pag. 139 (1825).

Chorinus heros Leach. «Latreille» loc. cit.; Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 315 (1834); Atlas, Règn. Anim. de Cuvier, pl. XXIX fig. 2; Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 172, (1850); Guérin, in: de la Sagra, Hist. Cuba pag. XXVII (1857); Desbonne et Schramm, Crust. de la Guadeloupe pag. 18, (1867); von Martens, Arch. für Naturg. 18, Jahrg. v. I, pag. 80, pl. IV fig. 2, (1872); A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 86 (1875); Kingsley, Proc.

Acad. Nat. Sci., Philad. pag. 385 (1879); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 65 (1894).

APOCREMNUS SEPTEMSPINOSUS A. Milne Edwards 1879.

Apocremnus septemspinosus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 185, pl. XXXV fig. 5 (1879); Miers, Challenger Brachy. pag. 17 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 57. (1894).

BATRACHONOTUS BRAZILIENSIS Mary Rathbun 1894.

Batrachonotus braziliensis M. Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 54 (1894).

PODOCHELA RIISEI Stimpson 1860.

Podochela riisei Stimpson, Ann. Lyc. Nat. Hist. New-York, v. VII pag. 196, 1860 (1862); A. M. Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique pag. 193 pl. XXXIV fig. 1, (1879); Miers, Challenger Brachy., pag. 11 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 48 (1894).

Dryope falcipoda Desb. et Schramm, Crust. de la Guadeloupe pag. 2 (1867).

Podonema riisei Stimpson, Bull. Mus. Comp. Zool II pag. 126 (1870); Miers, Journ. Linn. Soc., London v. XIV pag. 543 (1879).

Coryrhynchus riisei Kingsley, Amer. Nat. v. XIII pag. 585 (1879), Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 384 (1879).

METOPORAPHIS FORFICULATUS A. M. Edw 1878.

Metoporaphis forficulatus A. Milne Edwards, Crust. Miss. Sci. au Mexique, pag. 174 pl. XXXI fig. 3 (1878); Miers, Challenger Brachy. pag. 5 (1886).

LEPTOPODIA SAGITTARIA (Fabricius 1793).

Cancer sagittarius Fabricius, Entom. System. II pag. 442 (1793).

Cancer seticornis Herbst, Naturg. der Krabben und Krebse v. I pag. 299 e v. III pag. 27, pl. XVI fig. 91 e pl. LV fig. 2 (1782 e 1799).

Inachus sagittarius Fabricius, Suppl. Entom. System. pag. 359 (1798).

Macropus sagittarius Latreille, Hist. Nat. Crust. Insect. II pag. 112 (1802).

Leptopodia sagittaria Leach, Zool. Misc. v. II pag. 16 pl. LXVII (1815); Latreille, Encyclop. Method. pl. 299 fig. 1 (1823); Desmarest, Consid. Crust. pag. 155 pl. XVI fig. 2 (1825); Guérin, Icon. Régn. Anim. Crust. pl. 11 fig. 4 (1829-1844); Milne Edwards, Hist. Nat. Crust. v. I pag. 276 (1834), Atlas Règn. Anim., Cuvier, 3e ed. pl. XXVI fig. 1 e pl. 36 fig. 1 da ed. Renouard; Gibbes, Proc. Amer. Assoc. pag. 169 (1850); von Martens, Arch. für Naturg. 38 Jahrg. v. I pag. 79 (1872); A. Milne Edwards, Crust., Miss. Sci. au Mexique pag. 172 (1878) «partim»; Kingsley, Proc. Acad. Nat. Sci., Philad., pag. 383 (1879); Miers, Challenger Brachy. pag. 4 (1886); Mary Rathbun, Proc. U. S. Nat. Mus. v. XVII pag. 44 (1894).

Leptopodia ornata Guilding, Trans. Linn. Soc., London v. XIV pag. 335 (1823).

Leptopodia lanceolata Brullé, in: Webb and Berthelot, Hist. Canaries pl. I (1835-1844).

INDICE

« Os synonymos são impressos em italico »

A

B

C

D

E

G

H

I

L

M

N

O

P

R

S

T

U

X

Z

Corrigenda

Pag. 5 linha 5 leia-se no logar de Danna, Dana.
» » » 11 » » » » aos, os.
» » » 29 » » » » da, de.
» 13 » 7 » » » » Herbest, Herbst.
» 14 » 6 » » » » Decopodes, Decapodes.
» 17 » 25 » » » » me, nos.
» 18 » 38 » » » » creio, cremos.
» 27 » 18 » » » » observamos, observar.
» 36 » 7 » » » » Herbst, (Herbst).
» » » 17 » » » » cephalotorax, cephalothorax.
» 42 » 22 » » » » Lam. (Lam.)
» 49 » 28 » » » » L., (L.)
» 52 » 27 » » » » Gerion, Geryon.
» 54 » 13 » » » » Callinectes tumidus, Callinectes exasperatus.
» 88 » 28 » » » » axyophthalma, oxyophthalma.
» 90 » 18 » » » » Pterigraph, Petrigraph.
» 91 » 10 » » » » setellicola, stellicola.
» 102 » 43 » » » » Mantens, Martens.
» 113 » 6 » » » » Uca stenodactyla Milne Edwards et Lucas (1843), Uca stenodactyla (Milne Edwards et Lucas, 1843).
» 117 linha 31 leia-se no logar de Bostou, Boston.
» 131 » 4 » » » » Stimpsou, Stimpson.
» » » 17 » » » » Chanlenger, Challenger.
» » » 27 » » » » Challnenger, Challenger.
» 146 » 28 » » » » Hylæocarcinus humei Wood Mason, *Hylœocarcinus humei Wood Mason*.
» 24 a nota refere-se á palavra loxochelis, linha 25.
» 34 linhas 1 e 2 da nota, leia-se no logar de Hypochoncha, Hypoconcha.
» 47 linha 2 da nota, leia-se no logar de creio, cremos.
» 60 » 1 » » » » » » Menipe, Menippe.
» 67 » 2 » » » » » » langirostris, longirostris.

4933

ESTAMPA I

Fig. 1 — **Senex lævicauda** Latr. $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.

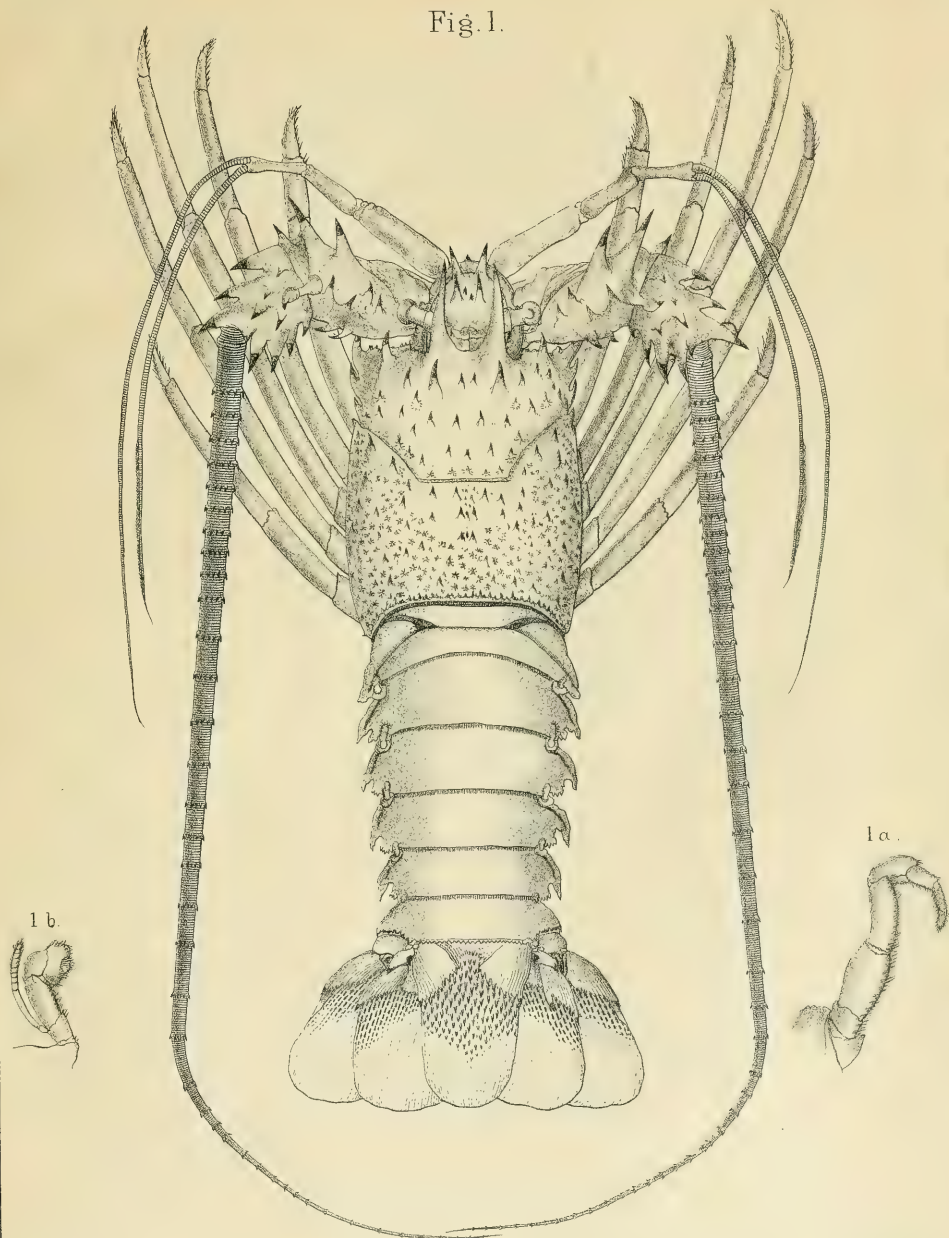
» 1 *a* — 3° maxillipede (externo).

» 1 *b* — 2° maxillipede (médio).

CARLOS MOREIRA, DEL. IMPRENSA NACIONAL

SENEX LÆVICAUDA LATR.

ESTAMPA II

FIG. I — **Pagurus loxochelis** (nov. sp.), tamanho natural.

» I *a* — parte anterior do cephalothorax e appendices cephalicos $\frac{9}{1}$.

» I *b* — quarta perna direita $\frac{9}{1}$.

» I *c* — quinta perna direita $\frac{9}{1}$.

» I *d* — dactylo da segunda perna esquerda $\frac{10}{1}$.

» I *e* — lamina branchial da extremidade da penultima branchia do lado esquerdo $\frac{10}{1}$.

» I *f* — lamina branchial da região média da ultima branchia do lado esquerdo $\frac{10}{1}$.

Fig. 1

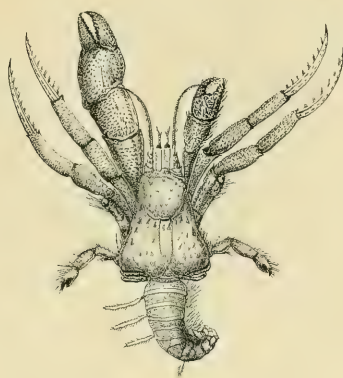



Fig. 1 a

Fig. 1 e

Fig. 1 f

Fig. 1 c

Fig. 1 d

Fig. 1 b

CARLOS MOREIRA, DEL.

IMPRENSA NACIONAL

PAGURUS LOXOCHELIS. (nov. sp.)

ESTAMPA III

FIG. 1 — **Dissodactylus crinitichelis** (nov. sp.) ♂ $\frac{6}{1}$.

» 2 — abdomen de um macho $\frac{6}{1}$.

» 3 — chelipede esquerdo de um individuo bem desenvolvido (face externa) $\frac{6}{1}$.

» 4 — maxillipede externo do lado direito (face interna) $\frac{16}{1}$.

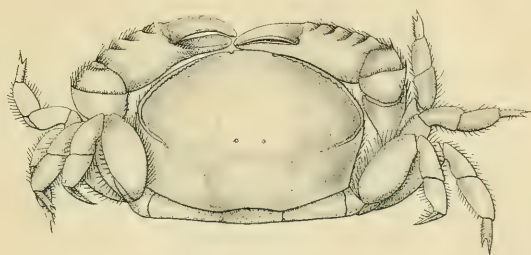



Fig. 1 ♂ × 6

Fig. 4 × 16

× 6 *Fig. 2*

Fig. 3 × 6

CARLOS M. DEL. IMPRENSA NACIONAL

DISSODACTYLUS CRINITICHELIS. (nov. sp.)

ESTAMPA IV

FIG. 1 — **Dilocarcinus lævifrons** (nov. sp.) ♀, pouco maior que o natural.

» 2 — dactylos dos 1° e 4° cruripides do lado esquerdo 3 $\frac{1}{2}$.

» 3 — abdomen ♀, tamanho natural.

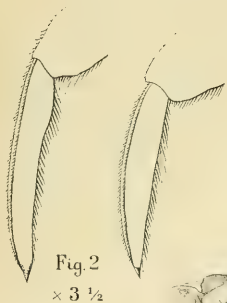
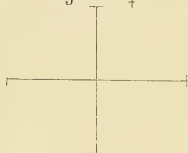
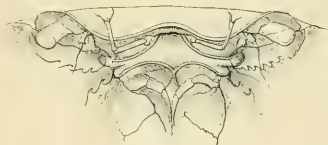
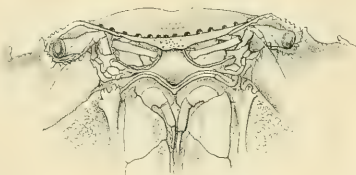
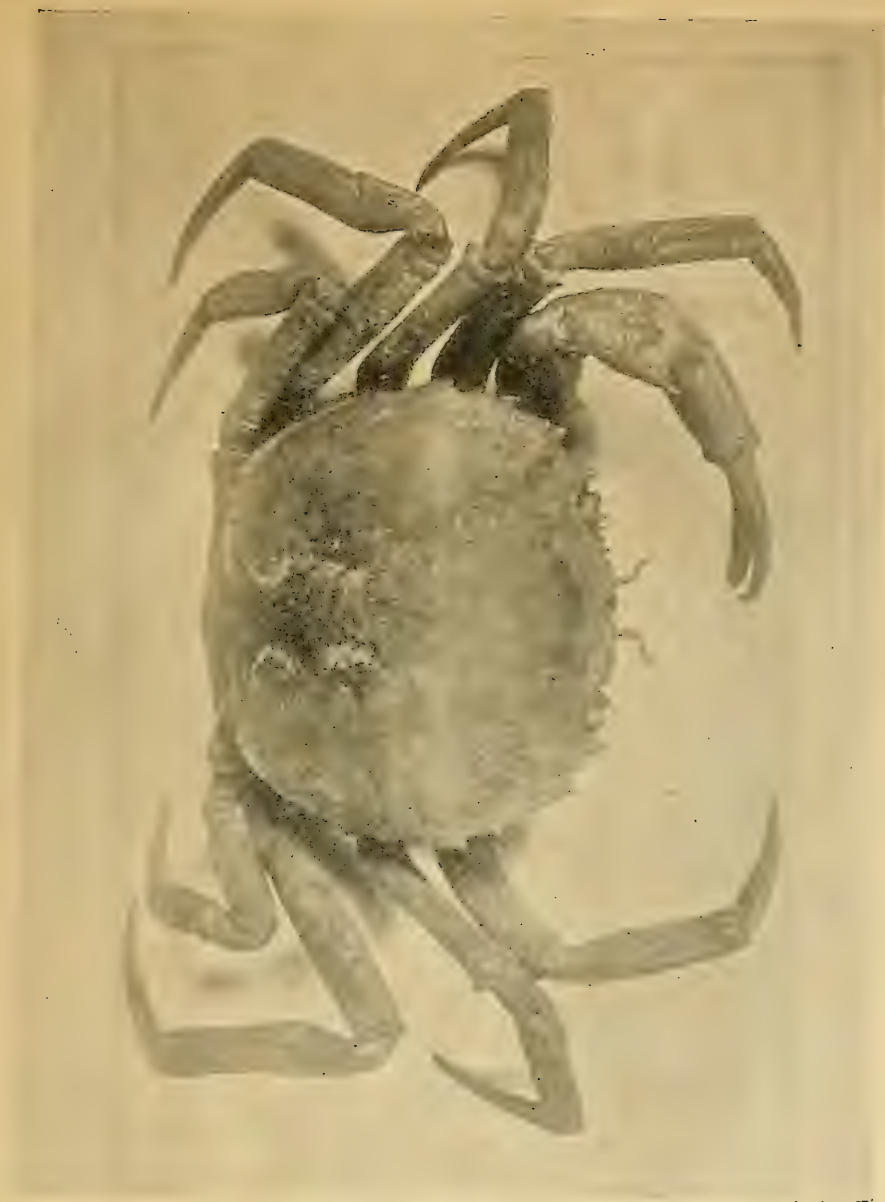
» 4 — região facial $\frac{2}{1}$.

» 5 — **Sylviocarcinus devillei** M. Edw., ♂, tamanho natural.

» 6 — dactylos dos 1° e 4° cruripedes do lado esquerdo, tamanho natural.

» 7 — abdomen ♂, $\frac{2}{3}$.

DILOCARCINUS LÆVIFRONS ♀ Fig. 1 a 4.(nov. sp.)

SYLVIOCARCINUS DEVILLEI ♂ M. Edw Fig. 5 a 7.

SYLVIOCARC NUS DEVILL I M. Edw. (♂ tamanho natural)